



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE

IVANDILSON MIRANDA SILVA

**A CULTURA AMOROSA NO SÉCULO XXI: ESTUDO SOBRE LIVROS DE
AUTO-AJUDA COMO MANUAIS DE CONQUISTA E RELACIONAMENTOS**

SALVADOR

ANO 2012

IVANDILSON MIRANDA SILVA

**A CULTURA AMOROSA NO SÉCULO XXI: ESTUDO SOBRE LIVROS DE AUTO-AJUDA
COMO MANUAIS DE CONQUISTA E RELACIONAMENTOS**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de
Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade
Federal da Bahia.

Orientador: Professor-Doutor Igor Rossoni

Salvador

Ano 2012

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Silva, Ivandilson Miranda.

A cultura amorosa no século XXI: estudo sobre livros de auto-ajuda como manuais de conquista e relacionamentos / Ivandilson Miranda Silva. - 2012.

121 f.

Orientadora: Prof. Dr. Igor Rossoni.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2012.

IVANDILSON MIRANDA SILVA

**A CULTURA AMOROSA NO SÉCULO XXI: ESTUDO SOBRE LIVROS DE
AUTO-AJUDA COMO MANUAIS DE CONQUISTA E RELACIONAMENTOS**

Dissertação apresentada ao Programa
Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e
Sociedade da Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Igor Rossoni – Orientador
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. José Cláudio Alves de Oliveira
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Erivelton Nonato de Santana
Universidade do Estado da Bahia

13 de Junho de 2012

Salvador, BA

Dedico este trabalho às seguintes pessoas:

- Carla Maria (esposa e companheira que muito contribuiu para este trabalho), Dona Maria (melhor sogra do mundo), Monâ (primeiro herdeiro);
- Ian Kamal (Menino lindo e mais novo amor das nossas vidas que chegou em pleno desenvolvimento da pesquisa. A teoria se fez prática);
- Especialmente a minha mãe Dona Edna Miranda (*in memorian*) que sempre se orgulhou da minha opção pelos estudos;
- Ao Saudoso Professor Gey Espinheira (meu mestre) que foi o grande estimulador dessa pesquisa com o curso de sociologia das emoções em São Lázaro/UFBA. Obrigado por tudo.
- Matheus Leal (*in memorian*), garoto alegre que nos deixou precocemente;
- Aos Familiares: Igor, Alana, Aline, Rafael, Vitória, Paulinho, Emanuel, Tomaz, Jonas, Alexandre, Ivanildo, Marcio, Simone, Bruna, Denilson, Vânia, Evandro, Lita;
- Dona Edna (Mãe de consideração);
- Banca examinadora: Professores/doutores Claudio (Imperador) e Erivelton Nonato de Santana por aceitarem o convite;
- Ao Professor Doutor Igor Rossoni por me orientar, por ter trilhado comigo este caminho tão árduo em busca do conhecimento e por ser mais que um orientador. Tive a oportunidade de aprender com um grande mestre que acreditou nas minhas pretensões acadêmicas. Hoje o que era sonho, torna-se realidade, a dissertação é fato. Muito obrigado amigo.

AGRADECIMENTO

Agradeço essas páginas aos amigos, colegas professores, estudantes, acadêmicos e o público que valoriza minha pesquisa. Ronan, Pedro, Fayga, Larissa, Egberto, Gilmário, Renata, Ivana, Roberta, Mariana, Rodrigo, Nane, Lucas, Anina, Leonardo, Cecília, Sarah, Lilian, Fernanda e Fernandinha, Xicco, Andrea, (**Meus colegas do Mestrado e Doutorado**) José Eduardo Ferreira, Antônio Sandro, César Batista, Rafael, Renata, Clerisvan Barbosa, Manu e Lucca, Fábio Costa, Rui Brandão, Hamilton Queiroz, Moisés Batista (**Amigos**), Daniel Bispo, Augusto Marvin, Rosimeire e Clarinha, Vânia Rita, Daniel Alem, Sandro Augusto, Jorge Macêdo e Sueli, Juvenal de Carvalho, Carla Patricia, Adilson, Jean e Nildão, Mônica, Cristiane, Maurício Punk, Daniela, Andrea Ribeiro, Sandra Gama, Maristela, Patrocínio, Márcia Vaquer e Marcinha, Luis Antônio (Papa) (**Movimento Secundarista**), Valdeluce, Joceval, Anderson Luis, Lilian, Flaviane, Fábio, Rosa, Samir, Tiago, Ângelo, Dourival, Elton, Toni, Iamara, Valvir, Tarcisio, Paulo, Edemir, Alane, Gilcilene, Daniele (**DCE Católica**) Joelma, Telma, Ana, Gal e Dona Maria Helena Vitória, Mário, Marcos, Tica, Ezileuza, Eliene, Olicéia, Sil, Dêa e Paulo, Vânia, Val, Paulinha e Eduardo (**Amigos**), Maurício Castro, Luciana, Iara Icó, Tati Reis, Hildete, Vera Eça, Luana, Jaurez, Chico Sindcodb, Jussara Ciuffo, Lucielma e Jeane, Carol e Helena, Celinha, George e Mariana, André, Aline, Vânia Herminia, Alex, Bruno, Alan, Negreiros, Fabio Francês, Vilemar, Adriana, Altamirando, Aila, Cláudia Conceição, Edvaldo, Nadja Aline, Alane, Eduardo, Tiago, Raimundo, Ricardo Pena, Ailton, Joaquim, Val, Sandra, Fabiana, Tatiana Tessy, Sueli Lago, Conceição, Cristina, Clélia, Zuleide, Vera Deccó, Thereza Olívia, Larissa Mega, Susã Lira e Isa Amado, Peter, Jefferson, Carla Cid e Castro, Patrícia Vergasta, Vânia Vergasta e Paulo, Cristina Hireche, Rodrigo (**Professores**) Josué Ramiro, Fábio, Daniel e Ronaldo Ceará (**Banda Periferia**), Michele, Jackson, Ricardo Cabeça e Simbiose, Márcio, Liliane e Bira, Maria Carina, Elisângela, Luis Russo, Peterson, Jader, Grimaldo, Ivan, Cristiane, Cláudia, Marcos Santana, Eliene, Anna Kaufman, Soninha, Rosângela, Ana Maria, Antônio Profeta, Ivanildes, Ivonise, Sandra, Itaylson, Nélia, Dona Vani, Padre Clóvis (**Galera do Cursinho**) Lázaro, Vitor e Nadja, Olga, Raimundo, Ednilze, Natércia, Angela e Camila, Carlos, Bob Leone e Luis, Dalva, Ronaldo e Rebeca, Arthur, Gleydson (Michel) Eduardo, Norma, Suede, Michel Baiense, Gilmar e Val, Mônica, Eliene, Rodrigo, Diego e Inara e os acadêmicos da Unime-Salvador, Luis, Caroline e família, Joca, Neto, Luciano, Cica, Cristiano, Laércio (**Galera de Jacuípe**), Ademário (pai e filho), Marcos Venícios (poeta), Sinho (secretariado) Daniela Palmeira, Lau, Seu Lino, Tuca, Mateus, Dona Lourdes e família, Sandra, Mário Sérgio, Márcio, Michael, Iraci, Marielza, Tonho, Romário, Iranildo, Frank, Gilberto, Jailton, Missinho, Raimundo, Adriano, (**Pastoral de Juventude**) Professor Marcos, Luana, Marlucinha, João (in memorian), Adriana, Dona Graça (**Bem-Me-Quer**) Genebaldo, Natal, Wilma, João, Bete, Milene, Lorena, Nívea, Cleyse (**Unime**) Minha turma de História e Matemática da UNEB. É gente!

Resumo

Este trabalho analisa a cultura amorosa no início do século XXI a partir do poder de persuasão dos livros de auto-ajuda como manuais e receituários de conquista para relacionamentos interpessoais. É considerável o número de indivíduos que buscam nos livros de autoajuda uma espécie de verdade absoluta, e – nessa procura – acabam por modificar comportamentos, vivenciarem metamorfoses, alterarem hábitos de consumo; de comunicação, entre outras questões. O uso desse discurso mercadológico do “sentimento” mobiliza o consumo dessas “verdades” ao transformá-las em modelos para a existência amorosa de um determinado tipo de receptor. O trabalho demonstra que o discurso de auto-ajuda estruturado pelos autores e apoiado pelas editoras, serve como cartilha de aconselhamento para diversos segmentos da sociedade brasileira. Embora existam críticas contundentes aos livros de autoajuda, essa obra propõe facilitar a vida, vendendo a ideia de felicidade, sucesso pessoal e prazer.

Palavras-chave: Cultura amorosa, século XXI, autoajuda e manuais.

Abstract

This paper analyzes the loving culture in the early twenty-first century from the persuasive power of self-help books and manuals and recipes of conquest for interpersonal relationships. There is a considerable number of individuals seeking self-help books in a kind of absolute truth, and - like this - ultimately change behaviors, to experience metamorphosis, changing consumer habits, communication, among other issues. The use of marketing discourse of "feeling" mobilizes the consumption of these "truths" to turn them into models for the loving presence of a certain type of receptor. This work demonstrates that the discourse of self-help authors and supported by structured by the publishers, serves as a primer of advice for various segments of Brazilian society. Although there are sharp criticism to self-help books, these works proposes to make life easier, selling the idea of happiness, personal success and pleasure.

Keywords: Culture loving twenty-first century, self-help manuals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1– REPRESENTAÇÕES E ABORDAGENS SOBRE O AMOR NO CURSO DA HISTÓRIA	18
1.1. Amor Platônico	20
1.2. Amor Cortês	23
1.3. Amor Paixão	26
1.4. Amor Romântico	27
CAPÍTULO 2– A CULTURA AMOROSA NO SÉCULO XXI: VISÕES CONTEMPORÂNEAS	30
2.1. Anthony Giddens e as Considerações Sobre a Transformação da Intimidade (Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades)	32
2.2. Bauman e o Amor Líquido	37
2.3. Algumas Reflexões Sobre Fragmentos de um Discurso Amoroso de Roland Barthes	45
CAPÍTULO 3– A ANÁLISE DOS CRÍTICOS SOBRE OS MANUAIS DE AUTOAJUDA	50
3.1. Arnaldo Chagas: A Ilusão no Discurso da Auto-Ajuda e o Sintoma Social	52
3.2. Francisco Rüdiger: Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo: Contribuição ao Estudo da Subjetividade na Cultura de Massa Contemporânea	58
CAPÍTULO 4 – OS LIVROS DE AUTO-AJUDA COMO MANUAIS DE CONQUISTA E RELACIONAMENTOS	66
4.1. O Precursor do Gênero Auto-Ajuda: Samuel Smiles, Ajuda-te (Self-Help)	66
4.2. Analisando as Obras: A Construção do Discurso de Auto-Ajuda e os Dispositivos Persuasivos	70

4.2.1. Porque os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor: Uma Visão Científica (e bem humorada) de Nossas Diferenças	73
4.2.2. Como Fazer Qualquer Pessoa Se Apaixonar Por Você	83
4.2.3. Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus	95
4.3. O Lugar da Cultura no Debate Sobre as Diferenças Entre Mulheres e Homens	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

O silêncio que envolve a organização textual possibilita e conduz à reflexão, e faz com que emerja daquele complexo uma atitude investigativa, exasperada, contundente e verdadeiramente viva para a vida.

Igor Rossoni

Pesquisar e materializar estudo de natureza qualquer, não deixa de ser uma atividade silenciosa e reflexiva que acena mudanças paradigmáticas para a continuidade da existência; por isso, experiência idiossincraticamente desconcertante.

Deste modo, a proposta de analisar a cultura amorosa no século XXI, tendo como foco o estudo dos livros de auto-ajuda como manuais de conquista e relacionamento se constituiu, enquanto preocupação epistemológica, ao iniciar carreira no magistério superior.

Com o avanço tecnológico que a humanidade vivencia, aspecto observado mais marcadamente nos últimos 20 anos, e toda complexidade que o momento proporciona, os indivíduos buscam, cada vez mais, soluções rápidas e fáceis para os problemas cotidianos, o que – de certo modo – cria a ilusão de que os proporcionaria maior controle sobre as próprias vidas.

Esse momento de mudanças, trouxe – a reboque – livros que prometem sucesso infalível por padronizarem as relações humanas em sociedade e generalizarem casos de êxitos, conferirem conselhos profissionais e afetivos, elegendo-se modelos a serem seguidos e, por consequência, consumidos. É crescente a leitura desse tipo de discurso, principalmente aqueles que “formam” conhecimentos exemplares sobre relações interpessoais.

Ruíram muros e rótulos. O mundo não mais se divide em blocos ideologicamente antagônicos; embora mantenham-se atualizados os vínculos econômicos deles advindos. Antes, o apartamento configurava-se a partir da constituição de dois blocos: o comunista e o capitalista, com concepções políticas e econômicas bem delimitadas e diferenciadas.

Após a queda do muro de Berlim (1989), unificando as Alemanhas (Oriental e Ocidental) e a desintegração das U.R.S.S (União das Repúblicas Socialista Soviéticas), em 1991, uma nova ordem mundial caracterizada pela globalização econômica se

estabelece. Assim, a filosofia ideológica de instituições da referência de, entre tantas, Coca-Cola, McDonalds, Microsoft; bem como o limite do cartão de crédito, por exemplo, se estruturam como os principais ícones da inclusão na sociedade do consumo, economicamente demarcada, encobrendo – de certa forma – a disputa de ideologias.

Se vivemos num mundo caracterizado por essa unipolarização; qual seja, o capitalismo como modelo virtuoso – onde a livre economia é o elemento pulsante e motivador do próprio sistema – o mercado se apresenta como o mecanismo regulador e gerador de gostos e duvidosas carências. Nesse sentido, pela velocidade e dinamismo do processo, questões relacionadas ao afeto se apresentam como produtos de consumo com forte propensão ao lucro, por ser-lhes implementada notabilidade de *fast food*, pela exploração mercadológica dos sentimentos humanos.

O estudo sobre a cultura amorosa no século XXI, a partir da análise dos livros de auto-ajuda como manuais (receitas) de conquista para novos relacionamentos, discute a seguinte problemática: A vida tem manual de instruções? Há receita pronta para o amor? Qual o poder de convencimento do discurso apresentado nessas obras?

A partir destes questionamentos e das leituras das obras, percebe-se que consumidores de livros de auto-ajuda estão propensos a darem vazão à publicações de que ensinam como ser um amante de sucesso. Como afirma Babo e Jablonski (2002, p.38):

Usa-se o amor para tudo, do produto mais mezinha como pasta de dentes a jóias de luxo e seguros de vida. Chega-se ao extremo de mudarem contextos históricos em filmes e novelas para introduzir romances, visando deleitar o público contemporâneo e fazer disparar os índices de audiência ou bilheteria.

Livros de auto-ajuda, para Viktor Chagas (2004, p.09): “É uma tentativa de extinguir o sofrimento. Para os teóricos da auto-ajuda, o que vale é pensar positivamente, enquanto o pensamento negativo se torna sinônimo de pensamento negativista”. O pensamento negativo é a o senso crítico, a necessidade de refletir filosoficamente sobre o conteúdo das obras. Tal atitude não é bem vista pelos escritores do gênero.

Os livros de auto-ajuda estudados nesta pesquisa: “*Como Fazer Qualquer Pessoa Se Apaixonar Por Você*” (2008), “*Porque os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor: Uma Visão Científica (e bem humorada) de Nossas Diferenças*” (2000), “*Homens*

São de Marte, Mulheres São de Vênus” (1995), e os clássicos: *Ajuda-te (Self-Help, 1859)* de Samuel Smiles e *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*, escrito em 1937 por Dale Carnegie, são anunciados e vendidos como uma espécie de verdade absoluta, manuais para seduzir e consolidar boas relações amorosas e pessoais num mundo marcado por praticidade, rapidez, impaciência, tempo escasso, dúvidas e muita ansiedade.

Bauman (2005, p.14,15) caracteriza o momento, chamado por muitos denominado pós-moderno e de transição, como “de uma sociedade que acreditava na eternidade, para uma que vive a infinitude”. A concepção sociológica de Bauman corrobora com a ideia de que as relações humanas, no cotidiano, são altamente vulneráveis e as consequências desse processo – entre elas, a insegurança – geram mais ansiedade e maior necessidade de encontrarem respostas práticas facilitadoras em relação à conquista amorosa. Nesse sentido, a figura do livro de auto-ajuda é apresentado pelo mercado como resposta satisfatória.

Deste modo, discutir a cultura amorosa no início do século XXI é investigar como indivíduos estão buscando relacionamentos e, de acordo com a proposta da pesquisa, como os livros de auto-ajuda geram modelos (receitas) para novas relações.

A análise sobre tais livros como solução “mágica” para consolidação de novas relações amorosas, sugere evidenciar que os amantes ou aqueles que buscam, estão diante de novas formas de viver a sociabilidade amorosa, como exemplifica Giddens (1993, p. 18): “As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno. A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades”.

De acordo com Lipovetsky (2007, p. 351), o projeto de vida pessoal acima problematizado, especifica a natureza de uma sociedade hiperconsumísta, em que o objetivo principal é “tornar a existência materialista mais qualitativa e mais equilibrada, os ideais de renúncia ao mundo foram trocados pelas técnicas de auto-ajuda”.

Todo o processo de mudanças que excita a análise sobre o discurso defendido pelos livros de auto-ajuda como elemento construtor de um tipo de sociabilidade amorosa no século XXI, apresenta a possibilidade de perceber a capacidade de interferência e moldagem de atitudes capaz de mobilizar milhões de consumidores para livrarias, sebos, feira de livros, internet, mercados, entre outros pontos de venda, em busca de tais modelos de sucesso pessoal.

É prudente mencionar o fato da dificuldade em encontrar dados concretos sobre o exorbitante número de exemplares comercializados pelo respectivo mercado. As editoras e os autores informam genericamente os números –são mais de 800 mil exemplares vendidos– impedindo o conhecimento real da comercialização dos livros.

Para Hall (2002, p.07) estamos num contexto que faz “surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno”. Portanto, investigar o discurso e a dinâmica por trás dos livros de auto-ajuda na chamada cultura amorosa do século XXI sugere-se relevante pois o ser humano nascido da diversidade de culturas do mundo globalizado constrói e reconstrói permanentemente a identidade ao longo da vida se transformando em um misto cultural que o obriga a assumir várias identidades, dentro de ambiente provisório e variável, sujeito a formações e transformações.

Se os indivíduos vivem, atualmente, momento de intensas mudanças em vários campos, em específico no âmbito da cultura amorosa, a pesquisa sobre o referido discurso possibilita estabelecer entendimentos a respeito das peculiaridades de constante crescimento do processo de consumo que lhe é cabível, a partir dos conteúdos veiculados e todo aparato propagandístico/mercadológico que viabiliza tais ideias.

Salienta-se o propósito em não utilizar, no corpo deste trabalho investigativo, a expressão “literatura de auto-ajuda”. O fato se assenta pois aqui não se discute se o discurso de auto-ajuda se inclui ou não no universo das obras literárias, por isso o cuidado de natureza etimológica em não assumir o conceito. Entretanto, alguns críticos da auto-ajuda dela se valem, sobretudo Rudiger e Chagas, apresentados no capítulo três.

Ainda que os livros de auto-ajuda retratem a sociedade, mesmo de modo superficializado, a opção em não utilizar a expressão vincula-se aos cuidados que se deve ter com o sentido específico dos conceitos e das distorções criadas em nome de flexibilizações e apropriações conceituais e metodológicas, aliadas à perspectiva da pesquisa em não tratar a auto-ajuda como gênero literário. Para tanto, opta-se por usar em todas as citações os designativos mais apropriados de discurso e livros de auto-ajuda.

Sobre o objetivo geral da pesquisa, destaca-se a investigação – por intermédio da análise crítica – sobre a cultura amorosa no século XXI a partir do *corpus* estabelecido como elemento motivador de conquistas para novos relacionamentos em sociedade. Em termos específicos, o trabalho propõe identificar e discutir – à luz das relações amorosas

– a construção do discurso de auto-ajuda e os dispositivos persuasivos, por ele criados, que são subservientes aos interesses ideológicos de mercado.

As obras que estruturam o estudo e compõe a revisão bibliográfica são divididas em três eixos básicos:

a) a análise sobre a cultura amorosa no século XXI: apresenta teorias de pensadores que discutem as mudanças sócio-político-econômico-culturais que problematizam as relações pessoais: *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*, Anthony Giddens (1993); *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, Zygmunt Bauman (2005); *História do amor no ocidente*; Denis Rougemont (2003); *Fragmentos de um discurso amoroso*, Roland Barthes (2000); *O declínio da era amorosa*, Gey Espinheira (2006); *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Gilles Lipovetsky (1983) e *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall(1998);

b) abordagens sobre livros de auto-ajuda como manuais de conquista para novos relacionamentos: *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social* (1999), *O sujeito imaginário no discurso da auto-ajuda*, Arnaldo Chagas (2002); *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*, Francisco Rudiger (1996);

c) cultura de massa e indústria cultural: *Globalização da cultura*, Priscila Beltrame e Fábio Cesnik (2005); *Emoção e cultura: algumas questões básicas*, Birgitt Röttger-Rössler (2008); *O que é cultura*; José Luiz dos Santos (2006); *Metamorfoses da cultural liberal: ética, mídia e empresa*, Lipovetsky (2004); *A noção de cultura nas ciências sociais*, Cucho (1999); *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*, Gilles Lipovetsky (2007); *A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira* (1973) e *Best-seller: a literatura de mercado*, Muniz Sodré (1988) e os textos de Adorno e Horkheimer: *Dialética do Esclarecimento* (1997).

A estrutura do trabalho busca atender as expectativas teóricas e metodológicas ¹ as estabelecidas a partir dos objetivos e da linha de pesquisa cultura e identidade. O método científico adotado nesta investigação é o dialético que parte do princípio de que

¹ . A pesquisa segue o itinerário do método dialético, sobretudo, dentro da perspectiva do materialismo histórico por entender que a opção de Marx em desvelar a realidade contribui para arregimentação de nexos possíveis entre teoria e prática, criando condições concretas para apreensão dos sentidos do objeto em estudo

a vida é dinâmica e a mudança vai se dando em meio às contradições da realidade. A dialética é, ao mesmo tempo, “uma postura, um método de investigação e uma práxis, um movimento de superação e de transformação” (Frigotto, 1991, p. 79).

Este método fundamenta-se na interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Considera que os fatos não estão fora de um contexto social, político, econômico, cultural. O ponto de partida para o método dialético na pesquisa é a análise crítica do objeto a ser pesquisado, nesse caso: os livros de auto-ajuda como manuais de conquista e relacionamento.

O método dialético trabalha com contextualização e historicidade do problema a ser pesquisado, pois a relação sujeito e objeto na dialética estrutura-se pela ação crítica do pensar que produz sínteses numa relação de tensão com a realidade contraditória. “Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto.” (FRIGOTTO, 2004, p. 77).

Assim, a presente reflexão divide-se em quatro capítulos que apresenta um panorama das questões pertinentes para a construção da pesquisa.

O primeiro capítulo – Representações e abordagens sobre o amor no curso da história – historiciza e demonstra como o amor vem representado ao longo da história. Foram selecionados quatro tipos de amor que se consagram no tempo: amor platônico, amor cortês, amor paixão, amor romântico.

O segundo capítulo – A cultura amorosa no século XXI: visões contemporâneas – apresenta três autores que estudam as relações amorosas na contemporaneidade. Anthony Giddens com a perspectiva positiva de consolidar um tripé: sexualidade plástica, amor confluyente relacionamento puro, tem esperanças na constituição das relações amorosas atuais. Zygmunt Bauman analisa o amor líquido, típico do mundo apressado, efêmero, pragmático e descompromissado, o amor entra na era *FEST*. Roland Barthes reflete sobre a importância do discurso amoroso, não entrando em discussão sobre as mudanças socioculturais e respectivas implicações na relação amorosa.

A escolha dos autores para fundamentar a análise do capítulo – Giddens, Bauman e Barthes – deve-se a lucidez com que estes discorrem em suas áreas de conhecimento (sociologia e linguística) sobre as mudanças que estão ocorrendo na contemporaneidade e como tudo isso interfere na cultura amorosa.

O terceiro capítulo – A análise dos críticos sobre os manuais de auto-ajuda –

discute sobre a importância de dois teóricos que questionam, epistemologicamente, a auto-ajuda no país: Arnaldo Chagas e Francisco Rüdiger. Os trabalhos produzidos por Chagas e Rüdiger são os mais significativos no Brasil sobre uma análise crítica e não dogmática a respeito do fenômeno auto-ajuda.

O quarto capítulo – Os livros de auto-ajuda como manuais de conquista e relacionamentos – apresenta um histórico dos Livros de Auto-Ajuda que tem como precursor Samuel Smiles e a obra *Ajuda-te (Self-Help)*. O capítulo segue analisando as obras e a construção dos dispositivos persuasivos através dos livros: *Porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor: uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças*; *Como fazer qualquer pessoa se apaixonar por você* e *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. O final do capítulo reflete sobre o lugar da cultura no debate sobre as diferenças entre mulheres e homens.

Enfim, a pretensão da pesquisa busca orientar-se no sentido de investigar no discurso dos livros de auto-ajuda – referentes à temática das relações amorosas – os mecanismos persuasivos, quer internos, quer externos, que interferem no público leitor a fim de fazê-lo consumir – de modo inquestionável – verdades questionáveis apresentadas como sólidas e absolutas.

CAPÍTULO 1 – REPRESENTAÇÕES E ABORDAGENS SOBRE O AMOR NO CURSO DA HISTÓRIA

O amor, como costuma ser em sua prática, ou em si mesmo, é fugidio e como tema científico talvez não se deixe constituir em objeto, o que requer que a ciência se cumpra com a filosofia e com a literatura para poder tocá-lo, ainda que de leve. Não se trata aqui, portanto, de abordar o amor em si mesmo, mas da sociedade amorosa.
(ESPINHEIRA, 2007)

Para fazer uma análise sobre a cultura amorosa e o modo como a questão deve ser pensada na contemporaneidade, faz-se necessário recorrer a algumas ideias e valores herdados, pois o amor não pode deixar de ser entendido sem considerar o cenário de significados históricos e culturais. De acordo com Del Priore (2005, p. 12), “o [amor] de hoje não é o mesmo de ontem. Isso porque [...] o amor e as formas de amar se transformaram ao longo dos séculos”. Deste modo, a figura do amor tem longa história, profundamente enraizada no pensamento ocidental, a começar pela Grécia antiga, sobretudo, com o amor platônico.

Grande parte dos estudiosos sobre o tema – entre eles, Rougemont (1988), Costa (1998), Del Priore (2005), Lázaro (1996) – elegem o pensador grego Platão como responsável pelo principal mito amoroso do ocidente, apresentado em *O banquete* (2009). Neste texto, o amor é concebido como um sentimento único, inconfundível e próprio da natureza humana. “Cada um de nós é, portanto, a metade complementar de outro (um símbolo). Somos como uma das partes de um linguado cortado ao meio, dois formando um. Cada qual anda à procura de seu próprio complemento.” (PLATÃO, 2009, p. 67).

O amor, ao longo da história, sempre foi um tema intrigante e, em alguns contextos, sobretudo, religiosos, motivo de inquietações. Erich Fromm (1984), por exemplo, questiona a concepção religiosa sobre o pecado original, referindo-se ao fato de ser o pecado do amor e do desejo de Adão e Eva que condena a humanidade, retirando-lhe a imortalidade. Os protagonistas tomaram a maçã, numa atitude de desobediência, passando a pecar e ter vergonha dos próprios corpos.

Depois que homem e mulher cientizaram-se de si mesmos – e cada um do outro – tiveram a consciência de que estavam emancipados da original harmonia animal com a natureza. Assim, somos culpados por ter vontade de conhecer e amar, por desejar o outro,

de modo que a cultura ocidental foi profundamente marcada por esta ideia.

²Adão e Eva quando viviam no Jardim do Éden, eram parte da natureza estavam em harmonia com ela, mas não transcendeu. Eles estavam na natureza e para o feto no útero da mãe. Eram humanos, mesmo quando eles não estavam. Tudo isso mudou quando desobedeceram a ordem. Ao quebrar os laços com a terra e sua mãe, ao cortar o cordão umbilical, o homem emergiu harmonia pré-humano e foi capaz de dar o primeiro passo para a independência e liberdade. O ato de desobediência de Adão e Eva lhes abriu os olhos. Eles reconheceram uns aos outros como estranhos e o mundo exterior como estranha e mesmo hostil. Sua desobediência quebrou o principal elo com a natureza e se tornaram indivíduos. O "pecado original", longe de corromper o homem, libertou-o, em seu começo de história. Ele teve de deixar o Jardim do Éden para aprender a confiar em suas próprias forças e se tornar plenamente humano . (Fromm, 1984, p.09)

Para Fromm (1984), o ato de desobediência não é negativo, pois é a partir dele que mulheres e homens começam a desejar e a querer o amor. A vontade de saber, expressa mitologicamente na prova da maçã, provoca a expulsão do paraíso. Tal atitude de Adão e Eva retira-os da monotonia do mundo perfeito, dando-lhes mortalidade e livre arbítrio. O que é pecado para os religiosos cristãos, sobretudo os católicos, representa libertação para Fromm (1984). Há nessa análise uma inversão de sentido no mito.

A mulher, pois, vendo que o fruto daquela árvore era bom para se comer, e era formoso, e agradável à vista, tomou dele, e comeu, e deu a seu marido, que comeu do mesmo fruto que ela. No mesmo ponto se lhe abriram os olhos, e ambos conheceram que estavam nus; e tendo cozido umas com outras, umas folhas de figueira, fizeram delas umas cintas. (GÊNESIS, 1976, p 3, 4)

Algumas formas de amar são consagradas nas sociedades ocidentais e historicamente se estabeleceram como paradigmas para a época. Amor platônico, amor cortês, amor paixão, amor romântico são possibilidades de relacionamentos que estão presentes em diferentes períodos, comprovando o caráter histórico das relações amorosas.

² . T.A. Adán y Eva, cuando vivían en el Jardín del Edén, eran parte de la naturaleza; estaban en armonía con ella, pero no la trascendían. Estaban en la naturaleza como el feto en el útero de la madre. Eran humanos, y al mismo tiempo aún no lo eran. Todo esto cambió cuando desobedecieron una orden. Al romper vínculos con la tierra y madre, al cortar el cordón umbilical, el hombre emergió de una armonía prehumana y fue capaz de dar el primer paso hacia la independencia y la libertad. El acto de desobediencia liberó a Adán y a Eva y les abrió los ojos. Se reconocieron uno a otro como extraños y al mundo exterior como extraño e incluso hostil. Su acto de desobediencia rompió el vínculo primario con la naturaleza y los transformó en individuos. El “pecado original”, lejos de corromper al hombre, lo liberó; fue el comienzo de la historia. El hombre tuvo que abandonar el Jardín del Edén para aprender a confiar en sus propias fuerzas y llegar a ser plenamente humano. (FROMM, 1984, p.09).

O amor é convencionado socialmente e varia (de acordo com o respectivo tempo) de significado e valor, pois cada cultura elege formas próprias de amor, de viver as emoções, bem como de representá-las.

A seguir, observam-se representações e abordagens que no decorrer da história se constituíram como *modus vivendi* para as sociedades e culturas em evidência.

O amor platônico, estruturado na obra *O banquete*, caracteriza o apogeu da antiguidade grega entre os séculos VI e V. Esta concepção, apresentada por Platão, por intermédio do discurso de vários oradores, marca e demarca, sobremaneira, uma posição teórica consistente nas análises sobre o *ethos* amoroso.

O amor cortês medieval contrasta com o amor cristão que, propõe adequação aos valores religiosos. A escolha dessa abordagem considera o caráter transgressor, pois os apaixonados desobedecem aos esquemas pré-estabelecidos para as uniões amorosas que resultam em algumas situações, como na história de Tristão e Isolda, nos casamentos de interesses. No amor paixão, encontra-se, também, a atitude transgressora que direciona os amantes para quebra de rotinas afastando-os de um cotidiano de obediências. O amor paixão é libertador e altera a dinâmica existencial do casal.

O amor romântico é, de todas as abordagens, a que se faz mais presente na contemporaneidade e carrega partículas do amor platônico, do amor cortês e do amor paixão, vez que concebe elementos de transgressão, sonhos, sublimação, mas aos poucos se integra institucionalmente ao casamento monogâmico, cristão. O amor romântico se apresenta como o ideal de felicidade do mundo moderno.

1.1. Amor Platônico

A abordagem sobre o amor que marca a antiguidade ocidental são conceitos platônicos estruturados em “*O banquete*”, obra composta por diálogos, onde sete oradores dispõem elogios ao deus Eros em comemoração à vitória de Agatão, num concurso de tragédias. Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanos, Sócrates, Alcebíades e Agatão são os autores dos discursos, e conceituam o amor em diversas possibilidades.

O discurso de Fedro, primeiro orador, apresenta Eros como o deus mais antigo que surgiu depois do Caos da terra. Eros é divindade impressionante não apenas para os homens, mas também para os pares, pois seu domínio se estende a todos os seres do

cosmos. De tudo o que o ser humano pode ter – vínculos de sangue, valores como dignidade e ética – apenas Eros pode fazer nascer a beleza, por ser o mais antigos dos deuses.

Assim, de muitos lados se reconhece que Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens. Não sei eu, com efeito, dizer que haja maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem-amado. Aquilo que, com efeito, deve dirigir toda a vida dos homens, dos que estão prontos a vivê-la nobremente, eis o que nem a estirpe pode inculcar tão bem, nem as honras, nem a riqueza, nem nada mais, como o amor. (PLATÃO, 1987, p.45)

Pausânias, segundo orador, estabelece um paradoxo entre o amor pandémia (popular/vulgar), que valoriza no amor mais o corpo que a alma; do amor urânio ou celestial, que ama mais a alma que o corpo. Para ele, qualquer ação realizada não é, em si mesma, nem boa nem ruim. Para que uma ação seja boa, ela deve ser fundamentada na justiça. O mesmo acontece com o amor. Assim, atender apenas ao Eros popular é prender-se, exclusivamente, aos caprichos da matéria.

Erixímaco é o terceiro orador e complementa o discurso de Pausânias ao referir que o Eros não existe somente nas almas dos homens, mas em muitos outros seres. Como médico, defende que a natureza orgânica comporta dois Eros: saúde e doença. Um é o amor que pertence ao corpo sã; o outro é o que reside no corpo enfermo. Tal qual a medicina, que procura a convivência entre os contrários, o amor deve procurar essa harmonia entre as necessidades físicas e espirituais. “A natureza dos corpos, com efeito, comporta esse duplo amor; o sadio e o mórbido são cada um reconhecidamente um estado diverso e dessemelhante.” (PLATÃO, 1987, p.09).

Aristófanes apresenta o célebre e polémico mito dos ”andróginos” que representa nossa unidade primitiva e posterior mutilação. Para ele, havia inicialmente três gêneros de seres humanos, que eram duplos em si mesmos: os machos, que tinham dois sexos de homem; as fêmeas, com dois sexos de mulher e os andróginos detentores de ambos os sexos. O macho, explica Aristófanes, nasce do sol; a fêmea da terra, a espécie mista (os andróginos) da lua, que participa daquele e desta. Registra que o sol, a terra e a lua – pela força e ausência de medo – buscavam escalar o céu para combater os deuses. Diante de um ato tão ousado, Zeus decide puni-los, segmentando-os em dois:

Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: “acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora, com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos; andarão eretos, sobre duas pernas, se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão.” Logo que o disse pôs-se a cortar os homens em dois. (PLATÃO, 1987, p.12).

Findava-se assim a completude, a unidade. A partir de então, cada parte é obrigada a buscar a outra metade. A tal desejo, à procura, Aristófanes designa amor e, quando satisfeito, garante a felicidade. É o próprio conceito de amor fusional que liberta o indivíduo da solidão e recompõe a completude. Trata-se de amor exclusivo, pois cada um, tendo por situação uma só metade, só poderia viver um único amor (as bases para a monogamia).

Agatão destaca em Eros a juventude, a delicadeza, a beleza, a justiça, a coragem e várias outras virtudes, pois está na origem de todas elas. Agatão critica os antecessores, vez que considera que elevaram por demais a Eros sem, em princípio, explicar-lhe a natureza. “A única maneira correta de qualquer elogio a qualquer um é, no discurso, explicar em virtude de que natureza vem a ser causa de tais efeitos aquele de quem se estiver falando.” (PLATÃO, 1987, p. 14).

A partir da observação feita aos antecessores, Agatão passa a explicar que o amor é o mais belo dos sentimentos por ser o mais jovem dos deuses. Eros, segundo Agatão, se encarrega de manter a juventude através da fuga, pois o jovem amor tenta o tempo todo escapar da velhice para manter a beleza própria.

Dessa qualidade ele próprio se encarrega de ministrar-nos uma prova evidente: é a de que fugindo, evita ser alcançado pela velhice, que inegavelmente é em si mesma rápida, como se depreende do fato de vir a nós mais depressa do que deveria. Eros, de conformidade com sua própria natureza, sente verdadeiro ódio à velhice e não suporta sua vizinhança, nem mesmo a grande distância. (PLATÃO, 1987, p 14)

Sócrates, o sexto a discursar, afirma que o amor é algo muito desejado, mas como objeto do desejo, só pode ser desejado quando falta, pois ninguém deseja aquilo de que não carece. Deste modo, o que se ama é justamente o que não se tem. Ou seja, o objeto do amor é sempre ausente e, ao mesmo tempo, solicitado: “Não está então admitindo que aquilo de que é carente e que não tem é o que ele ama?” (PLATÃO, 1987, p. 19). O amor

para Sócrates não significa completude, como no registro de Aristófanes, mas incompletude; não é presença, mas falta.

No discurso, Sócrates questiona a posição do amor fusional, caracterizada no mito dos “andróginos”. Amar é carência e uma vontade de querer possuir o objeto amado para sempre. Por isso, o amor não escapa da escassez absoluta. Visando a solucionar o problema do amor como falta, Platão propõe o “parto pela beleza”, pelo espírito ou pela família. A natureza mortal, para Platão, sempre busca a perpetuidade, mas só pode realizá-la por intermédio da geração, deixando sempre um indivíduo mais jovem no lugar de um mais velho ou pela criação na arte, na política ou na filosofia, pois para o filósofo das ideias, uns parem segundo o corpo e outros segundo o espírito. São duas soluções para escapar dessa incompletude.

Por conseguinte, aqueles que estão fecundados em seu corpo voltam-se de preferência para as mulheres, e é desse modo que são amorosos, pela procriação conseguindo para si imortalidade, memória e bem-aventuranças por todos os séculos seguintes, ao que pensam; aqueles, porém, que é em sua alma- pois há os que concebem na alma mais do que no corpo. Entre estes estão todos os poetas criadores e todos os artesãos que se diz serem inventivos; mas a mais importante, disse ela, e a mais bela forma de pensamento é a que trata da organização dos negócios da cidade e da família, e cujo nome é prudência e justiça - destes por sua vez quando alguém, desde cedo fecundado em sua alma, ser divino que é, e chegada a idade oportuna, já está desejando dar à luz e gerar, procura então também este, penso eu, à sua volta o belo em que possa gerar; pois no que é feio ele jamais o fará. (PLATÃO, 1987, p.25)

Alcebíades procura muito mais fazer um elogio a Sócrates do que discorrer sobre o amor e relata experiências que tiveram no passado. Deste modo, em “*O banquete*”, Platão celebra Eros, sobretudo, pela ideia, onde cada um visa, através de discursos, captar a essência do amor. Ao que parece, entretanto, os dois discursos de maior relevância e provocação são os de Aristófanes e Sócrates. Aristófanes, com a concepção da completude que busca o “elo perdido” ou a “alma gêmea”, como comumente é caracterizado na contemporaneidade; e Sócrates, com a proposição de incompletude, pois ama-se o que falta e, ao encontrar-se, o sentimento esmorece.

O amor para Platão, deste modo, se estabelece como uma energia que estimula o indivíduo ao autoconhecimento, à verdadeira natureza. O amor, como revela Diotima – personagem na referida obra que ensina Sócrates – não pode ser belo nem feio, pobre ou rico, sábio ou ignorante, mortal ou imortal, homem ou deus. O amor é uma espécie de

gênio mediador entre homens e deuses. Assim, apresenta-se como um poder desconcertante e instigador que orienta os homens na eterna busca pela felicidade e mostra que se é capaz de apreender que a beleza da alma é mais valiosa que a física, residindo aí a ideia essencial do conceito de amor platônico.

1.2. Amor Cortês

Durante o Medievo, o homem deparava-se com formas de refletir sobre a própria existência segundo modelo teocêntrico. A maneira de pensar baseada nas tradições cristãs centraliza os indivíduos numa crença religioso-católica, expressão do mundo feudal ocidental. O contexto de mudanças políticas, culturais e econômicas produzidas na Idade Média contribui para o desenvolvimento de uma nova forma de sociabilidade amorosa que começa a se desenvolver nos arredores das cortes, entre palácios e castelos do continente europeu. A tal empreendimento visando a vivenciar as emoções denominou-se de “Amor Cortês”.

O amor cortês surge precisamente no séc. XII, em cortes e principados em região onde, atualmente, se localiza a França. A modalidade amorosa em evidência repercute por intermédio de trovadores e cantares cavaleirescos ao narrarem – como menciona Barros (2008, p. 02) – proezas de “romances cortesões do período medieval”. De modo geral, na modalidade, há tematização de enlace de gêneros em que ao elemento feminino recai a condição de comprometimento prévio e ao masculino, a juventude inocente e a impetuosidade da busca pelo objeto de interesse. O fato conduz ao devido impasse, vez que a união se torna praticamente impossível; motivo pelo qual ao masculino destinam-se peripécias de enfrentamento no jugo de satisfazer-lhe as necessidades. Assim, no amor cortês, o homem é o sujeito do amor, e a mulher o objeto amado.

O que sumariamente se observa é o fato de que, no período, mesmo mantidas as diferenças e privilégios entre homens e mulheres, estas adquirem maior visibilidade, pois se tornam, de certo modo, o centro das atenções e das ações masculinas, fator determinante nas relações amorosas entre os gêneros:

No século XII, entretanto, no sul da França, a mulher saiu do papel de figura social secundária para o centro da rede social, pelo menos na aristocracia. É aqui, neste contexto, que surge a poesia trovadoresca, legitimando este novo papel social da mulher, exaltando-se “a beleza, as virtudes e a dignidade espiritual” destas. (Araújo, 1992, p. 61).

Para Barros (2008), não é de estranhar que o amor cortês tenha apresentado decisiva faceta “antimatrimonial”, demonstrando, assim, uma incompatibilidade com o casamento na forma tradicional. Isso deve justificar o papel do marido ciumento, traído pela esposa, em favor do amante cortês. O marido, dentro do casamento oficial (que já é um sacramento), representa o mundo da ordem contra o qual se insurge a primazia dos sentimentos proposta pelo Amor Cortês. A situação também expõe em evidência diversos elementos do referido jogo amoroso – **Amante/Dama/Marido Traído** – a manutenção do segredo, pois o amante deve manter secreta a relação amorosa com a dama.

Deste modo, a iluminação do segredo destina-o à revelação e conseqüente período vivencial de processos tormentosos (dor, proibições e sofrimento) para os envolvidos no drama sentimental medievalesco. Os romances que ficcionalizam o amor cortês contabilizam grande produção e se perpetuam na história. Pode-se considerar como exemplar do período o romance *Tristão e Isolda*³ que bem ilustra o modelo de relacionamento.

A história de Tristão e Isolda apresenta os desafios do casal para viver o amor que aflora quando os dois bebem uma porção mágica (preparada pela mãe de Isolda) que pensavam ser vinho. Tristão prometera levar Isolda para casar com o seu tio Marcos, Rei da Cornualha. Mas a viagem reservava surpresas e num dia de muito calor e sede, o que deveria ser uma simples bebida torna-se o elemento central da trama: a paixão.

O sol estava ardente, ambos ficaram com sede e pediram de beber. A serva procurou o que lhes trazer e achou o frasco confiado a Brangien pela mãe de Isolda. ‘Achei vinho!’ disse-lhes ela. Mas não era vinho: era a paixão, era a cruel alegria e a angústia sem fim, era a morte. A serva enche uma taça e apresentou-a à sua senhora, a qual bebeu longos sorvos, e ofereceu depois o resto a Tristão, que a esvaziou. (TRISTÃO e ISOLDA, 2006, p.42)

Após beber a porção, completamente apaixonado, Tristão não deve trair o Rei Marcos por ser herdeiro direto do trono. Precisa conduzir Isolda até a Cornualha, mas viverá atormentado pelo desejo. O casal não oficial inicia uma trajetória de sofrimento. Isolda casa-se com Marcos, tornando o amor com Tristão socialmente impossível.

Por ser casada a dama localiza-se hierarquicamente acima do jovem. Além disso, ele frequenta o castelo, tornando-se, assim, totalmente submisso a ela. Os vários perigos

³ . Tristão e Isolda, - Lenda Medieval Celta de Amor, São Paulo, Martin Claret, 2006.

enfrentados pelo jovem durante o romance servem para demonstrar a coragem e a bravura, além de outras qualidades do personagem masculino, venturas e aventuras em nome de um qualificado amor.

A passagem que segue evidencia o fascínio e o conflito vivido por Tristão e Isolda para concretizarem o processo amoroso:

Quando Tristão sentiu o amor apossar-se do seu coração, recordou-se imediatamente do juramento feito ao rei Marcos, seu tio e seu suserano, e quis recuar: “Não – dizia consigo mesmo sem cessar –, deixa isso, Tristão, volta a ti, não acolhas em ti um desígnio tão desleal”. Também ponderava: “Audret, Denoalen, Guenelon e Gondoïne, traidores que me acusáveis de cobiçar a terra do rei Marcos, ah!, ainda sou mais vil e não é a sua terra que cobiço. Bom tio, que me recolhastes órfão antes mesmo de reconhecer o sangue de vossa irmã, vós que me choráveis enquanto Gorvenal me levava para o barco sem remos nem vela, por que não expulsastes, logo no primeiro dia, a criança errante vinda para vos trair?”.

Mas o coração trazia-o sem descanso ao mesmo pensamento de amor. Por vezes, juntava a coragem como faz um prisioneiro procurando evadir-se, e repetia consigo mesmo: “Muda o teu desejo, ama e pensa noutra!”. Mas o laço cada vez se apertava mais. Quanto a Isolda, todo o seu pensamento não era mais que o amor de Tristão. Até ao anoitecer, se mantinham silenciosos e enlanguesciam separados, mais infelizes ainda quando, reunidos, recuavam ante a embriaguez do primeiro beijo. (TRISTÃO e ISOLDA, 2000, p.49).

O romance, ainda lido e ouvido, transformado em opera por Richard Wagner ⁴ na atualidade, está – para Duby (1996, p.105) – “Longe de ser extinto. Sobre a história de Tristão toda a gente está de acordo, penetra solidamente no próprio coração de uma mitologia especificamente europeia.”

Deste modo, o Amor Cortês é, de fato, momento potencializado no período medieval, por evidenciar um modo “transgressor” de sentir e de concretizar as emoções, uma vez que para Araújo (1992, p.62), este tipo de amor se configura como uma recusa aos costumes feudais “que apoiavam as uniões matrimoniais negociadas, sem que se cogitasse sequer a concordância dos noivos”.

A respectiva emergência por intermédio da poesia trovadoresca produziu marcas irretocáveis no mundo ocidental, transformando as possibilidades estéticas de expressá-lo e vivenciá-lo. Há, também, no período medieval, a influência do amor cristão que objetiva o enquadramento dos indivíduos às concepções e valores da igreja. O amor

⁴ . Wagner nasceu em 1813, em Leipzig, e morreu em 1883, em Veneza. Compositor, maestro, intelectual, ativista político, sua obra influenciou a música ocidental. Escreve Tristão e Isolda em 1865.

cristão é ascético e viabiliza a relação dos homens com o sagrado, mediado pelo poder clerical. Mas o amor cortês excita mais análises e, por isso, o relato de tal abordagem.

Para Rougemont (1988), o amor cortês é a “cavalaria contra o casamento”, um conflito entre o amor e o dever, uma oposição entre a regra cavaleiresca e costumes feudais. A aventura de Tristão de Isolda marca posição, estabelece tal paradoxo. Ele, o cavaleiro quer ser vassalo de uma senhora, de uma dama e não mais de um senhor.

1.3. Amor Paixão

Outra possibilidade de amar que, também, tem a transgressão como concepção e práxis é o *amour passion*⁵. O amor apaixonado não deixou de influenciar-se por alguns traços do amor cortês, tais como a dor e o sofrimento, mas os trovadores também cantaram o amor como sentimento de paixão em suas cantigas. Para Moraes (2007), o modelo de relação era caracterizado por uma urgência que colocava os amantes à parte das rotinas da vida cotidiana. O envolvimento emocional com o outro era invasivo, especificamente perturbador das relações pessoais e gerava uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios.

O amor apaixonado é avassalador e não se adapta a nenhuma ordem ou controle social; o fato envolve os amantes em espécie de fervor e necessidade de estarem próximos. Amar apaixonadamente era uma atitude libertadora, pois quebrava a rotina e afastava os amantes da obediência e da aceitação do dever.

Para Giddens (1993, p.50), "o amor apaixonado tem sido sempre libertador, mas apenas no sentido de uma quebra da rotina e do dever". É exatamente a liberdade como qualidade do *amour passion* que o deixa à parte das instituições existentes, inclusive o casamento.

Rougemont (1988), expõe essa “desobediência”, no sentido apresentado por Fromm na obra *Da desobediência e outros ensaios*, demonstrando que o amor-paixão está, assim, ligado à infidelidade, ao adultério.

A paixão de amor significa, de fato, uma infelicidade. A sociedade em que vivemos – e cujos costumes nesse sentido quase não mudaram ao longo dos séculos – compele o amor-paixão, em nove entre dez casos, a assumir a forma do adultério. (1988, p. 24)

⁵ . GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades. São Paulo: UNESP, 1993. São Paulo: UNESP, 1993.

Essa característica de desafiar os valores estabelecidos é parte fundamental da composição histórica do amor-paixão. Os amantes apaixonados rompem qualquer tipo de barreira que os impedem de ficar juntos.

Nesse sentido, o amor-paixão é o espaço da não adaptação, pois diante de uma realidade que não agrada aos amantes e pode impedir-lhes o relacionamento, transgridem a ordem em nome do bem mais importante para o casal: o sentimento ardente e libertário, o amor. Como menciona Rougemont: “Tudo em nós e ao nosso redor glorifica a tal ponto a paixão que chegamos a considerá-la uma promessa de vida mais viva, uma força que transfigura algo situado além da felicidade e do sofrimento, uma beatitude ardente. (1988, p. 17)”.

Giddens (1993, p.48) também afirma que embora o uso da palavra “paixão” – distinta da utilização mais antiga, significando paixão religiosa – seja um termo moderno, faz sentido considerar-se o amor apaixonado (*amour passion*) como a “expressão” de uma conexão genérica entre o amor e ligação sexual. Essa interação entre amor e sexo compromete a construção de uma relação monogâmica que é fundamental, para a organização da família e da sociedade.

1.4. Amor Romântico

O amor romântico, a partir do século XVIII, começa a se estruturar. Guedes e Assunção afirmam que um dos elementos preponderante para o estabelecimento do amor romântico na Europa foi a mudança de sociedade rural para urbana, pois:

“fez-se necessária a construção de condutas cidadinas, que se referiam à necessidade de autocontrole. Saiu-se do espaço do campo para o *lócus* da cidade e é essa passagem que abre espaço para o surgimento de um novo modelo de amor: romântico” (2006, p.07).

Tal modelo de amor dará sustentação ideológica ao casamento monogâmico e à família nuclear burguesa. Essa abordagem possui algumas características importantes a exemplo da complementaridade entre os gêneros, fidelidade, no sentido do corpo e da alma mútua, “amor sublime” que tende a predominar sobre aquele de ardor sexual, pois a “virtude” começa assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando única e exclusivamente a ideia de inocência, mas qualidades de caráter que transforma o outro num ser “especial” (Giddens, 1993, p. 51).

O amor romântico faz uso dos valores cristãos como o altruísmo e a compaixão. Anthony Giddens (1993) observa que a concepção de amor romântico, predominante a partir do final do século XVIII, incorpora elementos do *amour passion*, embora tenha se tornado distinto deste, pois institucionalmente, o amor romântico foi associado ao casamento, à maternidade e ao patriarcalismo, não havendo este horizonte de comprometimento em torno do amor paixão.

Costa (1998) afirma que o amor romântico se tornou sinônimo de praticamente tudo o que entendemos por felicidade individual: êxtase físico-emocional socialmente aceito e recomendado, segurança afetiva, parceria confiável, consideração pelo outro, disponibilidade para a ajuda mútua, solidariedade sem limites, partilha de ideais sentimentais fortemente aprovados e admirados, como a constituição da família e a educação de filhos. Essa forma de sociabilidade amorosa, respondeu aos anseios de autonomia e felicidade pessoais inequivocamente criativos e enriquecedores na Europa do século XVIII. A íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e compromisso com os ideais coletivos.

No amor romântico, há promessa clara de amor eterno. Duas almas apaixonadas encontram-se estabelecendo compromisso de satisfação plena, gerando, de certo modo, uma noção do que se denomina de alma gêmea, concepção recuperada e atualizada do amor platônico. Para Costa (1998), o amor romântico não é apenas uma coleção de invenções sentimentais; e sim mistura de ilusão e realidade, de ganhos e perdas, de avanços, paradas e recuos no campo das relações humanas. E ainda, como afirma, homens e mulheres se inclinam naturalmente uns para os outros tirando partido dessa inclinação para gerar filhos, organizar a família e criar em seu interior o sentimento de cidadania.

Assim, o amor romântico eleva o sentimento amoroso para outro patamar, pois cresce uma ideologia do amor como destino pessoal e fonte de felicidade. Ao mesmo tempo em que o amor romântico influenciou a forma burguesa de amar, pode-se perceber também uma interferência inversa ou certa domesticação dele. Nesse sentido, Chaves (2004, p. 102) argumenta que:

O amor romântico ao ser levado para dentro do casamento foi domesticado, apaziguado quando colocado como alicerce para o casamento eterno, a manutenção e a coesão da família, e, conseqüentemente, a organização da sociedade burguesa.

A autora utiliza o termo "amor romântico domesticado" para caracterizar a modalidade de amor nutrido no interior do casamento, passando a se constituir em seu fundamento. Chaves (2004) enfatiza que se trata de uma derivação do amor romântico ou do uso que é feito dele. Além disso, frisa que – nesta forma relacional, domesticada – muito se perdeu do que havia de transgressor e inovador. Assim como Giddens (1993), Costa (1998), Assunção (2006), Rougemont (1988), Chaves (2004) antevê uma pequena “faísca” de transgressão no amor romântico – antes da domesticação verificada por Chaves (2004) – ao afirmar que o amor romântico (institucionalmente) foi sendo associado ao casamento, à maternidade e ao patriarcalismo e à conservação dos valores da sociedade burguesa.

É prudente afirmar que o amor romântico carrega ideias e práticas do amor platônico, do amor cortês e do amor paixão por estarem dispersos numa estrutura de relacionamento que responde a um tipo de contexto histórico diferente dos demais amores abordados anteriormente. O amor romântico passa a servir de alicerce para o casamento burguês que será marcado pela ênfase dada ao amor eterno, à unidade entre sexualidade e amor, a exclusividade e reciprocidade dos parceiros. Não há mais nada de transgressor nesse tipo de amor, o que há é uma promessa de segurança e estabilidade.

CAPÍTULO 2 – A CULTURA AMOROSA NO SÉCULO XXI: VISÕES CONTEMPORÂNEAS

O estudo da cultura amorosa no início do século XXI, suscita a percepção de novos comportamentos, para além do amor platônico, cristão, cortês e do próprio romantismo. Há diversos tipos de práticas e possibilidades de amar. O casamento “até que a morte os separe” não é mais a única instância legitimadora do referido sentimento. Os tempos são outros, pois, questionam-se conceitos, paradigmas; há relacionamentos que não possuem mais a obrigatoriedade de manter compromissos de longa duração.

O “ficar” e o “pegar” caracterizados como relacionamentos efêmeros – são práticas aceitas neste contexto. Deste modo, os indivíduos são “livres” para escolherem parceiros dentro das opções que a sociedade convencionalmente disponibiliza, inclusive buscando o amor em manuais de auto-ajuda, de modo que – na atual conjuntura – os

envolvimentos afetivos cotidianos podem ser caracterizados como mosaico complexo de múltiplas e intensas emoções.

Vive-se num tempo em que há mais vazão para as emoções; tem-se mais liberdade para expressar os sentimentos e, também, para se desapegar de laços afetivos sem muito padecimento ou mesmo colher julgamento negativo da sociedade como acontecia no passado; sobretudo em relação ao gênero feminino. Na atualidade, as relações dependem mais da própria vontade do que de qualquer contrato social de união estável. Deste modo, as uniões conjugais são acordos abertos para qualquer tipo de alteração que venha surgir a partir das conveniências dos parceiros. A durabilidade ou dissolução das uniões dependem do processo, das experiências, da cumplicidade que, *a priori*, não podem ser impostas segundo uma dada perspectiva atemporal.

Conceitos como relacionamentos transitórios, descartáveis e líquidos são familiares aos vínculos contemporâneos. Mas não se pode negar que relações com juramento de fidelidade se mantêm diante de corações e mentes apaixonadas que desejam relacionamentos estáveis e duradouros. O que há, é uma variedade de relacionamentos que são acessados de acordo com as disposições dos amantes; ou seja, ama-se de várias formas, mediante o modelo de sociedade atual.

Esse “Admirável Mundo Novo” – repleto de possibilidades – contribui para o surgimento de diversas formas de amar e configuração de novas identidades para os amantes: Amor virtual; publicização das lutas e dos relacionamentos homossexuais; construção de relações entre casais divorciados; casamentos a três; relacionamentos que só se sustentam em casas de swing; busca de manuais para conquista, os livros de auto-ajuda para o amante em estado de solidão contabilizam-se entre elas.

O Estudo científico sobre a cultura amorosa no início do século XXI é relevante para a sociedade, sobretudo a sociedade ocidental, onde o amor é tema recorrente em preferência, pela literatura e, em secundário, pela filosofia e pela ciência. Fromm, em *A arte de amar* (1976), aponta para a necessidade de apreender o amor, percebendo-lhe a importância para a existência humana.

Não é que se pense que o amor não é importante. Todos sentem fome dele; assistem a infindável número de filmes sobre histórias de amor, felizes e infelizes, ouvem centenas de sovadas canções que falam de amor; e, contudo, quase ninguém pensa haver alguma coisa a respeito do amor que necessite ser aprendida. (ERICH FROMM, 1976, p.03)

No tocante à pesquisa no campo das emoções e como a temática do amor pode ser estudada pelas ciências humanas, Gey Espinheira (2007, p. 05) argumenta:

O amor, como costuma ser em sua prática, ou em si mesmo, é fugidio e como tema científico talvez não se deixe constituir em objeto, o que requer que a ciência se cumplice com a filosofia e com a literatura para poder tocá-lo, ainda que de leve. Não se trata aqui, portanto, de abordar o amor em si mesmo, mas da sociedade amorosa. E seguindo a indicação metodológica proposta por Simmel, são as formas como as pessoas e grupos se relacionam e não os significados ou finalidades que nos interessam examinar o conteúdo amoroso de nossa sociedade.

Tocar de leve o amor ou analisar a sociedade amorosa como afirma Espinheira é o grande interesse deste estudo e, de acordo com a proposta da pesquisa, como os livros de auto-ajuda geram/comercializam modelos/receitas de sucesso e felicidade no tocante às relações amorosas. Tais publicações tornam-se fenômenos editoriais que, de tanto lucro obtido no mercado, forçam editoras e autores a omitirem dados sobre o número de exemplares disponibilizados para o comércio; fato este que, embora não especifique numerário, permite entrever validade de estudo e estabelecimento de reflexões sobre tal modalidade de relacionamento amoroso nos dias correntes.

A complexidade do mundo contemporâneo trouxe várias possibilidades de relacionamentos e, em busca da “felicidade”, os amantes passam a experimentar diversidade de afetos, não se atendo única e exclusivamente ao modelo romântico. Está-se mais “livre” para buscar o amor, e existem vários caminhos para se chegar até ele. O mais importante é que se ama dentro das limitações e das características de cada casal formado.

Com o fato de ampliar embasamento reflexivo sobre o tema em estudo, apresenta-se três contribuições sobre o amor e as relações amorosas na contemporaneidade a partir das análises dos teóricos: Anthony Giddens, Zygmunt Bauman e Roland Barthes. Tais reflexões e caracterizações sobre os relacionamentos abordados nas obras selecionadas são pertinentes para o entendimento do fenômeno do enamoramento em discussão na pesquisa.

2.1. Anthony Giddens e as Considerações Sobre a Transformação da Intimidade (Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades)

Anthony Giddens, sociólogo britânico, nasce em 1938 e contribui amplamente para a interpretação da teoria sociológica clássica. Torna-se crítico da chamada pós-modernidade, preferindo falar em modernidade tardia, marcada pela radicalização do consumo e globalização. Além da Sociologia das Emoções, tema tratado em *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (1993), também explorou os problemas da análise de classes; o impacto dos conflitos internacionais nas relações sociais e a questão ambiental.

Na obra mencionada⁶, Giddens efetiva análise sobre a “evolução” da intimidade e afirma que as novas formas de relacionamento resultam de mudanças que tem por base a igualdade e os princípios democráticos. Para se compreender a dinâmica, apresenta três categorias que se complementam e influenciam os relacionamentos atuais: amor confluyente; sexualidade plástica e relacionamento puro.

O amor confluyente é um tipo de sentimento que não se atém às fantasias de completude, porque é mais real que o amor romântico. A vivência deste amor propicia um ambiente de igualdade na relação, nas trocas afetivas e no envolvimento emocional.

O amor confluyente introduz o erotismo no centro do relacionamento conjugal, transformando a realização do prazer recíproco em elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. O amor confluyente não pressupõe de antemão, uma relação monogâmica ou heterossexual, antes, propõe um modelo de relacionamento puro. Assim, “O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia de amor romântico” (GIDDENS, 1993, p.72).

A sexualidade plástica tem origem na tendência à redução da família, desenvolveu-se com a difusão dos métodos anticoncepcionais modernos e das novas tecnologias reprodutivas.

A sexualidade plástica é fundamental para a emancipação implícita no relacionamento puro e na reivindicação da mulher ao prazer sexual. Há mais liberdade e menos obrigatoriedade nessas relações. Esse tipo de sexualidade é a possibilidade de uma

⁶ . GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1993.

relação sem finalidade de procriação e o exercício de sexo sem culpa, pois não há intervenção de dogmas religiosos e ideológicos. O que importa é o encontro saudável e prazeroso entre as pessoas. Deste modo, “A sexualidade plástica é uma sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução” (GIDDENS, 1993, p.10).

No relacionamento puro há elementos centrais como a confiança, a intimidade e o compromisso. Mas a relação é desenvolvida a partir da construção de uma história que será compartilhada, devendo proporcionar ao outro alguma garantia de que o relacionamento será mantido por um período indefinido, isso sem desenvolver a ideia de casamento como “condição natural”. A característica principal desse relacionamento é que pode ser terminado em qualquer época e por qualquer um dos parceiros.

Para o relacionamento puro o que importa é a própria relação, e a continuidade irá depender do nível de satisfação que cada uma das partes pode, nela, usufruir:

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerem que extraem dela satisfação suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (GIDDENS, 1993, p.68,69).

O relacionamento puro, para Giddens, faz parte de um processo de “reestruturação genérica da intimidade” (1993, p. 69). A reorganização das relações se insere no momento de transformação que avança do romântico, que propunha um comprometimento “duradouro” entre os casais, para uma possibilidade de amor mais real, prazeroso, recíproco e “eterno”, enquanto perdurar. A intimidade no relacionamento puro tem importância fundamental, pois é responsável pelo desenvolvimento da relação e pela respectiva manutenção. A intimidade é a referência maior na solidificação do amor puro.

Nesse sentido, o amor romântico que para Giddens funda a perspectiva de sentimento e compromisso eterno para com o outro, proporciona ao homem uma situação muito mais favorável no casamento (que é a instituição catalisadora dessa forma de viver o amor), pois o indivíduo sendo casado tem o “aval” da sociedade para estreitar outras relações na rua ou nos arredores da própria residência. Tal paradigma amoroso contribui para a organização da sociedade moderna na medida em que criava dado modelo de família e a noção de durabilidade nas relações.

Com o amor romântico surge um modelo de relacionamento que – para Giddens

– seria uma invenção dos homens, para influenciar as mulheres com suas utopias, pois, considerava-se o amor romântico como algo feminilizado, o que era associado à subordinação da mulher ao lar e ao isolamento do mundo exterior.

O ethos do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres. Por um lado, ajudou a colocar as mulheres “em seu lugar” – o lar. Por outro, entretanto, o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o “machismo” da sociedade moderna (GIDDENS, 1993, p.10).

Ainda que em toda obra o autor se refira predominantemente ao elemento feminino, no que diz respeito ao amor romântico, uma minoria de homens foi influenciada pelos ideais românticos. Estes ficaram conhecidos como “sonhadores adamados que sucumbiram ao poder feminino” (GIDDENS, 1993, p.70). O homem, caracterizado romântico, foi isolado da maioria dos outros homens. O romântico é deslocado e não categoriza as mulheres como “imaculadas” ou “impuras”. Assim, “Esse homem que foi muito influenciado pelos ideais de amor é escravo de uma mulher particular (ou de várias em sequência) e constrói sua vida em torno dela” (GIDDENS, 1993, p, 70).

Para Giddens (1993, p.70) a maior parte dos homens no período do amor romântico se preocupava mais com as “técnicas” para seduzir a mulher, pois “os homens em geral excluíram-se do desenvolvimento da intimidade”. O homem hegemônico do amor romântico, portanto, era aquele indivíduo desinteressado e frio, mais preocupado com *status* e poder e – com o passar do tempo – não compreende ou mesmo se apercebe das transformações no campo das emoções entre amor romântico e amor confluyente.

O amor confluyente, a sexualidade plástica e o relacionamento puro fazem parte de um mesmo processo de mudanças nas relações amorosas contemporâneas. O amor romântico, que ainda se mantém como forma de relacionamento, menos influente que no passado, convive como outras possibilidades de amar que se consolidam nas diversas tramas sentimentais de um novo tempo de movência afetiva.

Giddens relaciona as mudanças ocorridas no âmbito do universo feminino a partir da segunda metade do século XX com as transformações da intimidade sugeridas por ele. Ao longo de toda obra procura enfatizar a revolução sexual ocorrida na contemporaneidade, mostrando o papel fundamental e estratégico da mulher. Com a emancipação sexual e autonomia do gênero feminino, os ideais do amor romântico começaram a se fragmentar, o que provoca o declínio do controle sexual dos homens

sobre as mulheres, promovendo intimidade com negociação de vínculos pessoais, ou seja, “A intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública” (GIDDENS, 1993, p.11).

As transformações no universo feminino influenciaram as mudanças do ideal amoroso. Na medida em que as mulheres questionaram a própria identidade e lugar na sociedade, examinaram e interrogaram as formas de amor e respectivas consequências para as relações de gênero. Corroborando com Giddens, Lipovetsky defende que na contemporaneidade se “iniciou uma transformação sem precedente no modo de socialização e de individualização do feminino, uma generalização do princípio de livre governo de si, uma nova economia dos poderes femininos” (2000, p.231).

A liberação sexual e a crescente atuação feminina no mundo do trabalho proporcionaram uma necessidade de comunicação entre os parceiros como condição *sine qua non* para o desenvolvimento do bom relacionamento. Para Lipovetsky, “trata-se igualmente de livrar o amor feminino do encerramento doméstico e do ideal de devotamento tradicional” (2000, p. 28).

As transformações, tanto do ideal amoroso quanto do universo feminino, contribuíram para construir uma vida amorosa mais possível e real. Os indivíduos, no referido contexto de mudanças, não estão somente à espera do encontro com o amor; a vida social é constituída de uma série de relações e realizações que contribuem para a formação das identidades, sendo o amor uma delas. Nestes casos, o amor não é em si finalidade, necessidade última ou obrigação; mantém-se como promessa de felicidade. Para Giddens, as transformações na intimidade são decorrências das mudanças ocorridas nos últimos cinquenta anos do século XX que incluem a emancipação feminina e a revolução sexual.

Por isso, Giddens (1993) ressalta, também, que atualmente presenciamos a transformação da intimidade e uma maior igualdade entre os gêneros na construção de relações amorosas e sexuais mais democráticas. Ele reforça tal concepção na obra *Identidade e modernidade*:

Só quando os laços são mais ou menos livremente escolhidos é que podemos falar de “relacionamentos” no sentido que esse termo recentemente adquiriu no discurso leigo. Laços sexuais relativamente duráveis, casamentos e relações de amizade tendem hoje a aproximar-

se da pura relação. Nas condições da alta modernidade, [...] a relação pura [...] acaba por adquirir importância fundamental para o projeto reflexivo do eu (GIDDENS, 2002, p. 85).

Giddens tem razão quando pontua mudanças na intimidade no mundo contemporâneo. Trata-se, de fato, de um “projeto aberto” de vida, onde todos – homens e mulheres – buscam uma certa independência emocional e sexual, contribuindo assim para a democratização da vida pessoal.

Deste modo, amor confluyente, sexualidade plástica e relacionamento puro sinalizam para a possibilidade de relações mais íntimas e democratizantes, em que os parceiros amorosos não se encontram mais presos à instituição da relação, mas ao compromisso com os sentimentos. O processo de mudanças acena para a construção de um amor relacionado com a liberdade individual que não se permite mais ao controle coletivo da sociedade.

Diferente de Giddens, Bauman (2004), irá caracterizar as relações líquidas, efêmeras, de rápida duração.

2.2. Bauman e o Amor Líquido

Zygmunt Bauman (1925), sociólogo polonês, inicia carreira na Universidade de Varsóvia. É um dos principais popularizadores do termo Pós-Modernidade no sentido de forma póstuma da modernidade. No entanto, prefere usar a expressão "modernidade líquida", ou seja, retrato de uma realidade ambígua, de caráter multiforme. Deste modo, uma análise sobre as relações amorosas instantâneas dialoga com as suas concepções sobre a liquidez do mundo contemporâneo.

Em *Amor líquido* (2004), Bauman analisa o que torna as relações humanas altamente vulneráveis e as consequências desse processo. Partindo de citações bibliográficas que incluem *O banquete* e, também, trechos de uma telenovela da BBC (*Eastenders*), Bauman avalia criticamente a inclusão dos relacionamentos amorosos no mundo atual, inserido na cultura global:

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender (2004 p. 8).

Assim, liquidez é termo usado por Bauman (2004) para caracterizar o que se convencionou denominar de pós-modernidade. Ideologias totais, valores “sólidos”, traço típico da modernidade contrasta com um clima fluídico, leve, caracterizado por precariedade, incerteza e rapidez de movimento. O líquido tem muito mais mobilidade que o sólido, pois prossegue de acordo com a correnteza ou as correntezas. Para Bauman o mundo líquido nos apresenta algumas cenas importantes, que demarcam o novo clima cultural. A cena de maior relevância é a passagem de uma vida segura para uma vida precária: “A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (2004, p.12). Por isso, as várias perspectivas de encontrar e – ao mesmo tempo – desencontrar dos “amores”.

Nos relacionamentos contemporâneos a propensão às mudanças é impactante, pois para Bauman, o outro, passa agora, a ser tomado (também) como objeto de consumo que deve ser útil enquanto oferece algum tipo de satisfação, e dispensável ao fim do uso. Deste modo, as relações construídas entre indivíduos por intermédio do consumo, acabam sendo, como eles próprios, imagem do consumo, e culminam por gerar fluidez, no sentido de fragilizar cada vez mais os relacionamentos.

Constata-se que, atualmente, os namoros tendem a durar menos. Poucos depositam franca crença no amor “verdadeiro” e perene. Assim, a vulnerabilidade nas relações é consequência direta dos efeitos do espírito de nosso tempo, marcado pela pressa, impaciência e muita ocupação. Em virtude de tal constatação, observa-se a crescente incidência de relacionamentos “líquidos” pela agilidade e baixo comprometimento entre os agentes amorosos, afinando-se, portanto, às exigências dinâmicas do viver globalizado.

Bauman (2004) apresenta o processo de liquefação das relações sociais como algo que faz parte da própria dinâmica da contemporaneidade. O processo volátil de troca de informações no mundo globalizado tem a capacidade de tornar, em consequência, as coisas mais rapidamente obsoletas. Deste modo, ditado pelo mercado, produtos perdem rapidamente validade se comparados com produtos comercializados no passado.

No dizer de Bauman ⁷: “A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo” (2007, p.5).

⁷. Z. Bauman, Vida Líquida, Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2007.

Deste modo, a dinâmica de redução temporal de sentido das coisas implica em alteração de ânimo dos indivíduos sujeitos à respectiva realidade. Assim, faz-se do passageiro a normalidade e tudo o que foge a tal circunstância é visto como antiquado ou mesmo atrasado.

Portanto, a crença da volatilidade nas vivências humanas faz do indivíduo objeto em detrimento de si mesmo. Se tal condição gerada e imposta pelo próprio complexo humano reordena ou resignifica as transações humanas, age, também, sobre os relacionamentos amorosos, a ponto de – como referenda Bauman – “No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência” (2004, p. 5).

O que parece preponderar no pensamento sobre a liquidez das relações é que, atualmente, embora haja diversas formas de oportunidades; completa liberdade de escolha de parceiros e, ainda, multiplicidade de relacionamentos; mesmo assim, os casais mostram-se cada vez mais ansiosos e prontos para rever, ou reverter o rumo das respectivas relações.

O fato só vem a deflagrar a condicionante de que as possibilidades amorosas sugerem gerar ainda mais incertezas e fragilidades. Nesse sentido, alerta Bauman: “Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade” (2004, p.30).

Para o autor, nesse contexto de fácil desintegração das relações, os sentimentos mais profundos são atenuados, trocados por afetos passageiros, onde os dramas/crises vivenciais são evitados. Assim, a existência humana atual tem por pauta e condução a superficialidade e a fugacidade dos vínculos. “O que realmente conta é apenas a volatilidade, a temporalidade interna de todos os compromissos; isso conta mais que o próprio compromisso” (Bauman, 1999, p. 88)⁸.

Deste modo, os relacionamentos configuram-se de forma efêmera. A ideia de relações descartáveis em prol de dada experiência de liberdade e segurança é bem aceita entre sujeitos que se deparam com o paradoxo: intensificar os laços amorosos e, ao mesmo tempo, deixá-lo, afrouxado numa espécie de afirmação/negação constante das próprias sensações.

Ninguém pretende se apegar de forma intensa e comprometedora, mas precisa se

⁸. Z. Bauman. Globalização: as Consequências Humanas. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1999.

relacionar com alguém na medida “certa” ou no tempo “certo”, vez que “O amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável” (Bauman, 2004, p.23).

Ao seguir itinerário em que é preciso buscar relações mais prazerosas e saudáveis, o autor apresenta os casais semi-separados: “que ‘romperam a sufocante bolha do casal’ e ‘seguem seus próprios caminhos’ e sua dança a dois é em tempo parcial” (2004, p, 52). Assim sendo, casais semi-separados são agentes amorosos que entram em novos relacionamentos sem fecharem as portas para outras possibilidades que eventualmente possam surgir. Nesse sentido, contribui para a constituição desta modalidade de relação casais não dividirem o mesmo espaço, estabelecendo os momentos de convívio que preservem a sensação de liberdade, evitando o tédio e os conflitos da vida em comum.

Para Bauman (2005) os indivíduos “modernamente líquidos”⁹, não se prendem a um lugar, por mais agradável que a escala presente possa parecer, não juram coerência e lealdade a nada ou a ninguém, cortam o presente nas duas extremidades, separando-o da história. É preciso abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma sequência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num presente contínuo. As afirmações de Bauman sugerem que o tempo está engolindo o próprio tempo, pois apenas o presente interessa. O agora (presente) descarta o antes (passado) e o depois (futuro) numa clara negação de referencialidade com a história.

Enquanto na modernidade¹⁰ homens e mulheres se empenhavam na construção das respectivas identidades e projetos de vida, na pós-modernidade ou modernidade tardia, os sujeitos parecem preocupar-se, principalmente, com a realização de projetos mais imediatos, que possam ser alcançados em curto prazo, e que resulte rapidamente em satisfação pessoal.

A ideia de presente contínuo pode ser pensada como encurtamento ou compressão do tempo, e gera no indivíduo a sensação do adiantar-se frequente no tempo; de estar perdendo tempo e de o tempo estar passando veloz. Deste modo, parece ser difícil dispender-se de algum tempo para alcançar metas ou planejar investimentos a longo

⁹ . “Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade... Enquanto os sólidos tem dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la.”(Modernidade Líquida, cit. p. 08).

¹⁰ . Para Bauman, a modernidade é caracterizada, a partir da ideia de projeto que seria o de controle do mundo pela razão. O projeto moderno consistia em tornar o mundo o “melhor possível dos mundos” através do ordenamento racional e técnico. Os elementos de destaque em sua análise do projeto moderno são: os Estados-Nações e a ciência.

prazo, ou ainda, abrir mão de satisfação imediata em prol de uma realização futura, como – no caso – uma relação amorosa duradoura. Assim, é contra a lógica da durabilidade que são propostas as relações temporárias e nelas, os casais semi-separados se estruturam. Na prática, esses casais não estão juntos na maior parte do tempo, mas procuram aproveitar os momentos mais intensos para a relação. Talvez seja essa a saída para preservar as individualidades e não trazer preocupações que podem desgastar a sensação de prazer nos encontros amorosos.

Deste modo, parece ser difícil dispender-se de algum tempo para alcançar metas ou planejar investimentos a longo prazo, ou ainda, abrir mão de satisfação imediata em prol de uma realização futura, como – no caso – uma relação amorosa duradoura. Assim, é contra a lógica da durabilidade que são propostas as relações temporárias e nelas, os casais semi-separados se estruturam. Na prática, esses casais não estão juntos na maior parte do tempo, mas procuram aproveitar os momentos mais intensos para a relação. Talvez seja essa a saída para preservar as individualidades e não trazer preocupações que podem desgastar a sensação de prazer nos encontros amorosos.

Instância apreciável sobre o amor líquido pode ser encontrada nas relações virtuais e nos relacionamentos denominados de bolso.¹¹ Nas relações em redes de interatividade mundiais a intimidade pode sempre escapar do risco de um comprometimento, porque nada impede os indivíduos de desconectar-se. As relações em “rede” tornam-se mais atrativas, mediante a facilidade que oferecem para serem tecidas ou desfeitas. A dinâmica do mundo virtual induz o sujeito a substituir as parcerias pelas redes, preservando a possibilidade de estar próximos e, ao mesmo tempo, manter a distância necessária para evitar o compromisso.

Nós entramos nos chats e temos "camaradas" que conversam conosco. Os camaradas, como bem sabe todo viciado em chat, vêm e vão, entram e saem do circuito – mas sempre há na linha alguns deles se coçando para inundar o silêncio com "mensagens" (BAUMAN, 2004, p.51).

Para caracterizar as relações de bolso – extremamente rápidas e superficiais –, Bauman se vale de conceito cunhado pela jornalista inglesa Catherine Jarvie, para expressar melhor o sentido desse tipo de relação afetiva vivenciado na

¹¹ . Para Bauman, uma “relação de bolso” é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade e se estabelece quando há disposição de envolvimento entre os parceiros a qualquer momento.

contemporaneidade:

Uma relação de bolso bem sucedida, diz Jarvie, é doce e de curta duração. Podemos supor que seja doce porque tem curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior. (BAUMAN, 2004, p.36).

A relação de bolso não deve demandar grandes envolvimento e determinações de continuidade; o sujeito tem um grande controle da relação, por isso acessa quando quer e bem entende. A ideia principal da relação é não arriscar a própria existência em relacionamentos afetivos duráveis, vez que pode comprometer os projetos pessoais. Deste modo, em dada sociedade e tempo histórico marcados pela individualização, investimentos amorosos de bolso sugerem-se mais atrativos, práticos e objetivos. Corroborando com a visão de Bauman sobre a formatação fluída dos relacionamentos na contemporaneidade, Espinheira verifica que: “O amor pós-moderno é efêmero, volátil e isso não pressupõe que seja menos legítimo que o amor amoroso, apenas muda o tipo de sociabilidade amorosa na era da instabilidade, da flexibilidade sentimental” (2007, p. 03).

Para Espinheira, o referido formato de relação faz parte de um contexto que modifica o tipo de sociabilidade amorosa de uma comunidade. Assim sendo, culmina por caracterizar condição de “declínio da era amorosa”, determinado pelo fim da hegemonia masculina¹² e inauguração de um novo ciclo de afetividade centrado no feminino. “O feminino não é apenas sinônimo de mulher, é uma forma de ler o universo, é uma gramática própria.” (ESPINHEIRA, 2007, p.05).

Um novo modelo de sociabilidade amorosa em questão se estrutura no início do século XXI. Relações mais focadas em aproveitar o momento e não se comprometer com o conjunto da obra dos parceiros, uma sociabilidade amorosa que marca a ascensão do feminino tão controlado e subserviente em outros modelos de relacionamentos, um tempo onde o que mais importa é a constância efêmera e fragmentária e não durabilidade dos encontros.

Bauman (2004) referenda que o sujeito atual mostra-se maior propensão às

¹² . A entrada da mulher no mercado de trabalho, no período da II Guerra Mundial (1939-1945) e o despertar dos seus direitos através das lutas feministas por direitos, são exemplos da estruturação de um novo ciclo de afetividade.

relações descartáveis, por conta das facilidades advindas da tecnologia e, também, das mudanças político-ideológico-econômicas ocorridas no mundo, nos últimos vinte anos. A tecnologia da comunicação proporciona quantidade inesgotável de troca de mensagens entre os cidadãos ávidos por relacionar-se num contexto onde não há mais ideias fixas.

O que era sólido – casamento e família “à moda antiga”, disputas de projetos de sociedade entre esquerda e direita – cede espaço para estado relacional constituído por maior fluidez e relatividade. Por isso, não há tempo para adiamentos, pois quer-se satisfazer o desejo agora. Deve-se amar, porém sem muitas expectativas.

No amor líquido, homens e mulheres veem-se numa espécie de labirinto das emoções, e não têm clareza se querem sair ou permanecerem neste estado. Deste modo, a dinâmica de que se reveste tal modalidade de relacionamento faz com que sujeitos, constantemente, entrem e saiam de casos amorosos com a esperança de que no próximo a relação seja mais intensa.

É por isso que Bauman considera que os indivíduos tendem a desenvolver determinadas estratégias – denominadas de fixação e flutuação – no sentido de resguardar-se de relacionamentos que podem trazer algum tipo de consequência desagradável. A fixação é uma tentativa de preservar o relacionamento apesar da impossibilidade de controlá-lo. Tenta-se evitar a ansiedade e a constante possibilidade do término do relacionamento. É paradoxal esse procedimento, pois num ambiente amoroso de fixidez há grande possibilidade de mecanização da relação do que preservação da mesma. Fixar pode significar aprisionamento e, com o tempo, determinar o fim da relação. Essa estratégia acaba por promover uma sensação de segurança, pois a fixação representa domínio, controle do jogo dos sentimentos.

Outra estratégia proposta por Bauman que pode ser praticada é a flutuação que se caracteriza pelo resgate da liberdade, da busca do gozo sem se preocupar com o próximo encontro, pois se o amor é alegria e sacrifício, não há necessidade em pensar no futuro. Neste exercício estratégico não há que se preocupar com a insegurança, pois pensa-se em encontrar amores que não sejam tão oneroso para o próprio sujeito, ao vivenciar dada dimensão episódica, ou seja, não estar alicerçado em compromissos duradouros.

Por sua vez, Erich Fromm (1976, p.40), enfatiza que a felicidade para o homem contemporâneo, está em “divertir-se”. Divertir-se consiste na satisfação de consumir e “obter” artigos, alimentos, bebidas, cigarros, gente, conferências, livros, filmes etc.

Enfim, tudo o que pode ser consumido e devorado, pois o mundo é o grande objeto do apetite humano. Deste modo, o sujeito vive em eterna expectativa e esperança de consumo e, por isso, vive também o constante decepcionar-se diante dos fatos.

Assim, fixação é o caminho escolhido por quem quer segurança para poder viver histórias amorosas. A fixação está relacionada a manutenção passiva dos relacionamentos. Já a flutuação se aproxima da perspectiva de liquefação das relações, o que o próprio Bauman (2004) conceitua como amor líquido que propõe, não mais a construção de laços eternos, pois seria muito arriscado, diante das transformações que se estruturaram do final do século XX para o início do século XXI, viver um amor sólido.

Romances momentâneos, encontros episódicos, namoros virtuais, de bolso, flutuantes, que duram o tempo necessário e que logo podem ser desfeitos, seria uma saída para que o próprio autor denomina de amor líquido numa modernidade fluídica e descartável. Segundo tal proposição, o indivíduo deve planejar a vida e fazer o cálculo racional para verificar se vale a pena continuar investindo em determinado relacionamento ou dirigir-se a outro.

Por certo, as coisas não acontecem assim de modo automatizado, vez que a pesquisa desenvolvida por Bauman (2004) localiza um conjunto de práticas amorosas que vai determinar concepção a partir de uma sociedade que transita do sólido para o líquido, transformações que supera a modernidade caracterizada por ordem, progresso, verdade, razão, objetividade, emancipação universal, sistemas únicos de leitura da realidade para estado de modernidade líquida.

É exatamente dentro desse contexto que Bauman situa as relações amorosas de modo inquietante por diagnosticar o mundo em ebulição, que não para de se transformar. Assim, o amor líquido é marcado por episódios intensos, curtos e impactantes que faz parte da vivência e experiências correntes. Entretanto, não tece juízos de valor sobre eles – se sucessos bons ou ruins, úteis ou inúteis – apenas os caracteriza como atuais.

Em virtude de tais especulações, a vivência de amor duradouro seria impossível em tempos atuais? As pressões do consumo tendem a transformar as relações amorosas em mercadoria? Sobre a primeira questão, o próprio Bauman, ao teorizar sobre as relações líquidas, não descarta a possibilidade de relações duradouras. O amor líquido é mais uma maneira de relacionamento amoroso, não a única. A segunda indagação convida à reflexão sobre a condição humana numa sociedade de intenso consumo que influencia as

relações familiares, profissionais, de amizade e amorosas, mas não há como afirmar – em se tratando de uma análise científica – que as relações amorosas serão (todas) “mercadológicas” num futuro bem próximo.

2.3. Algumas Reflexões Sobre Fragmentos de um Discurso Amoroso de Barthes

Roland Barthes (1915-1980) formado em Literatura Clássica e Filologia pela Universidade Sorbonne (França) transita por diversos campos de estudo. Considerado um dos mais importantes críticos literários do século XX, faz crítica das atitudes sociais e cotidianas; e trabalha em uma ciência geral dos signos.

Em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981), Barthes reflete sobre o “discursus” amoroso – “lufadas de linguagem”, um processo que corre “para todo lado” numa atitude de “idas e vindas” – alegando que a contemporaneidade é indiferente a ele. Assim, defende que o referido discurso é solitário e, por ser deixado de lado pela ciência e pelas artes, precisa de afirmação. A obra, portanto, não é uma análise sobre o discurso amoroso em si, mas um discurso que se apresenta mediante a figura fundamental do “eu”:

O discurso amoroso de hoje em dia é de uma extrema solidão. Este discurso talvez seja falado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é sustentado por ninguém; foi completamente abandonado pelas linguagens circunvizinhas; ou ignorado, depreciado, ironizado por elas, excluído não somente do poder, mas também de seus mecanismos (ciências, conhecimentos, artes). Quando um discurso é dessa maneira levado por sua própria força à deriva do inatual, banido de todo o espírito gregário, só lhe resta ser o lugar, por mais exíguo que seja, de uma afirmação (BARTHES, 1981, p.12).

Ao escolher um método que denomina de “dramático”, Barthes (1981) renuncia os exemplos e repousa na ação de uma “linguagem primeira”, única que substitui a descrição do discurso e devolve a “pessoa fundamental”, isto é, o “eu”. Assim, a escolha metodológica põe em cena a “enunciação” de um discurso e não, propriamente, uma análise. Deste modo, o fragmento é o itinerário escolhido para apresentar esse “eu” amoroso. Barthes (1981, p 109) esclarece que o fragmento “implica um gozo imediato: é um fantasma de discurso, uma abertura de desejo, sob forma de pensamento-frase”. Os fragmentos se instam como cenas de linguagem de um apaixonado.

Já as figuras, segundo Barthes (1981, p. 02), são “frações de discurso” que

ocorrem em circunstâncias ínfimas e aleatórias: “A figura é o enamorado em ação”. As figuras surgem na cabeça do sujeito apaixonado de forma desordenada e dependente de um acaso. O enamorado retira figuras desses incidentes de acordo com as carências e prazeres do seu imaginário. Assim, iconizando tal proposição, não há, na obra, uma ordem hierárquica entre as figuras dentro do discurso amoroso, pois estão naturalmente no mesmo segmento. “As figuras estão fora do sintagma, fora da narrativa, são Erínias¹³; se agitam, se chocam, se acalmam, voltam, se afastam sem nenhuma ordem como um vôo de mosquitos.” (Barthes, 1981, p. 04)

Barthes busca a valorização do amor na apresentação do discurso. Assim, resgata a importância do sentimento para pensadores, artistas, poetas antigos e contemporâneos. Retoma conceitos filosóficos de Platão, Nietzsche, Freud e o clássico *Werther*, de Goethe, entre outros. A obra, de modo aparente, estrutura-se como um dicionário sentimental, pois expõe passagens e ideias sob a forma de verbetes – dispostos em ordem alfabética – referentes ao universo dos apaixonados.

Em *Fragmentos*, duas obras são bastante citadas e, por isso, sugerem-se centrais. *O banquete* e os sofrimentos do jovem *Werther*, por despontarem em maior número de citações. As palavras de Platão e Goethe reproduzidas em *Fragmentos de um discurso amoroso*, são interpretadas, incorporadas e reconstruídas segundo a percepção de Barthes, que dispõe ação a serviço do sujeito enamorado. Nesse fragmento que apresenta a figura ALTERAÇÃO¹⁴, Barthes cita *Werther*:

O discurso amoroso, ordinariamente, é um invólucro liso que adere à imagem, uma luva suave envolvendo o ser amado. É um discurso devoto, bem pensante. Quando a imagem se altera, o invólucro da devoção se rasga; um tremor revira minha própria linguagem. Ferido por uma frase que ele surpreende, Werther vê de repente Charlotte como uma fofqueira, ele a inclui no grupo das amiguinhas com quem ela bate-papo (ela não é mais o outro, mas um outro entre outros), e diz então desdenhosamente “minhas mulherzinhas” (*meine Weibchen*) (BARTHES, 1981, p.21).

¹³. As Erínias são divindades do mundo infernal entre os gregos, identificam-se às Fúrias romanas, deusas encarregadas de castigar os crimes, especialmente os delitos de sangue, são também chamadas Eumênides (Εὐμενίδες), que em grego significa as bondosas ou as Benevolentes, eufemismo usado para evitar pronunciar o seu verdadeiro nome, por medo de atrair sobre si a sua cólera. As Erínias são acusadas de doenças, abalos de saúde, loucura e morte.

¹⁴. ALTERAÇÃO: o sujeito amoroso vê a boa “Imagem” do objeto amado se alterar momentaneamente.

Numa das citações sobre *O banquete*, Barthes discute a figura FOFOCA como elemento motivador e criador da teoria do amor desta obra:

Um homem segue aborrecido a entrada de Falera, Ele vê um outro andando à frente, o alcança e lhe pede para narrar o banquete oferecido por Agatão. Assim nasce a teoria do amor, de um caso, de um aborrecimento, de uma vontade de falar, ou, se preferirmos, de uma fofoca de três quilômetros de comprimento (BARTHES, 1981, p.114).

A presença em vários momentos de citações de Platão e Goethe no texto de Barthes (1981) resulta do que o autor denomina respectivamente de “leituras insistentes” e “leitura regular”. São obras inspiradoras que através dos “pedaços” selecionados formam os fragmentos como “lugar de alguém que fala de si mesmo, apaixonadamente.” (1981, p.01)

Para Barthes, quem se identifica e escuta o discurso por ele apresentado, são os indivíduos enamorados que estão inseridos na “estrutura amorosa”, e ocupam a mesma posição dele no sistema por sua condição de enamoramento.

[...] sou o único a fazer disso um sistema (talvez porque sou incessantemente rebatido sobre o solipsismo do meu discurso). Paradoxo difícil: todo mundo me ouve (o amor vem dos livros, seu dialeto é corrente), mas só me escutam (recebem “profeticamente”) os sujeitos que têm exatamente e presentemente a mesma linguagem que eu (BARTHES, 1981, p. 183).

O leitor que se identifica com o “eu” de *Fragmentos de um discurso amoroso* faz o papel do sujeito que, segundo Barthes (1981), tem “exatamente e presentemente” a mesma linguagem do enamorado. Por isso, nada deve impedir que o leitor interprete um fragmento de Goethe ou de Platão, ligando ao próprio mundo particular, vez que o discurso amoroso é universal e capaz de apropriar-se de palavras em qualquer sistema de pensamento, sem maiores cuidados, apenas extraindo citações. Nesse sentido, o amor representado nos fragmentos, não esgota as possibilidades de interpretação, pois leitor ou apaixonado que dialoga com a obra terá a liberdade para produzir escrita própria, seu próprio ensaio.

O sujeito apaixonado para Barthes é “atravessado pela ideia de que é ou está ficando louco” (1981, p.144). O estado amoroso deixa claro para o enamorado que a loucura existe e que pode alcançá-lo, pois todo ser que ama é louco. O sujeito apaixonado, então, é “raptado” ou “seduzido” pela imagem do objeto amado. Esse raptado Barthes,

também, esclarece na figura “Drama”, citando Nietzsche, a partir do princípio de que o enamorado é um drama no sentido arcaico da palavra:

O drama antigo tinha em vista grandes cenas declamatórias, o que excluía a ação (esta tinha lugar antes ou atrás da cena). O rapto amoroso (puro momento hipnótico) teria lugar antes do discurso e atrás do prosclênio da consciência: o “acontecimento” amoroso é de ordem hierática: é minha própria lenda local, minha historinha santa que declamo para mim mesmo, e essa declaração de um fato consumado (imóvel, embalsamado, afastado de todo prazer) é o discurso amoroso (BARTHES, 1981, p. 82).

O discurso amoroso, por ser tão apaixonado, pode sufocar o outro (o objeto amado), num EU-TE-AMO¹⁵, impedindo-o de se pronunciar, não encontrando lugar para concretizar a fala, tornando-o apenas ouvinte. Tal atitude cria um paradoxo entre a tirania e a oblação, entre ser santo ou monstruoso. “Não é que eu o impeça de falar, mas sei como fazer deslizar os pronomes: ‘Eu falo e você me ouve, logo nós somos’ (Ponge)” (Barthes, 1981, p.148).

E sobre um sistema de signos¹⁶ seguros, o sujeito apaixonado não tem nenhum, se quer provar o seu amor ou se quer perceber se é amado, ele não tem segurança. “Eu procuro signos, mas de quê? Qual é o objeto da minha leitura? Será que sou amado (não sou mais, ainda sou)? (Barthes, 1981, p. 178). De fato é muito difícil encontrar um sistema de signos que lhe traga certezas, sobretudo, no campo das emoções.

Por não ser um ensaio de teoria histórica ou sociológica, o amante se reconhece nas páginas, em vários aspectos do amor que são simplesmente demasiados e embaraçosos para serem compartilhados. Diante do fato, a *Fragmentos de um Discurso Amoroso* não se qualifica como discurso circunscrito à modalidade auto-ajuda, pois esses livros pretendem emplacar fórmulas para obter sucesso em alguma área ou aspecto das relações humanas.

A auto-ajuda fixa modelos. Barthes (1981), ao contrário, apresenta em palavras,

¹⁵ . EU- TE- AMO: Grito de amor, palavra que se desloca socialmente, dependendo dos contextos, não tem emprego, dispensa, explicações, não tem distanciamento. Barthes refere-se a Lacan neste trecho. “EU-TE-AMO não é um frase, não transmite um sentido, mas se prende a uma situação limite:” Aquela em que o sujeito está apaixonado suspenso numa ligação especular com o outro. (Fragmentos de discurso um amoroso, cit. p. 98)

¹⁶ . Para Barthes, o signo é um termo presente em diversos vocabulários é de uma história muito rica e ambígua. Ele afirma que a partir de Saussure (1857-1913), o conceito de signo lingüístico compõe-se de um significante e de um significado. Barthes acrescenta que “o plano dos significantes constitui o plano de expressão e o dos significados o plano de conteúdo” (Elementos de Semiologia, cit. p. 43).

com certo rigor e ao mesmo tempo com desprendimento, as intempéries emocionais da experiência amorosa

Nesse livro, Barthes, parece estar no limiar de um romance. Para isso, “ele toma, literalmente, notas para um romance que não escreveu, notas que são ao mesmo tempo a transcrição do seu livro que, afinal, não é um romance”. (CALVET, 1993, p.244).

Na linguagem dos enamorados como seres solitários e incompletos, o discurso do amor surge como sentimento incompreensível. Em cada fragmento, o sujeito do discurso amoroso registra as angústias de um coração que ama nos fazendo refletir sobre ações banais, como a espera de um telefonema, o ciúme inexplicável que percebemos um terceiro falando do nosso ser amado. Trata-se de um livro para quem ama poder amar ainda mais. Para quem amou, sentir saudades e querer amar novamente.

Fragmentos de um discurso amoroso é uma bela obra para pensar a cultura amorosa numa perspectiva libertária, onde cada um pode (idiossincriticamente) lidar com o objeto amado sem recorrer a fórmulas propostas por manuais que engessam o amor numa lógica óbvia e homogênea de relacionamento. O amor é sempre único e por ser único nunca é óbvio e por não ser óbvio pode ser escrito e falado em diversas possibilidades. Essa é a pista sugerida pelo texto de Barthes.

A partir da análise das obras de Giddens (1993), Bauman (2005) e Barthes (1981) discutidas neste capítulo, percebe-se a necessidade epistemológica de pautar o amor ou a sociedade amorosa como tema científico.

Giddens e Bauman discorrem sobre as transformações nos relacionamentos, Barthes faz uma declaração de amor através do discurso fragmentado e apaixonado. Neste sentido, toda contextualização produzida sobre as relações amorosas, tanto na perspectiva das abordagens históricas, quanto das concepções dos teóricos contemporâneos, contribuirá para o diálogo com os livros de auto-ajuda que serão especificamente analisados nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 3 – A ANÁLISE DOS CRÍTICOS SOBRE OS MANUAIS DE AUTO-AJUDA

Este capítulo apresenta a análise dos críticos sobre os manuais de auto-ajuda. Hoje, tais obras ocupam o lugar dos *best-sellers*, pois são lidos por milhões, no mundo e, principalmente, no Brasil. Para Petillo e Sousa (2005, p.65), em artigo publicado na revista Superinteressante (*Ajude-se: O gênero literário que mais cresce no mundo causa polêmica entre especialistas*), foi em 1936 que o gênero ganhou os contornos de hoje, com o sucesso instantâneo de *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*.

O livro do vendedor Dale Carnegie foi escrito com o propósito de ajudar as pessoas a resolverem alguns problemas, a exemplo de como se relacionar bem com os outros indivíduos e de influenciá-los na vida cotidiana, nos negócios, no trabalho e nos contatos sociais. A obra se tornou um dos maiores sucessos na história do mercado editorial. Carnegie realiza a façanha de vender milhares de exemplares e admite que o sucesso deve-se à aplicação de exercício de linguagem que não cansa o leitor e ainda promete-lhe bem-aventurança. A fórmula constitui-se numa alternativa do mercado editorial para garantir lucros e, segundo o autor, manter o negócio vivo, pois os demais livros traziam prejuízos para os empresários desse ramo de negócio:

As casas editoras da América do Norte nos últimos trinta e cinco anos, publicaram mais de um quinto de milhão de diferentes livros. A maioria deles terrivelmente enfadonhos e muitos constituíram fracassos financeiros. "Muitos", disse eu? O presidente de uma das maiores editoras do mundo confessou-me crescentemente que, em cada oito livros que publica, a sua companhia perde dinheiro em sete (CARNEGIE, 1981, p.20).

A partir da observação do próprio Carnegie, evidencia-se a preocupação das editoras em não terem prejuízos com publicações. Os livros de “aconselhamento” – que na atualidade recebem o rótulo de auto-ajuda – são alternativas para manter “as casas editoriais” em funcionamento e, em simultâneo, ocuparem o espaço dos *best-sellers*, pois são considerados leitura de massas.

Sobre os *best-sellers*, Sodré (1985) afirma que tal perspectiva de escrita representa a vulgarização da arte literária e a perda de autenticidade por ter a obrigação de produzir textos em massa que cultua a padronização de comportamentos com o objetivo de

estimular o consumismo, característico do capitalismo. A massificação da obra e tal fato contribuem para o que Sodré (1985, p.38) denomina de “literatura trivial” que está direcionada para o entretenimento e realização de desejos pessoais, por isso, são textos confeccionados com o interesse maior de satisfazer as expectativas do mercado. Para Sodré, diante de uma realidade que se estruturou a partir da massificação, originalidade fica ameaçada, restando ao escritor uma escolha:

Buscar a emancipação artística, mantendo a autenticidade de seus escritos, contudo sem o retorno financeiro; ou se submeter às exigências dos leitores para garantir a independência financeira. Desta dupla possibilidade, artística ou mercadológica, nasce a oposição entre literaturas erudita e trivial. Com o primeiro gênero, a Literatura culta ou alta Literatura, grafada em maiúscula, estão escritores como Machado de Assis, Jorge Luís Borges e Guimarães Rosa. Prioriza-se o culto às belas-letas. Ao segundo grupo, grafado em minúsculo, pode-se dar nomes como literatura trivial, subliteratura, literatura de entretenimento, de massa ou de mercado. E, quiçá, a denominação mais comum: *best-seller*. (SODRÉ, 1985, p.38).

Há significativa bibliografia de estudos sobre o tema da auto-ajuda, tanto no exterior quanto no Brasil. Dentre elas, no topo nacional, duas obras evidenciam-se como balizadoras para qualquer discussão em torno do fenômeno.

O livro de Arnaldo Chagas: *A Ilusão no Discurso da Auto-Ajuda e o Sintoma Social* (1999), marcadamente contrário ao gênero, pois entende os livros como uma espécie de fascinação e danosos “mercadores de ilusões”; e o texto de Francisco Rüdiger: *Literatura de Auto-ajuda e Individualismo: Contribuição ao Estudo da Subjetividade na Cultura de Massa Contemporânea* (1996) que se caracteriza pela abordagem de caráter sócio/antropológico centrada na questão do individualismo

Os dois principais teóricos brasileiros a respeito da auto-ajuda no Brasil somam opiniões sobre a propagação deste modelo de conduta e normas de comportamento. Rüdiger (1996, pp. 21-22) afirma que: “a literatura de auto-ajuda difunde entre seu público um conjunto de modelos que, mal ou bem, influencia na maneira dele pensar sobre si mesmo”. Para Chagas (2001, p.88) nos textos de auto-ajuda “ encontram-se inúmeras maneiras e sugestões para que sujeito possa se orientar na vida e sair-se bem de situações problemáticas ” Para realizar exercício analítico sobre os manuais de auto-ajuda, sugere-se prudente, mesmo que de modo sumarizado, especificar alguns procedimentos críticos conferidos por Chagas e Rüdiger nos respectivos estudos sobre o tema.

3.1. Arnaldo Chagas: A Ilusão no Discurso da Auto-Ajuda e o Sintoma Social

Arnaldo Chagas, psicólogo, autor de *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*, estuda o assunto desde 1996 e defende que o discurso de auto-ajuda funciona, em geral, de modo semelhante ao discurso religioso, por evocar certezas e não lidar com dúvidas.

Para o autor, os supostos efeitos da auto-ajuda são imaginários e esse tipo de lição funciona como uma espécie de “doping psíquico”¹⁷ Para Chagas, a sedução do discurso pronunciado pelos autores – caracterizados como líderes – é tamanha sobre os leitores, que não percebem a necessidade de analisarem criticamente o que estão lendo. Assim, contraditoriamente, o discurso é revelado e legitimado por “promessa”¹⁸ que não apresenta, em concretude, a menor certeza que se cumpra (Chagas, 2001, p. 64).

Chagas evidencia que os autores dos livros de auto-ajuda creem em igualdade e autonomia no ser humano, e que isso conduz à capacidade de efetivarem escolhas próprias de modo autônomo, sem levarem em consideração os condicionantes sociais. Confiam na harmonia e perfeição humanas. Assim, cada leitor pode concretizar todos os seus desejos: **penso, logo consigo** parece ser a máxima que sustenta o sucesso de mercado dos manuais.

De acordo com o autor, os livros de auto-ajuda se verificam como orientadores espirituais, pois auxiliam os seguidores a “evolúrem”. Segundo Chagas, ao invés de comprovar de forma racional o que se apresenta, os discursos dos autores de auto-ajuda têm como objetivo encantar e fantasiar, fazendo uso de frases de efeito com o objetivo de influenciar as decisões individuais cotidianas:

Se, por outro lado, fosse exigida uma explicação convincente, ou ainda, se fosse necessária (e possível) uma tentativa de fundamentação lógica, que explicasse suas contingências e justificasse seus efeitos e suas consequências, tal discurso, certamente, cairia no ridículo, por ser um discurso sustentado, acima de tudo, pela promessa que não cumpre, isto é, pela fantasia (CHAGAS, 2001, p.65).

¹⁷ . Mercado da auto-ajuda vende individualismo e falsa felicidade. Jornal PSI, São Paulo, Jan/fev. 2001.

¹⁸ . John Gray no, livro *Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus* promete aos leitores descobrir “novos segredos para criar relacionamentos amorosos e duradouros” (cit.p.23).

Nesta perspectiva de tentar encantar o leitor com promessas, Chagas reflete sobre a ingenuidade dos leitores dos livros de auto-ajuda que, sem desenvolverem a condição crítica para analisar os textos, acabam persuadidos pelas promessas que os livros veiculam:

As promessas contidas nos livros são mencionadas de uma forma aparentemente simples, porém, são enaltecidas em cada livro por intermédio da capacidade de persuasão dos autores. Eles repetem a cada livro, a receita para quem deseja alcançar o sucesso e a realização pessoal. Dizem, nas entrelinhas, da possibilidade da perfeição humana, ou daquilo que, como se sabe pela psicanálise, é um desejo impossível de ser realizado, ou seja, o desejo de alcançar a felicidade plena, da reconciliação consigo mesmo e com os outros (CHAGAS, 2001, p.98).

O autor referencializa que esse tipo de discurso não está relacionado com uma forma de pensar reflexiva, “visto que sua proposta é a de dar certo, jamais falhar”; por isso, não existe interesse, de nenhuma das partes nem autores, nem leitores – em “demonstrar resultados obtidos pelo esforço de um trabalho consistente e sistematicamente bem elaborado” (2001, p. 75).

A vida se superficializa em conselhos rápidos, de caráter imediatista que não exige do leitor grande esforço de elucubração. O que menos se pretende com esta modalidade de discurso é o desenvolvimento de capacidade cognitiva crítica e epistemológica. O autor pretende que o leitor aceite seus ensinamentos e não questione.

Chagas questiona que, nos livros de auto-ajuda, se pode encontrar diversas sugestões para que o indivíduo oriente a própria vida e livre-se de situações difíceis. Para o autor, os “gurus” ensinam os liderados a:

Curar-se das doenças físicas e mentais, desfrutarem o máximo da vida, ganhar muito dinheiro e alcançar riquezas materiais, resolver problemas de modo fácil e imediato, evitar preocupações, aumentar a capacidade cerebral e mental e, finalmente, alcançar a felicidade através do sucesso e da realização pessoal (CHAGAS, 2001, p. 88).

Observa-se que os ensinamentos sugerem o encontro com uma realidade “perfeita”, pois garantem a partir da busca interior – do individualismo – a felicidade e realização de todos os sonhos. Promessas irresistíveis que, pela persuasão, convence o leitor “pelo discurso bem pronunciado e tomado pelo sentimento de poder (provocado), se lança na busca daquilo que fora prometido, na esperança de um dia efetivá-lo” (CHAGAS, 2001, p. 97).

O autor ressalta que os “gurus” de auto-ajuda repetem, a cada livro, a receita para quem pretende conquistar o sucesso e a realização pessoais. Chagas, alerta que o procedimento que ensina como encontrar a felicidade, tem sido praticado num setor da psicologia que ele denomina de “psicologismo casuísta”, por distanciar o psicólogo do fazer psicológico, tornando-o uma espécie de oráculo, pois supõe saber tudo o que se passa nos indivíduos. Para o autor, o casuísmo de auto-ajuda no campo do conhecimento científico:

É nocivo, porque propõe soluções milagrosas e imediatistas para qualquer problema e para qualquer pessoa. Em se tratando de problemas humanos, tudo aquilo que contém receitas milagrosas é suspeito de seriedade. Isso poderá embaraçar as pessoas diante de um processo terapêutico sério e, na maioria das vezes, lento. (CHAGAS, 1996, p.23).

Para o autor, essa prática reforça, em grande medida, o individualismo em detrimento dos laços coletivos, do envolvimento em questões sociais. Significa dizer que as pessoas são estimuladas/treinadas a se preocuparem consigo mesmas. A saída para qualquer tipo de problema é individual.

Tudo, no gênero discursivo, é resolvido de modo individual. Para Chagas, um possível êxito do leitor é entendido como a capacidade individual de conduzir-se. O discurso de auto-ajuda desconsidera a condição social do leitor, focalizando apenas a sua capacidade para seguir as normas da cartilha proposta pelo autor, para que o “sucesso” seja alcançado. Desta maneira, toda estratégia de persuasão não passa de mera ilusão:

Assim sendo, pode-se levantar a hipótese de que os sistemas de auto-ajuda, de modo geral, não são nada mais, nada menos, do que ilusões modernas ou contemporâneas, principalmente se considerar-se o fato de que, na base de seu funcionamento encontra-se uma natureza que é semelhante a das doutrinas religiosas, a que, por essa razão, os sujeitos passam a se sujeitar e a crer em seus princípios de orientações (CHAGAS, 2001 p. 84).

Para o autor, o individualismo ilimitado e ilusório, caracteriza o que o autor denomina de “expansão e desenvolvimento do capitalismo”, promovendo uma falsa libertação do homem, criando a “personalidade livre e igual” (CHAGAS, 1999, p. 21).

Em contrapartida, em épocas remotas, o indivíduo estruturava a própria existência a partir da comunidade, pois era costume visar o coletivo. A individualização e a ideia de liberdade completamente desprovida de qualquer sentido de responsabilidade sugere

caracterizar o presente. Deste modo, estamos todos libertos para seguir o itinerário dos manuais, do consumo e da solidão.

Soluções paliativas – como fórmulas e receitas de orientação para a vida – foram criadas para se superar medos, angústia, fraquezas e promessas de felicidade instantânea pois, segundo o autor, as narrativas da modernidade foram e são questionadas, tornando as próprias bases – razão, ordem e certeza – não confiáveis, por gerar um ambiente de “dúvidas e paradoxos” (Chagas, 1999, p. 25). Assim, os motivos de auto-ajuda se justificam com muita credibilidade, promovendo no indivíduo a capacidade de auto gerar-se para atingir realização pessoal, por meio de recursos próprios.

A crença nas promessas do manual, a partir do que afirma Chagas, sugere a geração de uma “natureza” metafísica; ou seja, o discurso dos autores se equivale aos ensinamentos das doutrinas religiosas, e o indivíduo de posse de tal instância, ou estado, volta-se para si, negando qualquer compromisso com o mundo social “estável e mais seguro” (CHAGAS, 1996, p. 105).

A ideia de crença individual pode ser encontrada na afirmação de um dos escritores que mais vende livros de auto-ajuda no país – Lair Ribeiro – quando diz não haver “nada de errado com o mundo em si. O caso não é mudar o Brasil, nem a sociedade. Você é que tem que mudar. Se você mudar, o mundo muda com você” (RIBEIRO, 1992, p. 42).

Pelo poder de persuasão, Chagas afirma que não há nenhum tipo de questionamento às falas e textos dos “gurus” de auto-ajuda por trazer “na sua estrutura, conteúdos de certezas e convicções inabaláveis, como se, de fato, fossem experiências testadas e aprovadas pelas pessoas.” (CHAGAS, 2001, p. 75).

Diante da perspectiva absoluta e imperativa, Chagas admite que o gênero se constitua em espécie de lei de conduta para os leitores. E não se pode desobedecer tais leis, sob pena de não conquistar a felicidade prometida pelos manuais.

O leitor converte a totalidade da própria existência nas regras referenciadas nos livros e passa por um processo de transformação identitária que, para Chagas, é parte constitutiva das mudanças ocorrentes na contemporaneidade; fato que viabiliza novas maneiras de viver e de valorar as coisas.

Em última análise, o surgimento de *novos estilos de vida* acaba afetando a produção, o trabalho e o dia-a-dia de cada indivíduo. Acelera-se o

ritmo de vida, da produção, do consumo, das operações financeiras, dos serviços e da comunicação. Os valores se transformam: o que valia ontem não serve mais para hoje e os valores de hoje poderão não ser mais empregados no dia de amanhã. Esse estado de coisas acarreta, ao contrário de concepções antigas, *novos* modos de estar no mundo, de *pensar, sentir e agir*. Sendo assim, ao que se entende, parece mesmo ser esse um dos destinos do indivíduo pós-moderno (CHAGAS, 1999, p.33).

A identidade fragmentada associa-se aos diversos modos de viver e estar no mundo e, segundo Brunelli (2004, p.46), “As antigas identidades que antes sustentavam o mundo estão em declínio; ao mesmo tempo, surgem novas identidades”. Apoiando-se em Chagas (1999), Brunelli (2004) afirma que as rápidas transformações (sociais, culturais, econômicas, políticas e técnico-científicas) das sociedades pós-modernas criam um mundo essencialmente instável, e produz sérios efeitos na vida psíquica dos indivíduos, pois, a efemeridade, a velocidade e o descarte – de coisas e pessoas – que caracterizam o mundo atual, tornam precários e transitórios os sistemas de valores públicos e pessoais, consolidando um processo de fragmentação das identidades e dos indivíduos.

O discurso de auto-ajuda é parte integrante dessa pletera de acontecimentos que formata identidades e introduz novos comportamentos no início do século XXI. Nesse sentido, Hall propõe que se substitua o termo “identidade” – por traduzir um conceito de essência sólida e completa – por *identificação*, que permite entender a identidade em andamento como “uma inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros” (HALL, 2005, p.39).

Diante da mudança no *modus vivendi*, Chagas (2001, p. 31) relaciona o conhecimento proporcionado pelo discurso de auto-ajuda a uma “psicologia popular”, que tem por objetivo orientar “a vida de muitas pessoas”, fato que tornou o referido esse discurso amplamente difundido e conhecido do público. O autor apresenta, também, a tese de que os manuais de auto-ajuda possuem caráter manipulativo de consumo.

O debate em torno do consumo, feito por Chagas interage sobremaneira com a análise construída por Lipovetsky sobre a sociedade que, na atualidade, consome maciçamente para satisfazer o bem-estar individual:

Desde a entrada das nossas sociedades na era do consumo de massa, predominam os valores individualistas do prazer e da felicidade, da satisfação íntima, não mais a entrega da pessoa a uma causa, a uma virtude austera, a renúncia de si mesmo (LIPOVETSKY, 2004, p. 23).

Para CHAGAS (1996, p. 21), o mediador nas relações de consumo do capitalismo é o dinheiro, que culmina por tudo dimensionar, inclusive o indivíduo. Assim, o acúmulo de capital eleva o *status* social do indivíduo que idiossincraticamente estrutura-se existencialmente num axioma monetário.

Nesse sentido, é válida a leitura de Simmel sobre a relação que – na modernidade – estabelecemos com o dinheiro. Para o pensador, o dinheiro é uma espécie de herói e vilão do mundo moderno, pois permite que as relações sociais se libertem, possibilitando trocas comerciais independentes. Por outro lado, a independência de relações sociais transforma o contato humano num mero contrato comercial. Para Simmel, a impessoalidade do dinheiro é a fonte da impessoalidade e fragmentação das relações humanas:

As correntes da cultura moderna deságuam em duas direções aparentemente opostas: por um lado, na nivelção e compensação, no estabelecimento de círculos sociais cada vez mais abrangentes por meio de ligações com o mais remoto sob condições iguais; por outro, no destaque do mais individual, na independência da pessoa, na autonomia da formação dela. E ambas as direções são transportadas pela economia do dinheiro que possibilita, por um lado, um interesse comum, um meio de relacionamento e de comunicação totalmente universal e efetivo no mesmo nível e em todos os lugares à personalidade, por outro lado, uma reserva maximizada, permitindo a individualização e a liberdade (SIMMEL, 1998a, pp.28-9).

Do contraste entre consumo, prazer e capital, surge o hiper-individualismo que deteriora a vida comunitária. Para Chagas, o culto à individualização fez o homem moderno mais materialista e egoísta. Por ser um produto da Indústria Cultural¹⁹, o discurso de auto-ajuda acaba por massificar o leitor. De fácil absorção, utilizando-se de muitos clichês, fórmulas e persuasão, os manuais materializam-se em franca e potente mercadoria de consumo de massa.

Deste modo, o discurso de auto-ajuda se vale de trabalho de linguagem que encanta e fascina; estratégia que atrai os leitores para um mundo “mágico” onde tudo

¹⁹ . O termo Indústria Cultural (em alemão Kulturindustrie) foi cunhado pelos filósofos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Membros da Escola de Frankfurt, os dois filósofos empregaram o termo pela primeira vez no capítulo O iluminismo como mistificação das massas no ensaio Dialética do Esclarecimento, escrita em 1942, mas publicada somente em 1947. Para Adorno e Horkheimer, Indústria Cultural distingue-se de cultura de massa. Esta é oriunda do povo, das suas organizações, costumes e sem pretensão de ser comercializada, enquanto que aquela possui padrões que sempre se repetem com a finalidade de formar uma estética voltada para o consumismo.

pode ser conquistado. O “encantamento” promovido pela leitura do gênero produz no leitor uma confiança excessiva no pensamento positivo, pois tudo se realiza quando mentalizado positivamente e com muita fé. O autor atenta para o excesso, entendendo e criticando que a fórmula proposta pelos escritores de auto-ajuda estimula a construção da fantasia, onde o leitor/seguidor aceita todos os conselhos e orientações feitas pelos autores.

Chagas, de modo coerente, alicerça a análise sobre *A Ilusão no Discurso da Auto-Ajuda e o Sintoma Social*, afirmando que tais livros se transformaram numa espécie de ilusão da realidade que como uma droga altera o estado psíquico dos leitores. Para comprovar a tese, o autor caracteriza o individualismo e o egoísmo como sintomas verificados nos consumidores do gênero auto-ajuda.

A análise precisa de Chagas sobre o fenômeno editorial auto-ajuda, nos convida a pensar criticamente a respeito do sucesso deste gênero discursivo. O que se percebe ao longo da obra do autor é que os manuais de aconselhamento vão consolidando seu espaço no mercado, pois desde 1859, Smiles com *Self-Help* (Ajuda-te) e Carnegie (*Como Influenciar Pessoas e Fazer Amigo*) 1937, precursores do gênero, a auto-ajuda conquista as livrarias, escolas, empresas, igrejas e se estrutura enquanto modelo para a vida, para as relações amorosas, para manter o emprego, para garantir boas relações com os demais indivíduos.

3.2. Francisco Rüdiger: Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo: Contribuição ao Estudo da Subjetividade na Cultura de Massa Contemporânea.

Francisco Rüdiger é doutor em Ciências Sociais (USP), professor universitário e um dos mais destacados estudiosos do tema auto-ajuda no Brasil. Dedicou-se academicamente à história das ideias e à reflexão crítica nos campos da indústria cultural, da teoria social e dos estudos sobre pensamento tecnológico e cibercultura, incluindo-se trabalhos sobre cultura de massas, filosofia da técnica, teoria da comunicação etc.

Dentre as principais obras, pode-se mencionar *As Teorias da cibercultura* (2011), *Cibercultura e pós-humanismo* (2008), *Martin Heidegger e a questão da técnica* (2006), *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural* (1998/2003) e *Literatura de auto-ajuda e individualismo* (1996). Este último título, objeto de nossa análise.

Rüdiger reflete sobre o fenômeno editorial auto-ajuda ²⁰ e nos faz pensar sobre o sentido e o valor desse gênero discursivo para a formação social-histórica representada pelo individualismo contemporâneo. Para o autor, os livros que se transformam em manuais, usam uma linguagem prescritiva, orientando os leitores a “vencerem” na vida, dando lições sobre crescimento pessoal.

Para Rüdiger, tais ações – desenvolvidas pelos escritores de auto-ajuda – constituem-se como dispositivos através dos quais as “massas urbanas articulam sua conversão ao individualismo” (RÜDIGER, 1996, p.238). O interesse principal desta obra é “reconstituir de maneira típico-ideal as condições histórico-universais que presidiram à formação dessas práticas e as programações de conduta que elas têm difundido socialmente.” (RÜDIGER, 1996, p. 9).

Analisando um conjunto de obras, Rüdiger (1996, p.9) busca “compreender o significado dessa espécie de textos na montagem de nossa civilização”. A tarefa empreendida em pesquisa incidiu na “análise de apenas uma das dimensões constitutivas da modernidade: o movimento combinado de abstração social do sujeito e desenvolvimento do individualismo” (RÜDIGER, 1996, p. 9).

Rüdiger percebe que há um movimento geral na cultura moderna, através do qual a “procura por salvação dentro de um coletivo cedeu lugar à procura solitária pela satisfação do interesse próprio” (RÜDIGER, 1996, p.238). A reflexão sobre a vitória do individualismo sobre o coletivo alia-se ao pensamento de Chagas, autor analisado anteriormente. Para caracterizar o fortalecimento do indivíduo a partir dos manuais de auto-ajuda, Rüdiger, inicialmente, discute a obra *Self-help* de Samuel Smiles, precursor do gênero, devidamente apresentado no segundo capítulo deste trabalho.

Para o autor, é um equívoco equiparar a obra de Smiles aos manuais de auto-ajuda posteriores, de acordo com os quais o sucesso na vida repousaria na satisfação dos desejos individuais. Rüdiger demonstra que o interesse de Smiles era conciliar o progresso pessoal, baseado no emprego da vontade, com a moralidade tradicional.

Rüdiger não trata o gênero auto-ajuda como uma imposição da cultura de massas, do mercado editorial, mas como um produto que dentro das suas limitações, dialoga com

²⁰ . Para Rüdiger, a auto-ajuda é caracterizada como um “conjunto de relatos, de manuais, de textos, às vezes multimídia que nos ensina como conduzir a vida, sobrepujar a depressão, manejar com pessoas, exercitar a sexualidade, parar de fumar, prosperar financeiramente, etc.” (Literatura de auto-ajuda e individualismo, cit. p. 9).

situações concretas vividas pelo respectivo público. Independentemente do conteúdo dessas obras, Rüdiger (1995) ressalta que os livros de auto-ajuda constituem em uma das mediações através das quais as pessoas procuram construir um “eu” de maneira reflexiva, para então enfrentarem os problemas impostos pela sociedade.

Em síntese, o fenômeno refere-se ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e emprestar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual supra ou intermundana. Fundamenta-se no princípio de que você tem em seu interior os recursos necessários para obter sucesso, a concretização de seus objetivos, felicidade e qualquer outra coisa necessária para desfrutar de uma vida completa (RÜDIGER, 1995, p. 11).

Tal abordagem não significa que o autor adere às práticas deste discurso, mas ilustra entendimento da “tensão entre as demandas que a sociabilidade capitalista coloca ao indivíduo e a capacidade que este tem de respondê-las enquanto indivíduo” (RÜDIGER, 1996, p.140).

Rüdiger ocupa-se, então, em estabelecer um vínculo entre o discurso de auto-ajuda e o individualismo desenvolvido no ocidente a partir da ascensão do capitalismo burguês. O autor mostra como o comportamento individualista está na base da auto-ajuda e, para tanto, concentra análise mais na auto-ajuda como um meio contemporâneo para fortalecer o individualismo.

Rüdiger afirma, ao longo da obra, que a auto-ajuda é um fenômeno eminentemente anglo-saxão. Toda história – pelo menos no formato que assume na contemporaneidade – tem origem naquele espaço, ainda que, em desenvolvimento posterior, tenha se espalhado por quase todo o ocidente e hoje, também, no oriente.

Para o autor, foi a partir do século XX que as práticas de pensar e refletir sobre si (auto-reflexão) ganharam fôlego, e o fenômeno pode ser conferido no seio de uma sociedade fragmentada e sem amparo para a construção de uma identidade e condutas de vida individuais.

Para o autor, o contexto contemporâneo de mudanças sociais conduz o indivíduo a questionar as próprias liberdade e ética de conduta, agora com o objetivo de validação espiritual. Rüdiger (1996, p.142) afirma que a disseminação de tal processo ocorre com

o surgimento de diversos movimentos de ampliação do mercado de bens culturais do século XIX que transforma as “práticas de si em fenômeno da cultura de massa”.

Rüdiger atesta que como consequência da crise modernidade, percebe-se no âmbito sócio/histórico/cultural a desintegração das representações coletivas e dos simbolismos coletivos que orientavam – com sucesso – a diluição dos objetivos pessoais para os propósitos sociais (as ideologias de esquerda cumpriam um papel significativo nesse aspecto), e garante que com esse movimento surge o período de indivíduos relativamente livres obrigados a viverem em sociedade em constante modificação.

Para Rüdiger (1996, p.14) “na modernidade, parece que a liberdade individual vai perdendo sentido à medida que aumenta a liberdade do homem”. Nesta perspectiva, destaca que o discurso de auto-ajuda compõe uma mediação possível, pois “as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade”. Assim, as produções do gênero apresentam-se como uma forma individualista através da qual o novo sujeito procura superar os obstáculos relativos às concepções de vida atuais, que divergem radicalmente das que “regiam as antigas civilizações” (RÜDIGER, 1996, p.14).

Ao corroborar com a concepção de haver migração das preocupações coletivas para o individualismo, Semprini argumenta que o fato se deve à “difusão maciça de uma cultura psicológica de massa que popularizou as noções de desejo e de prazer e legitimou a construção de projetos individuais, a busca da felicidade privada, a procura por escolhas pessoais, até a excentricidade” (2006, p. 61).

Segundo Rüdiger, preconizando o advento de um indivíduo que é auto-gestor, a auto-ajuda promove a destruição da imagem de sociedade como uma esfera de reconhecimento para a identidade do sujeito. Desse modo, o movimento atingiu um número tão alto de pessoas que pode hoje ser entendido como uma prática social estabelecida. Por conseguinte, a auto-ajuda levou ao público a concepção de sociedade como uma “grandeza negativa, moralmente neutra” (1996, p. 233).

Faz parte da filosofia capitalista, na concepção do autor, a tentativa de libertação do indivíduo da tutela dos poderes institucionais da cultura e da sociedade. A liberdade individual passa a ser, nesta conjuntura, o bem mais importante a ser conquistado e cultivado e os laços sociais só podem ou devem existir na medida em que emanarem das vontades individuais:

A sociedade representa uma realidade secundária, construída através de contratos, pactuados por sujeitos livres, conforme seu interesse individual. Isto é, consiste numa espécie de terreno comum onde cada indivíduo persegue o conceito de bem viver que escolheu para e por si mesmo. E as instituições existem para provê-lo dos meios para levar adiante essa atividade autônoma (RÜDIGER, 1996, p. 160).

Assim, segundo o autor, o sujeito busca, na moral, na sociedade, na religião, na arte, na cultura e em todas as esferas de interação simbólica e convivência coletiva, valores que possam ser gerais sem perder o respectivo caráter individual. Rüdiger sustenta que não se trata de eliminar valores que sejam socialmente aceitáveis, mas de tornar socialmente aceitáveis valores e formas de conduta que só se legitimam por uma visão individualista e particularizante do mundo:

Nosso tempo prima, em princípio, por um esforço no sentido de combinar os conceitos de liberdade e dignidade de todos com o ideal comum de desenvolvimento individual diferenciado. Em linhas gerais, os modernos pretendem tomar suas decisões e fazer suas escolhas procurando combinar sua configuração individual com o válido universalmente, os direitos pessoais com os direitos da humanidade (RÜDIGER, 1996, p. 165).

Diante desse contexto de transformações estruturais, a auto-ajuda é facilmente consumida por grande quantidade de indivíduos por se propor a auxiliar ou até responder diretamente aos obstáculos e problemas resultantes das mudanças na vida do sujeito moderno. Ainda segundo Rüdiger, em época em que a humanidade pauta constantemente questões relativas à elaboração e implementação de uma identidade individual, emergem cinco características típicas relativas ao dado contexto.

A primeira característica diz respeito à velocidade das transformações sociais, pois tais mudanças facilitam a existência de espaços (Internet, redes sociais) onde os manuais encontrem viés para deslizarem socialmente. Para o autor, o advento do individualismo e todas as dificuldades de construção de narrativas autobiográficas geraram necessidades de auxílio ao sujeito em crise que busca nos manuais de auto-ajuda uma saída para as dificuldades encontradas na vida contemporânea.

Rüdiger alerta que o próprio capitalismo pode ter sido o responsável pela geração da crise, vez que tenha proposto – em escala social e universal – a uniformidade do conceito de individualidade.

A segunda característica mostra que o discurso de auto-ajuda é eficaz em função de forma e conteúdo próprios. Segundo Rüdiger, a propaganda do gênero foi patrocinada pelo mercado capitalista, com interesse de criar mais um “bom” produto para o consumo da sociedade. Afirma ainda que as técnicas de autoconhecimento tiveram os conteúdos simplificados, banalizados e rebaixados para facilitar o processo de venda e aumentar o número de exemplares:

Nesse contexto, as respostas para os problemas de identidade, os recursos para descobrir e explorar os segredos da alma, do corpo e do sexo e as fórmulas para ter sucesso na vida e relacionar-se com as pessoas foram se tornando mercadoria de consumo de massa. As práticas de si começaram a se vulgarizar através dos meios de comunicação, difundindo um saber de cunho paracientífico, caracterizado nos catecismos sobre como conduzir a vida, nas matérias sobre o potencial humano, nos testes de autoconhecimento e nos desenhos de perfis psicológicos (RÜDIGER, 1996, p. 16).

A terceira característica é o “discurso prescritivo”, em que a intenção é apresentar regras que sirvam como bula de procedimento individual diário. Por isso, os conteúdos não são filosóficos, no sentido de abrirem possibilidades de discussão e até de discordâncias, e sim pragmáticos e performáticos, pois são constituídos de pareceres técnicos que podem (e devem) ser aplicados de forma prática e rápida pelo leitor. A intenção textual, não se restringe a uma leitura comum, mas supõe que o leitor possa, a partir daquele momento, apropriar-se de todas as técnicas explicitadas para agir “sobre si próprio e sobre os outros no contexto de nossa cultura” (RÜDIGER, 1996, p. 21).

A quarta característica é a linguagem científica psicológica. Rüdiger atesta que quando as informações científicas são popularizadas e traduzidas para as massas, elas perdem substância e profundidade, pois isenta o leitor de relacionar cada um dos aspectos do próprio cotidiano problemático à dimensão econômica, política, social, religiosa e cultural a que esteja ligado. Este tipo de estratégia, por parte dos autores, minimiza e, por vezes, impede qualquer tipo de questionamento crítico/filosófico sobre as obras.

A quinta característica apresentada no texto de auto-ajuda é a proposta de saída individual para qualquer possibilidade de mudança social e econômica. O objetivo do discurso, segundo Rüdiger, é o de que cada leitor mude, pois, o sucesso depende da mudança. Assim, o leitor passa a ser “uma nova pessoa”. A mudança individual é imprescindível para forjar transformações coletivas.

Além de apresentar as características que demarcam o gênero, Rüdiger, divide a auto-ajuda em duas categorias. Na primeira, encontram-se os livros que acentuam o desenvolvimento das *capacidades objetivas* necessárias para a aquisição, manutenção e expansão dos sucessos nos negócios, da comunicação e da influência sobre pessoas próximas, das relações amorosas (nosso tema) e outras habilidades para o desempenho social. Esta categoria leva em conta as práticas ligadas ao contexto social, pois considera que a constituição do “eu” se dá na relação social com os outros.

A segunda categoria, evidencia as *capacidades subjetivas*, necessárias para aumentar a estima a si mesmo, conseguir e saber envelhecer com serenidade, vencer a depressão e até viver em plenitude. Denominadas pelo autor como *terapêuticas*, ou místicas terapêuticas, as obras listadas nesta corrente da auto-ajuda identificam o sucesso pessoal com o conceito de auto-realização.

Os dois principais teóricos brasileiros a respeito da auto-ajuda— Rüdiger e Chagas —somam opiniões sobre a propagação do modelo de conduta e normas de comportamento. Francisco Rüdiger afirma que:

A literatura de auto-ajuda difunde entre seu público um conjunto de modelos que, mal ou bem, influencia na maneira dele pensar sobre si mesmo e fornece a seus leitores um conjunto de pautas de ação e subjetivação cuja capacidade de intervir na realidade, todavia, extrapola seu poder, dependendo, entre outros fatores, da preexistência, nessa realidade, das condições favoráveis ao desenvolvimento de uma personalidade ou à ação social que ele prescreve, quando ensaja o reordenamento de uma subjetividade (1996, p. 21 e 22).

A auto-ajuda, segundo Francisco Rüdiger, se alimenta dos meandros do cotidiano social e, em contrapartida, os “sintetiza e transmite” novamente para a sociedade. Por um lado a auto-ajuda ela é, para o autor a representação textual relativamente válida de um conjunto de hábitos e crenças coletivas; por outro, é colaboradora direta na manutenção de um *status quo* e da transmissão e reprodução de seus valores, através da divulgação de normas de praticidade, regras morais e critérios de validação do que é ou não é verdade (RÜDIGER, 1996, p. 26).

Por isso, decreta o autor, além de ser fruto do moderno sistema empresarial, por buscar responder ao “desejo privado de sucesso, riqueza e poder pessoal promovidos com o desenvolvimento do capitalismo” (RÜDIGER, 1996, p. 139), a auto-ajuda prova a existência de uma acomodação em relação ao sistema de vida ora em vigor. Assim, funde-

se com as importâncias do sistema econômico capitalista e passa a representar o interesse privado, a eficiência e a produtividade. Rüdiger argumenta que os movimentos de auto-ajuda extrapolam os limites disciplinares impostos ao indivíduo e também incentiva explicitamente o “governo do sujeito pelo próprio sujeito”. Além disso, suas prerrogativas podem ser aproveitadas pelo sistema que agora necessita de “técnicas produtivas e suaves de controle social” (1996, p. 141).

Ao partir do pressuposto de que o indivíduo possui um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os problemas, e que estão dentro do sujeito os recursos necessários para resolver os respectivos dilemas, observa-se que o fundamento da auto-ajuda é a perspectiva de subjetivação. Compreendendo-a como uma gama de manuais e relatos que ensinam como conduzir a vida, sobrepujar a depressão, manejar com pessoas, exercitar a sexualidade, parar de fumar, conquistar pessoas, enriquecer etc., constitui-se em formidável veículo de subjetivação edificado pela cultura ocidental (RUDIGER, 1996, p.2).

Em momento da história em que incertezas, medos e inseguranças, crises existenciais seguidas de crises ideológicas estão afloradas, a auto-ajuda passa a ser o lugar (ilusório) no qual estas inquietações podem ser resolvidas, colaborando no forjamento de novas identidades que, obviamente, dialoguem com os interesses de autores e editores da modalidade.

O contexto paradoxal de incertezas cria um mundo/realidade que, segundo o pensador francês contemporâneo Baudrillard, denomina-se de Simulacional, ou seja; o real simulado contribuindo para perda da noção de realidade. Para Baudrillard (1991, p.11) torna-se difícil e problemático distinguir o “real” do “irreal”, pois “ Parece haver cada vez menos realidade e mais objetos produzidos artificialmente como numa Disneylândia sem fim, que, é claro, fazem parte também dessa realidade, tornando-se, assim, metarreais”. O livro de auto-ajuda insere-se neste contexto matrixiano sobretudo na ótica do leitor.

Para Rüdiger o discurso de auto-ajuda funciona, mas não como prometido, pois a eficiência do gênero está em promover o próprio consumo: atender aos interesses do mercado, vender diversos exemplares com o intuito de obter lucros e “manualizar” a vida dos indivíduos, tornando-o seguidor de um determinado autor especialista em educação, sucesso no trabalho ou êxito nos relacionamentos amorosos.

CAPÍTULO 4 – OS LIVROS DE AUTO-AJUDA COMO MANUAIS DE CONQUISTA E RELACIONAMENTOS.

Este capítulo apresenta os livros de auto-ajuda a partir da obra de Samuel Smiles: *Ajuda-te* (1859, *Self-Help*) que inaugura o gênero. O livro surge num contexto de crescimento das ideias de esquerda/marxista na Europa, onde é preciso convencer os trabalhadores para valorar o trabalho e pensar positivamente. Dessa forma Smiles propõe que o desenvolvimento do caráter individual é condição essencial para promoção da “reforma social”, uma espécie de revolução pacífica e que não altera absolutamente nada no modo de produção capitalista.

Em seguida, temos a análise da construção do discurso de auto-ajuda e os dispositivos persuasivos a partir das três obras que especificamente orientam leitores para terem êxito ou resolverem problemas na relação amorosa.

As obras analisadas são: a) *Porque os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor: Uma Visão Científica (e bem humorada) de Nossas Diferenças* dos autores Bárbara e Alan Pease (2001), b) *Como Fazer Qualquer Pessoa Se Apaixonar Por Você* de Leil Lowndes (2009), c) *Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus* de John Gray (1992).

O capítulo conclui a discussão refletindo o lugar da cultura no debate sobre as diferenças entre mulheres e homens nos livros de auto-ajuda.

4.1. O Precursor do Gênero Auto-Ajuda: Samuel Smiles, *Ajuda-te* (Self-Help)

O termo auto-ajuda foi criado pelo médico escocês Samuel Smiles²¹ (1812-1904), no livro *Self-Help* (1859), onde defende a posição do homem como o construtor de bem-estar e êxito no mundo em que vive. A obra, imediatamente, torna-se sucesso. É traduzida para oito idiomas e o termo transforma-se em determinado gênero de discurso.

No entanto, faz-se necessário entender o que representa a “auto-ajuda” defendida por Smiles, no contexto histórico do século XIX. O conceito de auto-ajuda relaciona-se

²¹. Samuel Smiles abandona a medicina em 1830 para se dedicar a política. Defendeu o sufrágio universal, o voto secreto e a abolição da comprovação de renda para candidatos a cargos legislativos. Em 1850, deixa a vida política e em 1859, publica o primeiro livro de auto-ajuda, *Self-Help*. Essa obra foi traduzida no Brasil, em 1893, com o título: *Ajuda-te*.

com a ideia de sucesso pessoal que, para Smiles, corresponde ao desenvolvimento do caráter individual aplicado ao trabalho, pois dessa forma haveria o que ele denominava de “reforma social” por uma via pacífica e não conflituosa. “O caráter é o verdadeiro brasão do homem, Smiles. ” (1893, p. 438). Esse pensamento determina que o sucesso pessoal seja o cumprimento de um dever social.

A crença de que o conhecimento das histórias de vida de homens bem-sucedidos poderia proporcionar um estímulo para que outros alcançassem patamares de sucesso levou Smiles a buscar nas biografias uma estratégia para mobilizar os trabalhadores ingleses. Ao que consta, Smiles proferia palestras divulgando suas ideias sobre o desenvolvimento do caráter pelo cultivo do hábito, da auto-ajuda, do valor da educação pelo trabalho e da importância das biografias como modelos a serem seguidos. (TURMINA, 2009, p.99)

Smiles vive em um período histórico de confronto entre os interesses capitalistas e a classe operária. Cedo percebe a consolidação de nova estrutura social, onde o sistema fabril substitui a produção artesanal. Sobre tais transformações, a educadora e pesquisadora Adriana Cláudia Turmina (2009, p.75) afirma, em dissertação de mestrado: *MUDAR PARA MANTER: A auto-ajuda como a nova pedagogia do capital* que: “as mudanças sociais e políticas decorrentes do processo de industrialização podiam ser visualizadas pelo crescimento urbano, sendo que uma das mais importantes consequências da Revolução Industrial diz respeito ao surgimento da classe operária. ”

Neste contexto de desenvolvimento industrial e urbano, o trabalho assalariado expande e passa a ser visto, exclusivamente pelo poder capitalista, em função do lucro e do resultado. O proletariado será explorado com uma jornada diária de dezesseis horas de trabalho. Homens, mulheres, velhos e crianças, ninguém escapa da vontade do capital de produzir *Mais-valia*²² para o aumento dos seus lucros.

Mesmo vivendo nesse período de luta entre as classes operária e burguesa, Smiles (na obra) não dedica atenção à denúncia das condições de vida dos trabalhadores, pois não apresenta nenhum tipo de crítica ao capitalismo e às relações contraditórias entre burguesia e proletariado. Ao contrário, isenta o discurso dos problemas sociais da época e acredita que a construção do bom caráter é a grande missão do trabalho que empreende. “Pode o homem ter recebido pouca educação, e possuir poucos dotes e pouca fortuna, e,

²² . Mais-valia é o valor excedente produzido pelo operário que garante o lucro do capitalista.

entretanto, se o seu caráter é bom de lei, será sempre influente na oficina, nos negócios ou no senado” (SMILES, 1893, p. 439).

Nesta perspectiva, *Self-Help* – enquanto contributo do pensamento liberal – é um meio para o desenvolvimento de um caráter e uma moral individuais, que seriam os elementos determinantes de mudança nas relações de trabalho para a construção de uma nação, neste caso a Inglaterra. O caráter e a moral constituem a essência da auto-ajuda para Smiles. Mesmo vivendo no mesmo período do surgimento do pensamento socialista, Turmina (2009, p.13) afirma que: “o pioneiro da auto-ajuda manteve-se impermeável às manifestações de Marx e Engels. ” Para Turmina, a obra *Ajuda-te* fortalece de fato o pensamento liberal por apresentar ideias como: liberdade de escolha e a supervalorização da força de vontade individual em detrimento da força coletiva representada pelas associações e sindicatos vinculados aos ideais socialistas.

Ajuda-te não é a primeira obra de Smiles, mas a principal no que diz respeito à construção de aconselhamentos e ensinamentos, isto é, de uma pedagogia, com uma intenção declarada de mobilizar jovens trabalhadores num contexto em que o mercado livre proporcionaria o mesmo grau de liberdade e igualdade aos indivíduos que desejassem ascender socialmente. Smiles representa um porta-voz do liberalismo ao propagar o conceito de liberdade de escolha entre os trabalhadores. As aptidões, o talento e a força de vontade individual estabeleceriam laços sociais entre as escolhas individuais e o Estado. (TURMINA, 2009, p. 88)

Os livros de auto-ajuda, na atualidade, perdem um pouco o caráter ideológico de adesão ao liberalismo proposto na obra de Smiles. Mas, os escritores continuam incentivando o sucesso individual e riqueza material ou afetiva, vez que a solução para todos os males/problemas está dentro do próprio indivíduo e no pensamento positivo. Deste modo, este tipo de discurso passa a assumir tendência de comportamento que objetiva sucesso e realização pessoal e não está mais associado a um projeto de nação, de reforma social, como pensava Smiles.

[...] O objetivo dos novos pregadores do sucesso tornou-se obtenção de autodomínio. Passou-se a supor que, por meio do controle do eu, o indivíduo poderia dominar e, em larga medida, determinar seu ambiente externo. Aos novos pensadores era colocada a tarefa de ensinar ao indivíduo a andar sobre seus próprios pés, a trabalhar por sua própria salvação, a desenvolver todas as forças latentes que tiver dentro de si, a afirmar seu espírito e individualidade própria, e a ser forte, clemente e bondoso. (MARTELLI, 2004, p. 225).

Os manuais de auto-ajuda, na contemporaneidade, não só direcionam regras para “auxiliar” o indivíduo no dia-a-dia, como estimulam aceitação e adaptação à ordem social. Os grandes problemas a serem resolvidos, ao que parece, são de ordem pessoal, individual e não coletiva, pois a sociedade do consumo, egocêntrica, do capitalismo amplo e irrestrito, venceu as utopias e projetos de sociedades pautados na “solidariedade, fraternidade e igualdade”; lemas do Iluminismo e dos programas de orientação socialista do século XX.

Conhecida por ser um produto da Indústria Cultural, essa literatura acaba por massificar o leitor. Apoderando-se de males comuns da vida de qualquer pessoa, como problemas com família ou com dinheiro, os autores generalizam o modo de ver, pensar, e sentir de cada um, caracterizando uma indistinção básica entre os indivíduos. (VICENTE, 2008, p, 81)

No contexto atual, a auto-ajuda revoluciona em termos de vendas no mercado editorial. Há livros e manuais para as mais diversas situações da vida, com fórmulas, receitas e prescrições que – por bem aceitas pelo público – justificam o crescimento desse tipo de leitura na sociedade. O sociólogo Francisco Rudiger reflete em *Literatura de Autoajuda e individualismo (1996)* que – na contemporaneidade – tais livros satisfazem as necessidades de homens e mulheres. Talvez por isso acercam-se de muito sucesso mercadológico.

Entretanto, o fato não garante pleno funcionamento, pois questiona como determinada leitura de apenas um livro pode modificar comportamentos de toda uma vida.

Caso a transformação fosse realmente possível, se considerar que cada indivíduo possa, por tal recurso, melhorar a si mesmo, teremos – em longo prazo – um benefício para toda a sociedade, pois o autodesenvolvimento pode conduzir à mudança social coletiva, e influenciar na economia, cultura e educação de dada nação. Seguindo esse itinerário, todos os problemas serão solucionados a partir os conselhos de auto-ajuda.

4.2. A Construção do Discurso de Auto-Ajuda e os Dispositivos Persuasivos

As obras de auto-ajuda mostram-se estimulantes e fenômeno de sucesso no mundo. Apresentam-se, na contemporaneidade, como modalidade discursiva de impregnação positiva e infalível; por isso é lugar comum e recorrente o leitor se deparar

com termos como: realização, vitória, prazer, sucesso, poder, felicidade, paixão, riqueza, beleza, alegria, mudança, paz, entre outros tantos que conferem segurança pessoal.

O discurso de auto-ajuda sustenta que o segredo para que qualquer um consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar muito dinheiro, etc. está na crença incondicional na realização dos sonhos, do projeto de vida, dos desejos, etc. Assim, quem acredita que vai conseguir consegue, e quem duvida não consegue. Trata-se, pois, de uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade. (BRUNELLI, 2004, p 45)

Poder é a palavra de referência na análise de Anna Flora Brunelli (2004), pois evidencia sentido atrelado a concepção de que cada indivíduo pode atrair coisas boas ou ruins, de acordo com a atitude mental. Basta acreditar no discurso, palavra desprovida de qualquer vinculação com uma realidade concreta, fundamentada numa materialidade empírica, que as coisas boas vão acontecer.

Para Brunelli (2004, p.45), como é uma questão de poder da palavra e crença no enunciador: “examinando a modalidade no discurso de auto-ajuda, verificamos que o sujeito-enunciador desse tipo de discurso também manifesta em seus enunciados essa mesma crença/confiança que prega como necessária com relação às teses que propõe. Nesse sentido, aquele que enuncia, também crê, também vivência o que prega e tem certeza daquilo que está falando, pois segundo Chagas (1999, p. 75): “Nesse discurso não existem indagações ou dúvidas.”

O discurso de auto-ajuda se apresenta como solução para dúvidas e incertezas do cotidiano, por impregnar – na mente dos leitores – pensamento positivo baseado na crença de que se pode mudar a vida, pode-se encontrar a felicidade seguindo as palavras “proféticas” do livro escolhido para resolver os problemas. Para a pesquisadora Rejane Loli (2008, p.77), que discute a persuasão no discurso de auto-ajuda dentro de uma abordagem sistêmico funcional:

O discurso da auto-ajuda é retórico na medida em que é persuasivo, apresenta conceitos discutíveis, controversos. Entretanto, essa persuasão, do ponto de vista da sedução, entendida como o emprego de recursos lingüísticos com intuito de embelezar o texto, não se dá de forma plena, mas também como uma forma de tentar atrair o leitor, fixando sua atenção na mensagem.

Loli (2008, p.58) segue pensamento sobre o poder de convencimento no discurso de auto-ajuda, afirmando que “frequentemente, a persuasão se apropria da participação

cognitiva do leitor no processo de aceitar a perspectiva do autor”. Nesse sentido, o autor devota, como registro sintático-semântico, força dramática e apelo emocional como meio de capturar o leitor e fazê-lo – realmente – crer nas ideias ali dispostas. Por isso Loli (2008), seguindo posicionamento de Fairclough²³ sobre análise do discurso, destaca três aspectos de efeitos construtivos: 1) o discurso constrói identidades sociais, pois contribui para definir a posição do sujeito na sociedade; 2) o discurso constrói relações sociais entre as pessoas; 3) o discurso contribui para a construção de um sistema de conhecimento; ou seja, de crenças em torno de um determinado tema/assunto.

Assim sendo, o discurso de auto-ajuda não se exclui da sistematização apresentada, vez que o leitor implicado constrói processo identitário próprio por meio do contato com tais discursos; constitui um conjunto de relações sociais a partir da troca de ideias com outros leitores que aderem ao gênero e produzem certos saberes, conhecimento e fé sobre a “verdade”, por vezes irrefutável, que o autor apresenta.

Através do discurso de auto-ajuda, percebe-se o jogo habilidoso de palavras, que torna os argumentos persuasivos e convincentes. Para Oliveira (2006, p.26), o procedimento viabiliza-se pelo “emprego de argumentos mais populares e acessíveis” de modo a não criar dificuldade no ato de leitura e na compreensão do que o autor propõe. O principal objetivo do discurso, portanto, é seduzir o leitor na confiança de que – ao seguir todo o itinerário da maneira correta – obterá êxito e sucesso plenos. Basta, então, dispor-se a seguir as orientações e/ou conselhos de “gurus”, e permitir-se conduzir por jogos retóricos de linguagem – no excerto que segue o autor atribui ao leitor poderes de divindade – para usufruir da condição esperada:

E você conhece a frase, que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. Isso também é verdade. E na semelhança você entende que os poderes que até então só foram atribuídos a Ele, Deus, na verdade você também os tem. Você também é Deus, se faz parte Dele, também é Ele. Portanto, você é um ser criador. E ser criador quer dizer o seguinte: você tem o poder de fazer acontecer as coisas na sua vida. Isso através do seu pensamento. (RICARDINO, 1997, p. 24)

²³. Linguista, foi professor emérito na Universidade de Lancaster. Um dos fundadores da análise crítica do discurso (ACD), uma área de estudos que analisa a influência das relações de poder sobre o conteúdo e a estrutura dos textos, sobretudo os midiáticos. Seu trabalho de pesquisa foca-se sobre o lugar da linguagem nas relações sociais e sobre a linguagem como parte integrante de processos de mudança social

O conselho de Ricardino sugere revelar certa capacidade da mente humana que ao próprio leitor e dado desconhecer. No discurso, a descoberta – a de que pode ser Deus – sugere só ser possível pela intervenção diretiva do autor. Assim, todos podem ser deuses, basta acreditar na capacidade do próprio pensamento. Observa-se que o discurso faz-se direto; nada prolixo, pois se vale de termos simples e de fácil compreensão, e repercute na mente do receptor a ideia de que se pode mudar a realidade, pois toda criatura, divinamente, também é criadora.

Arnaldo Chagas, autor de *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social* (2001), demonstra o fascínio com que esse discurso é proferido pelos autores, pois sugere:

Curar-se das doenças físicas e mentais, desfrutar o máximo da vida, ganhar muito dinheiro e alcançar riquezas materiais, resolver problemas de modo fácil e imediato, evitar preocupações, aumentar a capacidade cerebral e mental e, finalmente, alcançar a felicidade através do sucesso e da realização pessoal (CHAGAS, 2001, p. 88).

Brunelli (2004, p.46) reconhece que o “sujeito-enunciador do discurso de auto-ajuda foge do terreno da incerteza e que se compromete incondicionalmente com as teses que enuncia”, pois ele deve manifestar a segurança e a confiança no que defende:

Podemos dizer, portanto, que o *ethos* do discurso de auto-ajuda é o do homem *confiante e seguro*, do homem que acredita plenamente em si, em seu potencial, e no seu próprio discurso, daí a certeza que revela ao enunciar e o modo como se compromete com o que diz. (BRUNELLI, 2004, p.46)

Uma vez dispostos alguns posicionamentos crítico-avaliativos sobre a ordem de textos, no que se refere ao poder persuasivo do discurso de auto-ajuda, volta-se atenção ao motivo central de aplicação: manuais de relacionamentos amorosos. Para tanto, a reflexão que segue recai sobre três obras emblemáticas do setor – *Porque os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor: Uma Visão Científica (e bem humorada) de Nossas Diferenças* (BÁRBARA e PEASE, 2001); *Como Fazer Qualquer Pessoa Se Apaixonar Por Você* (LOWNDES, 2009) e *Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus* (GRAY, 1992).

Tal elenco é fenômeno de venda e exerce poder de convencimento significativo entre os leitores. Observa-se que os autores se valem de princípio similar e genérico para garantir credibilidade receptiva: informam que todas as orientações apresentadas são

embasadas em pesquisas; produzidas em várias universidades e consagrados cientistas que lhes conferem seriedade e validade. Assim, tudo é transmitido como fruto de processo de responsáveis e consequentes análises científicas, no caso, a respeito das relações amorosas; devendo – portanto – constituir-se em fonte de confiança e de conhecimento inquestionáveis:

É isso que faço neste livro. Baseado em estudos científicos, revelo as necessidades e motivações básicas que levam alguém a se apaixonar. Em seguida, forneço as práticas verbais ou não-verbais adequadas para induzir o comportamento que se deseja – nesse caso, fazer uma pessoa se apaixonar por você. (LOWNDES, 1999, p.21)

A argumentação é direta, firme e promete exatamente aquilo que o leitor – com óbvia realidade de alguma forma de insucesso e/ou infelicidade nas relações amorosas – deseja ler.

4.2.1. Porque os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor: Uma Visão Científica (e bem humorada) de Nossas Diferenças

Esta obra do casal Bárbara e Allan Pease propõe apresentar pesquisas e resultados científicos a respeito das diferenças entre homens e mulheres, e como interferem na constituição dos relacionamentos amorosos. Com base em dados nada imparciais, os autores reúnem justificativas para a manutenção dos papéis de gênero na sociedade. “Como se baseia em sólidas evidências científicas, usamos crenças, histórias e conversas do dia-a-dia, para que seja uma leitura agradável”, mencionam Bárbara e Pease (2000, p.05).

O texto é ideal para indivíduos que não questionam padrões e creem – conscientes ou inconscientemente – na teoria de que homens são naturalmente caçadores e mulheres seletivas. Vale ressaltar que tais pesquisas estão comprometidas em estabelecer o paradoxo entre natureza e cultura, pendendo para o discurso biológico, de caráter darwinista/evolucionista.

Durante a maior parte do século 20 essas diferenças foram explicadas pelo condicionamento social, ou seja, somos como somos por causa das atitudes de nossos pais e professores que refletem as atitudes da sociedade em que vivemos. Meninas se vestem de rosa e ganham boneca de presente, meninos se vestem de azul e ganham uniforme de jogador

de futebol. Mocinhas são tocadas e acariciadas, rapazes levam tapas nas costas e aprendem que homem não chora. Até recentemente, se acreditava que quando uma criança nasce sua mente é uma página em branco, onde os educadores imprimem escolhas e preferências. Recentes estudos de biologia mostram, porém, um panorama completamente novo e apontam os hormônios e o cérebro como os principais responsáveis por nossa atitude, preferência e comportamento. Isso quer dizer que, ainda que criados numa ilha deserta, sem sociedade organizada ou pais que os influenciassem, meninos competiriam física e mentalmente entre eles, formando grupos com uma nítida hierarquia, e meninas trocariam toque e carinho, se tornariam amigas e brincariam com boneca. (p.13).

Deste modo, os autores deixam os fatores culturais de lado, não se importando com contextos, valores e práxis idiossincráticas que também exercem influência na formação dos seres humanos: “A cultura define a sociedade pela capacidade que ela desenvolve de criar elementos que permitem à própria sociedade se reconhecer” (Cesnik & Beltrame, 2005, p.04). Mesmo assim, não se importando muito com razões culturais, Bárbara e Pease apóiam-se e sustentam-se, genericamente, em tese de caráter cientificista. Em alguns casos, pode-se observar posicionamentos que beiram o preconceito.

O início do livro discute sobre as dificuldades de produzir uma obra cujo tema se volte à sexualidade e ao amor. Logo no primeiro capítulo: “Espécies iguais, mundos diferentes”, afirmam, como bem retrata a denominação, que homens e mulheres são da mesma espécie, fato que não há como negar; entretanto, no decorrer do discurso, buscam demonstrar que os gêneros são de mundos completamente diferentes. Em virtude do jogo retórico, explica-se a natureza do título que concebem à obra, ou seja: é como se existisse um planeta-homem e um planeta-mulher:

Homens e mulheres evoluíram de modo diferente porque tinha de ser assim. [determinismo – grifo meu] Os homens caçavam, as mulheres ficavam com o grupo. Os homens protegiam, as mulheres cuidavam. Como resultado seus corpos e cérebros tomaram rumos diversos no processo de evolução e se transformaram pra se adaptar melhor a suas funções específicas. Os homens se tornaram mais altos e mais fortes que a maioria das mulheres e seu cérebro se desenvolveu pra cumprir a tarefa que lhes cabia. As mulheres ficavam satisfeitas em ver seus homens saírem pra trabalhar enquanto elas mantinham o fogo aceso na caverna. Seu cérebro, então, evoluiu pra atender à função que precisava desempenhar. Assim, durante milhões de anos, as estruturas do cérebro de homens e mulheres foram se formando de maneira diferente. Hoje em dia sabemos que homens e mulheres processam a informação de modo distinto. (p. 08)

Perceptível o determinismo biológico na afirmação do casal Pease, os autores não levam em consideração os fatores históricos, políticos, econômicos, sociais e, sobretudo, culturais que são fundamentais na análise da formação do *ethos* das sociedades. As atitudes e comportamentos de mulheres e homens são consequências da história e das mudanças culturais. Para o antropólogo alemão, Franz Boas que se preocupava em estudar a diversidade humana e foi um dos primeiros a sistematizar e estabelecer o conceito de cultura, não há diferença natural, biológica, entre os povos; as diferenças são culturais, adquiridas ao longo da vida, não inatas. “O meio ambiente exerce um efeito limitado sobre a cultura humana, mas não vejo fatos que possam sustentar a visão de que ele é o modelador primário da cultura.” (BOAS, 2004, p.36)

Em “Tudo faz sentido”, capítulo que descreve as diferenças de percepção sensorial entre homem e mulher e devidas implicações nos relacionamentos; ainda analisa a linguagem corporal e os sinais não verbais emitidos e percebidos de modos singulares por cada um dos sexos. Para eles, todas as explicações acerca das raízes de tais comportamentos remetem ao período em que a humanidade habitava cavernas.

Como perpetuadoras da espécie e guardiãs da cria, precisavam ser capazes de perceber mudanças sutis nas atitudes e no humor dos outros. O que comumente se chama de "intuição feminina" é, na verdade, a apurada capacidade que a mulher tem de notar detalhes e alterações mínimas na aparência e no comportamento de outras pessoas. Isso, historicamente, tem deixado os homens confusos. (p. 12).

Além de cravar no gênero feminino a responsabilidade de ser guardiã da espécie humana, o casal Pease afirma que determinados comportamentos –linguagem corporal e os sinais não verbais –foram herdados uniformemente, sem considerar contextos locais, nacionais, continentais, pela mulher ao longo do tempo. Os autores não valorizam em suas análises que cada lugar produz formas diferentes de agir e de se comunicar. Para Cuche (1999, p.45) “Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos”.

“Está tudo aí”, reforça a ideia da evolução apenas biológica, discute os resultados “atualizados” das pesquisas sobre o cérebro. Para Bárbara e Pease, são as diferenças de funcionamento cerebral que demarcam a origem das divergências entre homens e

mulheres: “Os cérebros masculinos e femininos evoluíram com potência, capacidades e talentos diversos” (p. 25).

As diferenças de funcionamento cerebral produziram as nuances entre homens e mulheres porque ambos tinham papéis sociais divergentes. É irresponsável, do ponto de vista científico, justificar essas diferenças apenas como uma questão de evolução biológica entre os gêneros masculino e feminino. Tais diferenças estão relacionadas à determinadas habilidades de operar com informações e ações no cotidiano.

Carmen Flores Mendoza, no artigo “Diferenças intelectuais entre homens e mulheres: uma breve revisão da literatura”, argumenta:

Os diversos estudos, desde os iniciados no começo do século XX até os publicados atualmente, parecem indicar que os homens apresentam maior facilidade em operar informações que envolvem habilidades viso-espaciais, de raciocínio matemático e de raciocínio mecânico; enquanto que as mulheres parecem mostrar maior facilidade em tarefas relacionadas a habilidades verbais, velocidade perceptual e memória a curto prazo. (MENDOZA, 2000, p. 31)

Mendoza complementa a análise sobre essas diferenças dialogando com as novas possibilidades apresentadas no mercado de trabalho para homens e mulheres. Segundo Mendonza (2000, p. 33) esse mercado “cada vez mais, permite que mulheres sejam aproveitadas em postos de trabalho tradicionalmente ocupados por homens.” Para Mendoza, a percepção de que as diferenças não radicam na capacidade de inteligência geral e sim nas habilidades específicas reforça o mercado de trabalho a ter interesse em que cargos de gerência e diretoria sejam preenchidos por mulheres.

Por isso é superficial determinar que homens e mulheres devam sempre permanecer numa mesma perspectiva de desenvolvimento cognitivo, quando esse desenvolvimento, também, está relacionado com os ambientes sociais e culturais. Os cérebros se constituíram de formas diferentes, mas isso não implica que mulheres e homens sempre se comportarão da mesma maneira por toda a história da humanidade.

“Falando e ouvindo”, capítulo que reflete sobre a fala. Os autores afirmam que os homens falam menos que as mulheres por terem evoluído como caçadores e não como comunicadores: “Durante a caça, só utilizavam sinais não-verbais e muitas vezes ficavam horas e horas em silêncio à espera da presa” (p. 80). Para justificar a tese, os autores usam a fala de um participante em um de seus seminários: “Minha mulher me deixa maluco quando tem um problema pra resolver. Fala sem parar, misturando opção, possibilidade,

compromisso e lugar. Fico completamente perturbado, não consigo me concentrar!” (p.65).

Se os papéis sociais entre homens e mulheres foram historicamente se construindo dentro de uma estrutura contrastante de sociedade, a forma como cada um irá se comunicar, também, será diferente. Mas não se pode creditar o mérito da fala mais acentuada, no que se refere à quantidade de palavras, a mulher considerando apenas aspectos evolutivos naturais. Os aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais estão no bojo dessas características comunicativas entre os gêneros.

O professor José Eustáquio Diniz Alvez no artigo “A Linguagem e as Representações da Masculinidade” provoca sobre que tipo de fala se está referindo, pois há uma fala pública (dos homens) e uma fala privada (das mulheres):

Um fato bastante conhecido da literatura é a timidez da fala feminina ou sua tendência ao silêncio público, o que contribui para sua invisibilidade. A experiência feminina no espaço do *dikos* faz com que a mulher se “especialize” na fala doméstica e interpessoal e tenha dificuldade em dominar a fala pública e impessoal. (ALVEZ, 2004, p.25)

Alvez refere-se à democracia grega, onde vigorava a diferença entre o Público e Privado, onde a *polis* (cidade), enquanto lugar público estava ligado à figura do homem, e a casa, (*Oikos*), estava reservada à mulher. A pesquisa do casal Pease enfatiza com intensidade a fala privada e tem limitações para ampliar o olhar sobre que tipo e que lugar de fala se discute.

Sobre a “habilidade espacial” os autores defendem que não é habilidade feminina ler mapas ou se situar. O fato é explicado a partir do desenvolvimento do homem como caçador que precisa avaliar velocidade, direção e distância da caça para poder calcular quanto deve correr para dominá-la:

Ler mapas e se situar exigem boa orientação espacial. As tomografias mostram que essa capacidade está localizada na parte frontal do hemisfério direito do cérebro de homens e rapazes e é um de seus pontos mais fortes. Desde os tempos mais remotos, a orientação espacial masculina se desenvolveu de modo a que os caçadores pudessem avaliar a velocidade, direção e distância da caça, calcular quanto precisariam correr para alcançá-la e que força empregar para matá-la com uma pedra ou uma lança. Nas mulheres, esta capacidade é encontrada em ambos os hemisférios, mas não tem uma localização específica e mensurável. Por isso, apenas dez por cento delas têm boa ou excelente orientação espacial. (p.52)

Os autores passam um bom tempo do livro buscando diferenciar mulheres e homens dentro de uma perspectiva natural e entram na discussão do livro – se homens fazem sexo e as mulheres fazem amor – nos últimos capítulos. Essa análise sobre habilidade especial não tem nenhuma relevância para o debate homem, mulher, sexo e amor. Os autores repetem ideias do homem como caçador nos primórdios e a mulher como responsável pela casa e argumentam questões irrisórias como esta sobre habilidade espacial.

“Pensamentos, atitudes, emoções e outros campos minados” apresenta as diferenças entre homens e mulheres na percepção de prioridade de cada sexo. Segundo os autores, para o homem a prioridade é perseguir resultados, objetivos, *status*, poder; alcançar linhas de chegada e vencer competições. Para a mulher as prioridades voltam-se para comunicação, harmonia, igualdade, amor e relacionamento interpessoal: “O homem valoriza objetos, a mulher os relacionamentos. A estrutura do cérebro ditou as preferências.” (p. 121).

Mais uma vez os autores se apoiam em argumentação cientificista, afirmando que se as mulheres optam por relacionamentos é por conta da estrutura cerebral formatada ao longo dos tempos. O partido impõe, por sua vez, relacionamento conjugal em que a mulher se compromete com a maternidade – principal característica do gênero feminino – pois o homem deve se concentrar em manutenção e abastecimento.

“Nosso coquetel químico”, discute como os hormônios programam o cérebro antes mesmo do nascimento e ditam, ao longo da vida, pensamentos e atitudes do indivíduo. No tópico “A Química do Amor”, os autores defendem que o amor resulta de uma série de reações químicas no cérebro: “Em outras palavras: todas as nossas emoções – amor, tristeza, alegria – são bioquímicas” (p. 67). Contrário às razões sustentadas na referida obra, Owen Lynch (1990, p.93) as conceitua: “Elas [as emoções] são estados não específicos de sentimento culturalmente categorizados e conceitualizados concernentes a avaliações de um ‘eu’ relativo a pessoas, coisas ou eventos”. Segundo esta óptica, os estímulos fisiológico-bioquímicos são vistos como secundários. Visão mais contemporânea destaca:

Atualmente, crescem no interior da antropologia as pressões para que o debate não permaneça detido sobre qual dos dois lados tem razão quanto ao que vem primeiro por ocasião do surgimento das emoções, mas sim para conceber e descrever fenômenos emocionais enquanto

uma síntese de fatores biológicos e culturais. (RÖTTGER-RÖSSLER, 2008, p.181)

Ao considerar-se fatores biológicos e culturais, pode-se efetivar reflexão analítica mais ampla sobre a questão, vez que a espécie humana é resultado dessa relação. Se o amor motiva e é motivado por intermédio de reações químicas, que não podem ser ignoradas; também insere-se em determinado contexto cultural, em espécie de conjuntura de época, a exemplo de amor platônico (relacionado à Grécia antiga); amor cortês (típico do mundo feudal); amor romântico; líquido, dentre outros.

Amor, química e cultura podem caminhar juntos. Essa necessidade de sobrepor um aspecto (químico) em detrimento do outro (cultura), impede uma compreensão contundente sobre esse fenômeno. As relações amorosas precisam “arder”, lembrando a análise do filósofo Santo Agostinho, quando da discussão sobre a inclusão do casamento como sacramento na Igreja Católica, na Idade Média. O amor tem esse ingrediente químico, mas está situado num contexto social, histórico e, sobretudo, cultural.

Quando trata o tema “Gays, lésbicas e transexuais”, os autores afirmam que há um componente genético na homossexualidade, mas os “cientistas comprovam que a homossexualidade não é opção. É uma orientação inalterável” (p.155). A concepção limitada evidencia que o homossexual apresenta-se na condição de “um cérebro masculino em um corpo feminino ou um cérebro feminino em um corpo masculino”, como registra Santana (2008, p.04). Este discurso é também construído a partir de visão evolucionista, reduzindo a complexidade humana à condição biológico-hormonal.

Ocorre então que a dose de testosterona recebida pela criança no período de gestação determinará a ‘identidade de gênero’ do cérebro do indivíduo, quanto mais testosterona, mais masculina a configuração cerebral, quanto menos, mais ela se atém à matriz inicial, a do cérebro feminino. (SANTANA, 2008, p. 04)

A análise de Santana mostra um deslocamento do sexo único focado nos órgãos sexuais, para o sexo único do cérebro, condicionado pelos hormônios, onde a testosterona, hormônio tido como masculino, representa o papel mais importante. Quem determina o que é masculino e o que é feminino é a testosterona.

Apenas no capítulo nono “Homens, mulheres e sexo”, os autores debatem, ainda que dicotomicamente, sexualidade e amor. Afirmam que a grande disposição masculina para o sexo justifica-se por razões biológicas e sociais, pois o hipotálamo do homem é

maior do que o da mulher e os homens são incentivados – desde a infância – à vida sexual. Para Bárbara e Pease, o hipotálamo menor assegura a fidelidade feminina, os dados apontam outro tipo de informação:

Os próprios autores se contradizem afirmando que: “a grande disposição masculina para o sexo justifica-se por razões biológicas e sociais.” Então, não é apenas o tamanho do hipotálamo que determina a relação intensa do homem com o sexo, há fatores sociais, culturais, o contexto existencial é reconhecido pelos autores na análise. Homens não nascem dispostos para o sexo, depende do meio social, mulheres não nascem determinadas para amar monogamicamente, o que consolida essa prática é a educação e os incentivos recebidos ao longo da vida. Explicar as questões que envolvem o sexo, o amor e as relações de monogamia e poligamia não é algo tão fácil e natural assim. Os próprios autores têm dificuldades para explicar.

Olívia Von Der Weid, no texto: *Perdoa-me Por Te Trair: Um Estudo Antropológico Sobre a Infidelidade Feminina* discorre sobre a hipótese das relações extraconjugais e surpreende-se afirmando:

Quando me inseri na pesquisa “Mudanças nos papéis de gênero, sexualidade e conjugalidade nas camadas médias urbanas do Rio de Janeiro”, coordenada pela antropóloga Mirian Goldenberg, um dado me chamou atenção: um total de 166 mulheres, pertencentes a classe média urbana, 54,3% (90) haviam sido infiéis. Há alguns anos atrás seria inconcebível que uma mulher confessasse sua infidelidade em função da pressão social que sofreriam. (WEID, 2004, p.01)

Os autores se atêm ao debate hormonal e não consideram que a infidelidade feminina não é datada. Sobre o fato, destaca Francisca Luciana de Aquino, mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco em: *Mulheres “Gaieiras”: Fofoca e Infidelidade Conjugal Nas Redes de Vizinhaça em Nova Guanabara-Pe*, que:

A prática da infidelidade feminina não é um marco da modernidade, já que se trata de um comportamento bastante antigo. A historiadora Eni Mesquita Samara (1986) revelou que muitos casos de infidelidade feminina foram descobertos no período colonial a partir de um trabalho histórico com os confessionários, por ser um espaço específico onde as mulheres confidenciavam suas aventuras amorosas (2007, p.02).

Outra tese – de natureza polêmica e contraditória – sustentada de modo natural no nono capítulo é a redução do interesse sexual na gravidez. A afirmação não é consensual entre especialistas, que dividem opiniões sobre o assunto. Dentre eles, as pesquisadoras

do Centro de Estudos Superiores de Maceió/ CESMAC Andréa Lúcia G. C. T. Flores e Vera Christina de Oliveira Amorim que na obra: *Sexualidade Na Gestação: Mitos e Tabus* defendem que:

A atividade sexual durante a gestação é bastante importante. Nem o homem nem a mulher perdem o desejo sexual durante os nove meses de gravidez. Quanto ao desejo sexual na gestação, algumas mulheres permanecem com a libido normal; outras se referem a uma diminuição na frequência das atividades sexuais no início e no final da gravidez em decorrência de desconfortos. (FLORES e AMORIM, 2007, p.22)

A argumentação dos autores sobre a perda de interesse sexual durante a gravidez, sobretudo, o desinteresse feminino destoa do pensamento de alguns estudiosos que não encontraram nenhum tipo de impedimento para que as relações sexuais aconteçam. O casal Pease cria vários mitos sobre os relacionamentos amorosos que não se sustentam na prática.

Uma constatação óbvia é sobre a monogamia que não é algo natural, pois os seres humanos não nascem nem monogâmicos, nem poligâmicos. “O homem, como a maioria dos primatas e muitos mamíferos, não é biologicamente inclinado à monogamia” e “a espécie humana não é monogâmica por natureza” (p. 134/5). Provavelmente essa seja a afirmação mais lúcida de toda obra que busca, a todo tempo, impor uma concepção naturalizante para justificar as diferenças entre homens e mulheres.

“Rumo a um futuro diferente” intitula o último capítulo. Nele os autores, apresentam resultados de pesquisas em que a maioria das mulheres preferiria ser dona-de-casa se não fosse pelas necessidades financeiras. O retrato das respostas masculinas demonstra que 87% dos homens declaram que o que importa é a carreira, além de indicar que 99% desejam ter ótima vida sexual.

Os autores insistem num tratamento machista e ultrapassado sobre as mulheres. Desde o início do século XX, a presença da mulher no mercado de trabalho é acentuada e muitas optam hoje por investir primeiro na carreira profissional e depois constituir família. Essa mulher “Amélia” proposta por Bárbara e Pease vai aos poucos habitando o passado. Segundo Elisiana Renata Probst em *A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho*, a ascensão feminina no mercado de trabalho:

Iniciou com as I e II Guerras Mundiais em que as mulheres tiveram que assumir a posição dos homens no mercado de trabalho. Com a

consolidação do sistema capitalista no século XIX, algumas leis passaram a beneficiar as mulheres. Mesmo com estas conquistas algumas explorações continuaram a existir. Através da evolução dos tempos modernos as mulheres conquistaram seu espaço. As estatísticas apontam que há mais mulheres do que homens no Brasil. Mostram também que elas vêm conseguindo emprego com mais facilidades e que seus rendimentos crescem a um ritmo mais acelerado que os homens (PROBST, 2003, p.01)

Para Probst (2003, p. 02), na atualidade, “Não há um único gueto masculino que ainda não tenha sido invadido pelas mulheres”. Não há dúvidas de que nos últimos anos a mulher está cada vez mais presente no mercado de trabalho. As mulheres se interessam pelo mercado de trabalho, pois, emancipadas projetam reconhecimento social e independência financeira.

O objetivo principal da obra é, de fato, tentar provar por intermédio de dados técnicos, dos diversos especialistas citados nos capítulos, as diferenças entre mulheres e homens; e, simultaneamente, validar discurso que busca um comportamento de aceitação feminina, como condição meramente natural: “O homem é como o galo, tem necessidade de espalhar ao máximo e com maior freqüência sua semente genética” (p.155).

Esta postura biologicamente determinista, embasada em “dados”, – pelo jogo retórico da construção de linguagem – acaba surtir efeito de sentido que produz aceitação e certa segurança nos consumidores, independentemente de gênero. Ao público masculino, por satisfazer ao ego; e ao feminino, por enobrecer a condição de divindade que ao gênero a retórica cristã tanto contribuiu em alimentar. Crer e agir a partir das orientações dos autores, que justificam empiricamente as concepções, apresenta-se como natural e sensato.

A questão de fundamento que deve ser discutida é a disposição discurso que impõe/apresenta uma estrutura de sociedade onde o elemento feminino deve, naturalmente, se acomodar, pois devota à mulher – mesmo no século XXI – papel de submissão: “a mulher precisa entender a biologia que construiu o homem moderno e desenvolver a estratégia adequada pra lidar com isso. ” (p.144). Lidar com tal realidade, para os autores, é conceber a lógica naturalizante da vida que determina às mulheres um *modus vivendi* passivo.

Nesse sentido, não há possibilidade de ação transformadora e consciente, denominada pelas ciências humanas de ação do sujeito histórico: o indivíduo ativo, capaz de determinar e transformar a realidade social em que vive: “Os homens fazem sua

própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquela com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.” (MARX, 2002, p.1).

Na narrativa de Bárbara e Pease, sugere não haver condição de sujeito. Pode-se pensar que, pelo empenho postulado em texto, tal condição só se expressa na própria figura dos autores. Os leitores entram no processo como objetos dispostos a seguir – sem reflexão – orientações, lições, ensinamentos ali manifestados.

Ao reproduzir concepção de ordem que se sugere machista, questionada na sociedade, sobretudo pelos movimentos sociais e acadêmicos de vários setores das ciências, inclusive das ciências naturais, o discurso *Porque os homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor: Uma Visão Científica (e bem humorada) de Nossas Diferenças* trilha percurso passadista, conservador e unilateral por considerar em substância apenas o horizonte das transformações físico-químicas e ambientais, não levando em consideração que a experiência humana, circunscreve-se em atmosfera de cultura, produção de valores, comportamentos e significados que diferem – por peculiaridade – segundo cada grupo ou sociedade.

4.2.2. Como Fazer Qualquer Pessoa Se Apaixonar Por Você

Leil Lowndes é uma conferencista ativa na área de comunicação interpessoal e responsável pelo treinamento de executivos de grandes empresas dos EUA. Autora de diversos livros de auto-ajuda, participa da Associação Americana de Educadores Sexuais. O livro: *Como fazer qualquer pessoa se apaixonar por você* é, talvez, o maior sucesso de vendas de Lowndes.

Para discorrer sobre relações amorosas, a autora defende posicionamento verificável em muitos produtores de auto-ajuda: o determinismo biológico. Para Laraia (2001) em *Cultura: Um Conceito Antropológico*, o determinismo biológico, bem como o geográfico são ideias que no passado foram consideradas relevantes para conceituar cultura. Com o passar do tempo diversas investigações foram realizadas e chegou-se a conclusão de que estas teorias, apesar de terem sido importantes para o entendimento de algumas dimensões da natureza humana, já apresentava limitações e inconsistência para o entendimento do conceito de cultura.

Laraia (2001, p 17) defende que o determinismo biológico é uma corrente de pensamento que apresenta teorias velhas “que atribuem capacidades específicas inatas a "raças" ou a outros grupos humanos. ” e ainda ressalta que: “Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais” (2001, p.17).

Este tipo de pensamento – que na atual conjuntura do conhecimento científico se mostra passadista – é partidário de que a ciência é mais eficiente para explicar as emoções, por demonstrar por intermédio de dados, qual direção deve-se privilegiar. A preocupação com postura empírica é tamanha que observa-se excesso de pesquisas citadas no decorrer das obras. O livro em questão não foge à regra: “Ao entrarmos no século XXI, estamos descobrindo que o amor é uma mistura de química, biologia e psicologia que pode ser definida e calculada” (Lowndes, 1999, p.16).

Como registrado anteriormente, aspectos culturais não ascendem às preocupações desses “terapeutas do coração”, tudo se resume à questões científicas, fórmulas, cálculos que – por natureza retórica – se constituem em técnicas de comunicação mais próximas à indução de comportamento dos leitores: “Forneço as práticas verbais e não-verbais adequadas para induzir o comportamento que deseja – neste caso, fazer uma pessoa se apaixonar por você” (Lowndes, 1999, p.20).

O discurso em primeira pessoa “forneço” – citado acima – apresenta o sujeito-enunciador aos interlocutores como autor da obra. Este discurso de determinação e finalidade que se apresenta crível sem demonstrar a menor comprovação de credibilidade induz o leitor a aceitá-lo como reificante e supremo. Não há o que duvidar, pois é a própria autora quem narra as experiência e produz autoridade para a crença no discurso.

O livro apresenta 85 (oitenta e cinco) técnicas de conquista, que segundo a autora, baseia-se em estudos científicos sobre a natureza do amor romântico. Essas técnicas compõem espécie de plano racional que, invariavelmente, conduz ao êxito nas relações amorosas, desde que seguidas rigorosamente:

Você abre este livro, descrente, mas alimentando alguma esperança de solução. Lê o título: *Como fazer qualquer pessoa se apaixonar por você*. “Essa é uma promessa e tanto”, diz. E é mesmo. Mas o que este livro promete será seu, se tiver disposição de seguir um fundamentado plano científico para conquistar o coração de um Parceiro Amoroso em Potencial (p.15)

Anteriormente, com o termo “forneço” a autora garante êxito ao leitor, caso leia o livro e aplique suas técnicas. A seguir, a autora “promete” que é preciso colocar em prática um “plano científico” que o livro oferece para que o leitor possa alcançar o objetivo de conquista. Os termos fornecer e prometer ao mesmo tempo em que produz certa segurança para o leitor, também cria uma sensação de dúvida, pois fornecer é garantir, confirmar algo e prometer remete a ideia de possibilidades, de condição, de algo que ainda é incerto. O livro trabalha com esse tipo de contradição juntando termos que se antagonizam.

O texto propõe disposição dos leitores para alcançar a meta: o coração de um *Parceiro Amoroso em Potencial*. A disposição dos leitores equivale a um ascetismo com sentido quase religioso, uma disciplina em seguir os “conselhos” da especialista.

Lowndes,(1999, p.22) faz uso dos termos: “caçador e caçadora de corações” para caracterizar a condição daquele que se habilita a concretizar a conquista. “Caçador e caçadora” remete ao passado, sobretudo o passado pré-histórico. O *Parceiro Amoroso em Potencial* como delinea a autora é a “Caça”, a comida emocional, o *Eros* alimentar, o “*Banquete*”, guardadas as devidas proporções. A autora ensina que para ser bom “caçador/caçadora”, precisa-se atuar como cupido, um arqueiro competente, capaz de flechar o alvo. Para isso Lowndes (1999), orienta a acertar seis alvos:

1. “A primeira impressão: pois não se tem uma segunda chance no amor à primeira vista” (p. 23);
2. “Personalidades semelhantes, necessidades complementares: Eu quero um amor assim como eu” (p.24);
3. “Equidade: Quanto eu levo nisso? Todo mundo tem um valor de mercado!” (p.25);
4. “Ego: Como você ama? Vou lhe dizer de quantas maneiras” (p.27);
5. “Amenizando a diferença entre os sexos: Existe amor após o paraíso?” (p.27);
6. “Receita para o sexo: Como ligar a eletricidade sexual” (p. 29).

Para cada alvo, a autora determina um conjunto de técnicas. Algumas dessas técnicas serão analisadas a seguir com o intuito de caracterizar e perceber, com maior profundidade, a estratégia persuasiva da especialista em comunicação interpessoal. Sobre

o alvo a *primeira impressão*, Lowndes (1999) afirma que quando uma provável conquista “bota os olhos” no outro, o gesto assume intencionalidade do poder. A imagem, segundo a autora, fica marcada para sempre na memória da “Caça”. Para tanto, Lowndes, sugere a técnica de número1: *Vestido para arrasar em qualquer lugar*:

Homem, isso não significa que terá de vestir um paletó para ir comprar jornal. Mulher, isso não significa que você precisa colocar três camadas de base no rosto para levar o cachorro para passear. O que isso quer dizer é que, sempre que você colocar o pé fora da porta, deve estar preparado para abater...sua caça. (LOWNDES, 1999, p.45)

Para a autora, deve-se estar sempre pronto para a conquista. Nesse sentido, a *primeira impressão* associa-se à manutenção de um bom figurino que espelhe imagem atraente e sedutora. Tomada por discurso que beira o piegas, Lowndes valoriza tanto esta técnica que não se exime de aconselhar: “mulher, quantas vezes, caminhando pela rua, sem maquiagem, localizou um bonitão que nem mesmo olhou pra você?” (p.45).

Assim, pelo esforço da autora, faz-se necessário vestir-se para caçar, para atrair a presa, para causar uma excelente impressão, desde o provável primeiro momento, deixa, positivamente, evidente que mesmo não conseguindo despertar no outro a esperada atenção, de imediato, não se deve deixar abater, vez que a relevância do fato recai exclusivamente sobre não perder o foco: “Nos meus seminários sobre vendas, digo aos participantes que uma venda normal não se realiza antes da quinta visita” (p.46).

O que se observa é o fato de Lowndes lidar com um assunto (conquista amorosa) e com outro (venda de produto qualquer) como se estivesse tratando de produtos idênticos. O que sugere, em verdade, é que os trata idênticos como o que considera que sejam: meros produtos. Nesse sentido, o que importa não passa de resultado e lucro.

Manter-se em estado de alerta e sempre elegante é a máxima transmitida na recomendação. Assim, atrela-se a possibilidade de conquista à primeira vista apenas uma resultante diária: aparência. A cena proposta por Lowndes sugere-se hilária; embora a montanha de vendas da obra diga o contrário. A proposta da autora simplesmente exclui a possibilidade de que muitas relações são estimuladas em contextos de espontaneidade, onde indivíduos agem naturalmente e acabam vivenciando experiências inesperadas.

Pelo que busca sustentar, se a conquista não acontece, provavelmente o dispositivo de alerta individual não estava acionado. Julga-se prudente considerar que a realidade tem natureza surpreendente, de modo que histórias de amor – emocionantes ou

catastróficas – possibilitam-se ocorrerem em contextos atípicos e sem explicação lógica.

O perigo da metodologia empreendida pela autora é alimentar um comportamento metucioso e dedutivo, por matematizar todos os passos do indivíduo que busca uma relação amorosa. Por um lado, pode-se pensar na estigmatização de um sistema patológico de conquista; em consequência, em perigoso processo obsessivo de desumanização do indivíduo. Por outro, de consequências mais abrandadas, após o quinto ou sexto “passeio com o cachorro”, se o caçador não atinge êxito programado, resta-lhe apenas sentido de grande frustração, sentimento de desamparo, fragilidade e, talvez, queda nos níveis de auto-estima; o que pode conduzir à patologias de ordem depressiva²⁴.

Além da primeira técnica – “vestir-se para arrasar” – Lowndes sugere outras que corroboram o aconselhamento em impactar logo na primeira visada. Dentre elas:

- a) “Uma viagem visual: O olhar malicioso é muito legal” – técnica nº 5, (p.56);
- b) “Agir depressa: Caçador, dê o primeiro passo” – técnica nº 07, (p.60);
- c) “Currículo resumido: não seja muito detalhado” – técnica nº 14, (p.88);
- d) “Deixe sua caça ansiosa no primeiro encontro” – técnica nº 20, (p.96);

Em todo o capítulo, se empenha em fortalecer a perspectiva da carência em causar uma grande emoção no outro, desde o primeiro momento; fundamento para qualquer possibilidade concreta (a construção é proposital) de conquista.

No que denomina de segundo alvo – *Personalidades semelhantes, necessidades complementares* – Lowndes defende a premissa de que indivíduos buscam relacionamentos com parceiros próximos de suas realidades de interesse, por facilitamento no compartilhamento de ideias e valores: “todos os estudos nos revelaram que os namorados são atraídos por parceiros com atitudes, atributos, interesses e pontos de vista semelhantes diante da vida” (p. 107).

A busca por parceiros semelhantes, além de ser escolha sensata por parte dos amantes, garante segurança na relação, pois “os estudos mostram que os parceiros semelhantes têm muito mais chance de permanecer juntos” (p.108). Portanto, indiscutivelmente – segundo a intenção expressa por Lowndes – a duração do

²⁴. Retoma-se, aqui, às implicações contidas nos dois lexemas já discutidos: [Eu] “forneço” e [... o livro] “promete”.

relacionamento está condicionada à proximidade de realidade e mentalidade dos parceiros.

Observa-se, na leitura do texto, que a postura em defender o sucesso na semelhança de personalidades entre os parceiros é garantida aos leitores pelos estudos de grandes especialistas no assunto. No entanto, ao longo do texto, não são denominados.

Assim, o processo de invisibilidade constrói-se na contextura textual e sustenta-se firme, apesar de suplantado pela fragilidade de expressões discursivas vagas e indeterminadas: “Todos os estudos revelam...” (p.107); “ Todos os estudos mostram...” (p.109) etc.

Nesses casos, observa-se o nítido jogo de palavras da chamada comunicação interpessoal, dos consultores sentimentais que juntam informações do senso comum e conferem ar de cientificidade, criando “certezas” e invariações.

Inusitadamente, após defender a posição de necessidade das personalidades apresentarem sentidos de aproximação, afirma: “Semelhança é segurança. Entretanto, com o tempo, semelhança demais se torna maçante, as pessoas, portanto, também procuram diferenças” (p. 108). Para leitores atentos é difícil entender o que de fato a autora propõe.

Em primeiro momento, apresenta as semelhanças como fator estimulante à concretização e longevidade da relação; em outro, afirma que a diferença é sucesso importante para movimentar o relacionamento. Entretanto, ao crítico, tal deslize não pode passar despercebido. O que se tem é produto que, em princípio, não se sustenta enquanto discurso, pelo simples motivo de pecar contra disposições elementares de argumentação.

De modo similar, não se sustenta como procedimento prático pelos motivos, ainda que sumariamente, acima discutidos. No entanto, e aí o problema adquire proporções tais que no momento extrapolam os limites propostos para o estágio do estudo, têm grande visibilidade e receptividade sustentado por um público fabricado pelo mercado para consumir, incontestemente, qualquer produto que se faça por brilhar sob os olhos.

Deste modo, ainda entre algumas técnicas proposta por Lowndes (1999) para garantir a conquista a partir do exercício da semelhança e da complementaridade, destaca-se a técnica de número 25: *Imitar*.

No início de uma relação, você não conhece sua Caça o suficiente para saber quais são seus valores, suas atitudes e seus interesses. Mas você

pode dar a entender que é sensível às mesmas coisas que ela. Basta ouvir atentamente o que parece ser uma escolha arbitrária de palavras e imitá-las quando falar (p. 113).

Deve-se, deste modo, substituir o sentido do termo “semelhança” por “fingimento”, pois é isso que a autora prescreve aos seguidores, vez que é prudente que se pareçam com o outro a ser abatido/conquistado. Em verdade, nada há neste postulado de Lowndes de identidade entre os casais. Aproxima-se do conceito de representação do eu defendido por Goffman (1999). Para este autor, em sociedade, o indivíduo é ator e representa papéis de acordo com o momento, com o “público” e com o cenário que está inserido:

No palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. A plateia constitui um terceiro elemento da correlação. Elemento que é essencial, e que, entretanto, se a representação fosse real, não estaria lá. Na vida real, os três elementos ficam reduzidos a dois: o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a plateia (GOFFMAN, 1999, p. 9).

A encenação proposta por Lowndes apresenta – pela imitação da representação – personagens em relacionamentos.

Para complementar as distorcidas orientações sobre cativar a “Caça”, a autora propõe mais algumas técnicas relacionadas abaixo:

- a) “Embarque na onda da sua Caça: Sua Caça gosta de colecionar selos, diga a ele que adora selos” – técnica nº 27 (p.120);
- b) “Eu tenho o que você precisa: Dê a entender que você é o bambambã” – técnica nº 31 (p. 132);

De modo geral, as técnicas sempre sugerem o ajustamento da própria conduta aos interesses da “Caça”; tudo em prol do sucesso em atingir o objetivo e impressionar o *Potencial Parceiro Amoroso*.

O *ego* é a terceira possibilidade de conquista ou de consolidação do romance. A proposta recai sobre dizer de várias maneiras como se ama a “Caça”. Para a autora, alimentando o ego do outro (provável amor), a chance de êxito é certa, pois “elogios feitos

com habilidade são um poderoso imã” (139). Entretanto, cautela também deve ser atribuído do “caçador”, pois exagerar nos elogios, segundo as recomendações, pode não surtir efeito esperado.

Como primeira ação desta etapa, Lowndes propõe a técnica de nº 32: *Elogio corporal*:

Ao conhecer sua Caça, transmita, por meio de uma linguagem corporal diferenciada, a sensação subliminar de que está irresistivelmente atraído por ele ou ela. Opte pelas técnicas corporais de olhares anteriormente estudadas, para expressar o quanto ele ou ela cativou você (p.141)

Para a autora, o primeiro elogio deve ser mudo, pois silenciosa a “Caça” irá obedecer ao comando subliminar da linguagem corporal instintivamente. Lowndes (p. 140) propõe manter o “*olhar fixo*”, um sorriso e uma “*postura confiante*”. A comunicação inicial, já abre caminho para o segundo passo – *a empatia* –, técnica de nº 33: *Use a identificação*. Esta técnica sugere que os “caçadores” salpiquem “frases de empatia por toda a conversa com a Caça” (p.143). Assim, o ego da “Caça” fica acariciado e facilita-se a conquista, pois adentra-se, conseqüentemente, no processo de “identificação”.

Ao longo do capítulo, Lowndes segue defendendo técnicas para massagear o “ego” como estratégia para construir a caracterização identitária para os casais. Citamos, a seguir, mais algumas técnicas que relevantes na discussão:

- a) “O elogio que acerta em cheio: Antes de fazer o seu primeiro elogio explícito, pergunte a si mesmo:” do que mais se orgulha essa pessoa? “Em seguida, mire no alvo” - técnica nº 39 (p.155);
- b) “O elogio imediato: Após sua Caça realizar uma façanha, cumprimente-o imediatamente” – técnica nº 42 (p. 162)

A *equidade* é o alvo quatro para o qual Lowndes (p. 169) objetiva o princípio: “QuELN (Quanto Eu Levo Nisso)”. Afirma que todos têm um valor de mercado. Isso inclui, também, os relacionamentos amorosos. Lowndes (1999), mais uma vez, justifica a tese com prováveis estudos de renomados cientistas, igualmente não discriminados no texto:

Por meio de numerosos levantamentos e experiências em laboratórios, os cientistas retiraram uma camada mais profunda da psique humana. Será que descobriremos fatos desagradáveis? Eles se depararam com um monstro? Alguns diriam que sim. Outros dariam uma risada e diriam: “Claro que não”. Quer você veja, nestas descobertas o abominável homem das neves, quer veja o arcanjo da verdade, o resultado é simplesmente este: os estudos confirmaram a tese de que tudo e todos têm um valor quantificável no mercado aberto. E todo mundo quer se dar o melhor possível no amor, assim como na vida. Os pesquisadores batizaram suas descobertas de teoria da *equidade (valor de troca ou cambio)* no amor. (p. 172)

A autora baseia a teoria nos mesmos princípios do mundo dos negócios. A relação amorosa se identifica com as dinâmicas do mercado de trocas e valores. Negocia-se o amor como se fosse qualquer mercadoria num grande leilão das oportunidades do coração. O mercado do amor apresenta seis elementos que, para Lowndes, são moedas que podem ser comercializadas nas compras dos *Parceiros Amorosos em Potencial*. Vejamos como esse capital emocional vem organizado:

1. Aparência física;
2. Posses ou dinheiro;
3. *Status* ou prestígio;
4. Informação ou conhecimento;
5. Boas maneiras sociais ou personalidade;
6. Natureza interior (p.173)

Para Lowndes, nas relações felizes, os parceiros são mais ou menos iguais em cada uma das categorias acima. As qualidades dos amantes se equilibram no mercado das ações dos corações ávidos por amor, mas a relação deve se harmonizar a partir das trocas dos valores que os “estudiosos” denominam de moeda. O discurso segue “ensinando” como perseguir tais objetivos, como conhecer indivíduos que reúnam, respectivamente, as características que se estruturam como patrimônios de um relacionamento rentável do ponto de vista das emoções e dos bens do casal que se forma, nas condições sinalizadas pela obra.

Lowndes mantém orientações através das técnicas que dão suporte aos amantes para envolver a objetivada “Caça”:

- a) “O seu dicionário pessoal: Para dar a impressão de que foi criado na riqueza, escolha palavras mais ricas no dicionário” – técnica n ° 54 (p.194);
- b) “Aumente seu cacife com impalpáveis: A fim de aumentar seu valor de mercado,

nunca deixe de aprender, nunca pare de aperfeiçoar sua personalidade e sociabilidade e empenhe-se em desenvolver excelentes qualidades interiores. Esses atributos são como balas que se introduzirão no coração de sua Caça” – técnica n ° 55 (p.196)

Para Lowndes, as técnicas sobre o alvo *equidade* e todas as destacadas no livro, foram edificadas a fim de que o seu *Parceiro Amoroso em Potencial* fique apaixonado pelo “caçador” muito mais depressa do que se imagina.

O quinto alvo proposto por Lowndes intitula-se *Amenizando as diferenças entre os sexos*. A autora afirma que a mudança dos tempos impõe uma postura diferenciada no enfrentamento de questões que antes eram caracterizadas como específicas de um determinado gênero. A autora confunde as demandas do feminino e do masculino e cria uma verdadeira celeuma com os termos diferença e semelhança.

O que Lowndes propõe é que homens e mulheres se aproximem ou finjam que estão interessados pelas mesmas coisas, pela mesma conversa, por uma atitude mais sensível diante da realidade. A tentativa de amenizar as diferenças, que não são apenas biológicas e sim historicamente culturais – pois estão imersas em contexto patriarcal (sobretudo na sociedade do ocidente) – é apresentada de modo simplista, ingênuo ou falseador ao se dispor a orientar comportamentos – em tom imperativo – pautados em dissimulações:

Caçador, para ajudar uma mulher a se apaixonar por você, pareça como homem, trabalhe como homem, ande como homem, fale com voz grossa de homem –mas seja sensível como uma mulher. Discuta, de forma inteligente, assuntos que interessem a ela. Caçadora, para ajudar um homem a se apaixonar por você, pareça como mulher, sorria como mulher, cheire como mulher, fale suavemente como mulher –mas pense como um homem. Discuta, de forma inteligente, assuntos que interessam a ele. (p. 205)

Destaca-se, para o caso, algumas técnicas que contribuem para perceber como o texto estimula os leitores a se comportarem da maneira como a autora orienta. Ou seja, modificando atitudes para agradar a provável “Caça”, o provável amor.

a) “Aprenda o “Papo de Homem””: Construa uma ponte sobre o abismo das

conversas dos sexos. Caçadora, saiba conversar sobre ideias, política, objetos, grandes “brinquedos”, esportes e outros assuntos. Mostre a ele que você sabe das coisas, mas, lembre-se: não muito” – técnica n ° 57 (p. 208);

- b) “Aprenda o “papo de mulher”: Caçador, oriente sua conversa mais para o lado psicológico. Dialogue com sua Caça mais em termos de pessoas, sentimentos, filosofia, razão e intuição. Seja mais aprovador e menos competitivo em seus palpites” – técnica n ° 58 (p.210)

Nas recomendações de Lowndes, a mulher deve – dissimuladamente – converter-se ao masculino, e o homem ao feminino. Trata-se de conversão mecânica, oportunista, pois ambos devem se revestir de espécie de personagem que age com o intuito de “fisgar a presa”. Não se discute mudança de âmbito cultural, de mentalidades e práxis, mas atitude simplória e temporária de ações para conquistar um relacionamento. O efêmero caráter comportamental não provoca nos gêneros transformações amplificadas de transgressão de paradigmas passadistas. Tais práticas são contextuais e servem apenas para o momento da conquista. Os personagens podem deixar de existir após o encontro, pois não estão estruturados identitariamente. São representações com o propósito de atrair indivíduos para relacionamentos. Promessas de amor de superfície.

Em sentido contrário ao que propõe Lowndes, o livro *Homens são de Marte e mulheres são Venus* (obra analisada na sequência) estimula a diferença entre os casais e não um processo de amenização das características divergentes:

As estranhas e lindas venusianas exerciam uma atração misteriosa nos marcianos. Particularmente suas diferenças atraíram os marcianos. Onde os marcianos eram rijos, as venusianas eram macias. Onde os marcianos eram angulares, as venusianas eram arredondadas. Onde os marcianos eram frios, as venusianas eram quentes. De uma maneira mágica e perfeita suas diferenças pareciam se complementar (GRAY, 1992, p. 31).

Assim, cada “guru” ao devido modo diz o que quer e bem entende sobre os relacionamentos.

O sexto alvo – *Receita para o sexo* – orienta os leitores para provocar nos parceiros a euforia sexual. Lowndes afirma que o órgão mais importante para ser estimulado ou acariciado é o cérebro, pois “muito mais importante do que saber como acariciar o pênis dele ou fazer círculos com o dedo médio em torno do clitóris dela é bolinar e massagear a zona mais erógena de sua Caça – o cérebro” (p.235). Para Lowndes, ao se concretizar a

façanha anunciada, o “Caçador” terá a chave para fazer a “Caça” se apaixonar. Para manter o estado de praticidade, segue o mesmo esquema viciado de apoiar-se em técnicas apresentadas como infalíveis:

- a) “Aprenda sensualidade com o pornô feminino: Caçador, existe uma nova casta de mulheres por aí, e elas estão mostrando ao mundo o que é quente – e o que não é – entre os lençóis. Para enlouquecer sua Caça na cama, jogue no lixo os seus filmes pornôs feitos por homens. Tudo o que vai aprender com eles é continuar desinformado. Enfie no seu videocassete algumas fitas realizadas pelas artistas fêmeas” – técnica nº 73 (p.249);
- b) “Aprenda “sexo bruto” nos vídeos masculinos: Caçadora, você pode rir muito (talvez até fique verde de enjôo), mas estude os vídeos pornôs masculinos para extrair algumas dicas a respeito do sexo bruto. Os homens gastam milhões por ano com esses filmes, para ver mulheres fogosas ardendo de desejo diante do corpo masculino” – técnica nº 75 (p.259)

As orientações se prestam a resultar em bom conhecimento a respeito do sexo oposto. Quanto mais a mulher estiver sintonizada com a sexualidade masculina, mais o sexo será eletrizante para ele. O mesmo caminho é proposto para o homem. É preciso descobrir nos parceiros o que de fato provoca prazer. Lowndes sugere conduta parecida com a de um detetive para descobrir o que mais agrada a “Caça” na cama.

O investigador do prazer ou “detetive sexual”: “ precisa colocar o chapéu de Sherlock Holmes, pegar a lupa e mover-se furtivamente por todos os contornos e desvios da psique sexual de sua Caça” (p.235).

Percebe-se ao longo do texto a necessidade premente em moldar os atos dos chamados caçadores para atrair a “Caça”. A partir de seis elementos – *primeira impressão, semelhanças, equidade, ego, diferenças entre os sexos e receitas para o sexo* – propostos como itinerário para a conquista, a autora promete que pode fazer qualquer indivíduo apaixonar-se por outro.

Ressalta-se que todo caminho para consolidar êxito no relacionamento é materializado a partir das posições científicas vinculadas ao determinismo biológico que não considera a importância da cultura na sistematização de comportamentos. A autora

supervaloriza suas ideais sem considerar o peso que a cultura tem na formação dos valores masculino e femininos, inclusive sexuais, como destaca em seu artigo: *O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar*, a professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, Maria Celeste Mira (2003):

Parece que às mulheres raramente interessa ver apenas o corpo nu, possivelmente porque um homem vestido traz mais informações sobre o seu interior, sua maneira de ser. Em outros termos, não é que as mulheres não se interessem por sexo, é que elas preferem ouvir e falar do que ver. Evidentemente, essas preferências são históricas, relacionam-se à cultura sexual no sentido amplo da expressão ou, na expressão de Peter Gay, à educação dos sentidos. Assim como aos homens não são permitidas as lágrimas, às mulheres não foi ensinado o olhar erótico ou pornográfico (p.30).

Portanto, a transformação do comportamento delineado por Lowndes não reflete sobre a relevância da cultura e como isto pode ser fundamental para qualquer tipo de mudança. Orientar o leitor a fingir, dissimular, tentar fazer as vontades do *Parceiro Amoroso em Potencial*, acaba contribuindo para falsear os relacionamentos, pois as ações assumidas pelos “caçadores” são de fato representações daquilo que não se é. O risco do sucesso de uma obra dessas proporciona a formação de tramas amorosas desprovidas do que é mais significativo nas relações interpessoais: o amor.

Se o que se busca é agradar a “Caça”, tendo vontades e gostos semelhantes, falando as mesmas coisas, o mesmo dialeto, massageando o ego, dizendo que o outro é o mais belo, o mais inteligente, o mais agradável, o mais prazeroso, cria-se um ser de grandes vaidades que irá aprisionar o parceiro em leito narcísico e egocentrista. Se todas as etapas forem cumpridas como determina a autora, o “caçador” perderá por completo a própria identidade e terá como horizonte existencial a satisfação das vontades alheias.

4.2.3. Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus

Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus (1992), escrito pelo canadense John Gray é outra obra que oferece informações de relacionamento para homens e mulheres. Para Gray, o livro – “um manual para relacionamentos amorosos nos anos 90”

(p. 10) – apresenta soluções para os problemas de todos os casais que querem entender as diferenças entre os sexos e melhorar a relação no casamento:

Homens são de Marte, mulheres são de Vênus revela novas estratégias para reduzir a tensão nos relacionamentos e criar mais amor através, em primeiro lugar, do reconhecimento detalhado de como homens e mulheres são diferentes. Oferece então sugestões práticas sobre como reduzir a frustração e o desapontamento e criar felicidade e intimidade crescentes. Relacionamentos não têm que ser uma batalha tão árdua. Somente quando não entendemos um ao outro, há tensão, ressentimento ou conflito (p.10).

O livro contém treze capítulos que sustentam a concepção de que homens e mulheres vieram de planetas diferentes e estão na terra esquecidos, num processo de amnésia em relação ao passado.

Abre o texto tecendo considerações sobre o título da obra. Assim, Gray estrutura a afirmação através de uma escrita de que sugere aparentar-se com desdobramento de caráter mítico, pois narra uma estória onde os marcianos encontram as venusianas e da relação emerge um “amor mágico” que ganha ares de complexidade, pois nascem os conflitos, quando ambos decidem voar para o planeta terra:

Por anos seguidos viveram em amor e harmonia. Aí eles decidiram voar para a Terra. No começo tudo era maravilhoso e lindo. Mas os efeitos da atmosfera da Terra assumiram o controle, e certa manhã todos acordaram com um tipo peculiar de amnésia – amnésia seletiva! Tantos os marcianos quanto as venusianas esqueceram que eram de planetas diferentes e que deviam ser diferentes. Naquela manhã tudo o que tinham aprendido sobre suas diferenças foi apagado de sua memória. E desde esse dia homens e mulheres têm vivido em conflito. (p. 19).

O autor se apropria inadequadamente de um discurso fantasioso que decorre da mitologia –que é o estudo e a interpretação do mito²⁵ e do conjunto dos mitos de uma determinada cultura –para criar uma estória que não se sustenta nem pela cultura, por não se caracterizar enquanto mito de fato de uma determinada sociedade; nem pela ciência, pelas contradições dos dados apontadas ao longo da análise da obra. Gray se vale de uma

²⁵ . O mito é a primeira explicação, produzida pela humanidade, para justificar a existência dos fenômenos que rondavam o nosso mundo. A principal característica desse tipo de explicação era o discurso fabuloso, ilógico, sobrenatural, não racional. Geralmente, acreditava-se numa pessoa mais experiente que tinha autoridade por ter testemunhado o fato que está narrando ou por ter recebido a notícia de quem testemunhou os acontecimentos narrados.

espécie de banalização do sucesso do discurso “mítico”, muito utilizado, também, por consultores de motivação para credibilizar sua narrativa.

Prossegue na tentativa de examinar as diferenças entre os valores dos homens e das mulheres, sob a designação: *O sr. Conserta-Tudo e o comitê para o progresso da casa*. Nesse sentido, os homens valorizam poder, competência, lógica, resultados e realização pessoal, pois ocupam o tempo mentalizando meios de evidenciar a própria força.

No âmbito feminino, outra ordem de valores assume *status* de prioridade: amor, amizade, comunicação e beleza.

A autora discute dois tipos de erros praticados, incontinente, nos relacionamentos: “um homem tenta mudar os sentimentos de uma mulher quando ela está aborrecida tornando-se o sr. Conserta-Tudo e oferecendo soluções para os seus problemas que invalidam os sentimentos dela” (p. 29); a mulher “ tenta mudar o comportamento de um homem quando ele comete erros tornando-se o comitê para o progresso da casa e oferecendo conselhos e críticas não solicitados” (p. 29).

Como Gray impõe estado de esquecimento mítico sobre as naturezas originais dos gêneros – e, ao que indica, se coloca como único conhecedor do sucesso, o que, por também ser humano, já o desqualifica na argumentação que apresenta como base de origem – compreende o passado de “marciano” e “venusiana” e detém o entendimento do por que homens e mulheres cometem tais erros sem o saber.

Então, registra o fato de que caso as lembranças forem recuperadas, possibilita-se corrigir os erros e responder imediatamente um ao outro de modo mais produtivo. Deste modo, ainda baseado em discurso de fragilidade argumentativa, Gray é mais um desses produtores receituristas a introjetar na mente dos consumidores a ideia de que no passado as relações eram mais harmônicas e felizes, sobretudo entre homens e mulheres.

A alegoria de Marte e Venus sugere encobrir sentido de saudosismo de um tempo onde os relacionamentos se assentavam sob base predominantemente machista nas sociedades, devotando ao feminino comportamento submisso, não inserido no mercado de trabalho, com incumbência apenas de guardião do lar. Há que se lembrar, neste momento, que a obra se propõe a atender às necessidades de indivíduos dos anos 1990, às portas do século atual.

Como o discurso se apresenta falseado, permite toda sorte de inferências, desde as mais crentes – para deleite do mercado – às mais críticas. Assim, pode-se supor que o planeta Vênus é usado como metáfora figurativa de aconchego e abrigo – a casa, o feminino impostamente monogâmico e dependente financeiramente do masculino –; e o planeta Marte, a rua, o homem poligâmico imerso nas tramas do trabalho e relacionamentos extraconjugais. Maria Bernardete Ramos Flores no artigo *Entre a Casa e a Rua... Memória Feminina das Festas Açorianas no Sul do Brasil* de 1995, expressa:

Da história, dita tradicional, as mulheres foram excluídas, pelo fato de se destinarem a elas os espaços domésticos, enquanto que as narrativas históricas se voltaram para os eventos da esfera pública. Com as novas perspectivas da história, incluindo o privado e o cotidiano em suas abordagens, tem se tornado lugar comum refletir sobre a divisão sexual da memória: os homens estariam aptos a narrar os eventos gerais, da esfera pública; as mulheres seriam as guardiãs e as informantes da vida cotidiana. (p.118)

Confere sequência ao “estudo” ao visar a descobrir as maneiras diferentes com que homens e mulheres lidam com o *stress*. De acordo com Gray, enquanto os marcianos tentam se afastar e pensar silenciosamente sobre o que os importuna, as venusianas sentem uma necessidade instintiva de conversar sobre aquilo que as incomoda. Esta visão – que mais se aparenta a resolução – corrobora com as ideias proposta em *Homens fazem sexo, mulheres fazem amor* (2000). Nesse sentido, Gray afirma:

Quando um marciano fica aborrecido, ele nunca fala sobre o que o está incomodando. Ele jamais chatearia outro marciano com seu problema, a menos que a assistência de seu amigo fosse necessária para resolver o problema. Em vez disso, ele fica calado e vai para sua caverna particular para pensar sobre o problema, ruminando sobre ele para achar a solução. Quando acha uma solução, se sente muito melhor e sai da caverna (p.22).

De modo similar:

Quando uma venusiana fica aborrecida ou estressada com o seu dia, para encontrar alívio, ela procura por alguém em quem confie e então conversa com todos os detalhes sobre o problema do seu dia. Quando as venusianas compartilham suas fragilidades, elas repentinamente se sentem melhor. Esse é o jeito venusiano (p.22).

Perceptível a fragilidade na construção do discurso por apresentar repetição de ordem frasal “quando um...”, “quando uma...” e uma resolubilidade inequívoca proposta

pelo autor. O texto deve demonstrar segurança para o leitor, não existindo neste tipo de narrativa brecha para dúvida. A verdade dimensionada na obra tem caráter absoluto.

Na construção do raciocínio desenvolvido pelo autor, *como motivar o sexo oposto* é tema relevante. Segundo Gray, os homens motivam-se quando solicitados; em contrapartida, as mulheres se estimulam quando acalentadas. Tomado pelo princípio, propõe três passos como forma de melhorar o relacionamento, atentando-se para o fato de que cada sexo deve vencer o próprio desafio; ou seja: o masculino carece superar a natural resistência em dar amor, enquanto o feminino tem que superar a resistência em recebê-lo.

Embora, no contexto da recepção, pontos de deficiência argumentativa como este não sejam detectados, cabe ao leitor crítico observá-los. O evidente ponto de contradição ocorre quando se coteja representações das articulações autorais de pensamentos.

No tópico *sr. Conserta-Tudo e o comitê para o progresso da casa*, Gray registra que, no âmbito feminino, prioriza-se ordem diversa de valores: **amor, amizade, comunicação e beleza**. No entanto, no agora focado – contraditoriamente – atinente ao amor, o feminino deve **superar a resistência em recebê-lo**. Ora, a precariedade funcional verificada é função de erro elementar no processo de manutenção argumentativa do discurso. Aqui, o autor, declaradamente peca pelo defeito de argumentação ao entrar em contradição; atitude que desabonaria ou mesmo inviabilizaria o próprio discurso. Entretanto, **aiá** está o mercado e a mercadoria, o consumo; demoniacamente, sustentando o inverso.

Mesmo assim, segue e apresenta os passos a serem trilhados: 1) motivação – basicamente significa que o marido deve ouvir mais a esposa; 2) responsabilidade – a responsabilidade de apoiar a esposa cabe ao marido; 3) prática – o marido deve respeitar os limites da esposa e essa deve aprender a deixar claro quais são esses limites.

Criam-se obrigações maritais e nesse tópico paradoxal, deveres para o marido, pois a esposa deve aprender a receber. O discurso de Gray, por tentar aproximação com a hermenêutica mítica, investe na ilogicidade, pois na mitologia – como destacado anteriormente – não há necessidade de veridicismo para o fato. Mas o contraditório pertence ao mito. O caráter ou condição de ilógico proposto na obra se desqualifica por ser desprovida de sentido, de lugar, de *ethos*, de cultura. Eles são “marcianos” e “venusianas” e sendo assim nomeados estão “perdidos” no planeta Terra e se afastam de

qualquer aproximação identitária com a comunidade dos humanos. Tal envolvimento entre os mitos (deuses, semideuses, heróis, criaturas) e os humanos se realizava nas diversas narrativas.

Jogos figurativos sugerem-se como metodologia estratégica para compor o universo apresentado pelo autor. *Falando línguas diferentes*, demonstra causa de desencontros entre os gêneros. Gray convencionaliza um “*Dicionário fraseológico marciano/venusiano*” (p.12) com intuito de traduzir expressões comumente mal interpretadas. O objetivo é ensinar como homens e mulheres falam e até param de falar por razões inteiramente opostas.

Para ilustrar e possibilitar um melhor entendimento do tópico seguem alguns exemplos do “*Dicionário fraseológico marciano/venusiano*”:

- a) "**Nós nunca saímos**" traduzido para marciano quer dizer "Eu estou com vontade de sair e fazer algo junto com você. Nós sempre nos divertimos tanto e eu adoro estar com você. O que você acha? Você me leva para jantar? Já se passaram alguns dias desde que saímos." (p.47);
- b) "**Eu estou tão cansada que não posso fazer nada**" traduzido para marciano significa "Eu estou fazendo muita coisa hoje. Eu realmente preciso de um descanso antes de fazer qualquer outra coisa. Tenho tanta sorte por ter o seu apoio! Você me dá um abraço e me assegura de que eu estou fazendo um bom trabalho e que mereço um descanso?" (p.48);
- c) "**Estou bem**" traduzido para venusiano significa "Estou bem. Eu posso lidar com meu aborrecimento. Não preciso de ajuda alguma, obrigado". (p.54);
- d) "**Não é nada**" traduzido para venusiano significa "Nada está me incomodando que eu não possa resolver sozinho. Por favor, não me faça mais perguntas sobre isso". (p.54)

Ousadamente, Gray sugere um dicionário para que os gêneros masculinos e femininos passem a se entender linguisticamente, pois as línguas dos “marcianos” e das “venusianas” tinham as mesmas palavras, mas a maneira como eram usadas lhes dava significados diferentes. A elaboração e aplicação das interpretações no cotidiano de homens e mulheres garantem o entendimento e a harmonia no relacionamento amoroso. Neste caso o autor acaba tendo uma importância como organizador da linguagem e adentra pretensiosamente um universo gramatical, semântico, semiótico, de análise do discurso cientificamente estruturado e reconhecido academicamente. Essa narrativa reducionista se impõe como substituta de todas as coisas.

Em *Os homens são como elásticos*, a razão autoral recai sobre estimular os leitores a descobrirem como homens e mulheres têm necessidades diferentes de intimidade. Gray (p.58). Aprendendo como suportar o processo de afastamento do masculino, a mulher apreende, também, um meio de fazê-lo retornar “como um elástico”.

Gray apresenta duas maneiras de como a mulher pode alterar o que ele denomina de “ciclo de intimidades” (p. 66) e ter maior controle da relação com o parceiro. “Há duas maneiras com as quais uma mulher pode, inadvertidamente, obstruir o ciclo de intimidade natural do seu parceiro masculino. Elas são: (1) persegui-lo quando ele se afasta; e (2) puni-lo por se afastar” (p.66).

Na verdade, aparentemente, o que se percebe é uma disputa para controlar o relacionamento e ter uma sensação de segurança. No entanto, a base para tal fim se constrói sobre terreno movediço e falseador. Mais uma vez o autor peca por pueril erro de argumentação, nos mesmos moldes apresentados. Se o feminino deve “aprender a suportar o processo de afastamento do masculino”, como se sustentam os dois modos de obstruir o ciclo de intimidade masculino, principalmente o segundo: “puni-lo por se afastar”?

A percepção sobre o amor a partir de um conjunto de ações que visam o controle da relação contraria a análise do filósofo e psicanalista Erich Fromm que defende um conceito de amor livre de joguetes e conselhos para prender a pessoa amada.

O amor amadurecido é união sob a condição de preservar a integridade própria, a própria individualidade. O amor é uma força ativa no homem; uma força que irrompe pelas paredes que separam o homem de seus semelhantes, que o une aos outros; o amor leva-o a superar o sentimento de isolamento e de separação, permitindo-lhe, porém, ser ele mesmo, reter sua integridade. No amor, ocorre o paradoxo de que dois seres sejam um e, contudo, permaneçam dois. (FROMM, 1964, p.11)

Punição, perseguição são termos que inexistem na relação amorosa prevista por Fromm. Não se pode pensar dessa forma, pois amor é livre e respeita os momentos de afastamentos. “O amor é uma força que produz amor” Fromm (1964, p.13). Punir e perseguir são atitudes policiais, autoritárias. É isso que os conselheiros de auto-ajuda ensinam sobre relações amorosas.

As mulheres são como ondas discute como as atitudes amorosas de uma mulher aumentam e diminuem ritmicamente num movimento ondulatório. Para Gray, os homens

devem aprender como interpretar essas mudanças de sentimentos, algumas vezes repentinas.

Uma mulher é como uma onda. Quando ela se sente amada, sua autoestima sobe e desce num movimento ondulatório. Quando ela estiver se sentindo realmente bem, ela atingirá o pico, mas então, de repente, seu estado de ânimo pode mudar e sua onda quebrar vertiginosamente. Esse mergulho é temporário. Depois de atingir o fundo, de repente, seu estado de ânimo mudará e ela de novo se sentirá bem sobre si mesma. Automaticamente sua onda começa a subir de novo. (GRAY, 1992, p. 69)

O autor alerta os homens, ou “marcianos”, para aprenderem a lidar com as oscilações de ânimo femininas; repentinas e automáticas. Interpretar sinais temporários que se organizam a partir dos sentimentos de um indivíduo em estado de enamoramento é o ingrediente para desmotivar o que se tem de mais afrodisíaco no relacionamento: o desejo, a adrenalina, o tesão. Gray propõe racionalidade, analisar mudanças de sentimentos, o que leva a crer que sua cartilha preocupa-se acentuadamente com o controle das relações, secundarizando o amor.

Em *Descobrimo nossas diferentes necessidades emocionais*, o autor afirma que homens e mulheres dão o tipo de amor de que precisam e não o tipo de amor de que o sexo oposto precisa. Segundo Gray, os homens precisam primordialmente de um tipo de amor que seja confiante, que aceite e aprecie. Já as mulheres, precisam de um tipo de amor que seja carinhoso, que entenda e respeite. O capítulo apresenta seis maneiras mais comuns pelas quais a mulher pode, sem saber, estar desestimulando o parceiro.

Erros que as mulheres comumente cometem

1. Ela tenta melhorar o comportamento dele ou ajudá-lo oferecendo conselhos não solicitados.
2. Ela tenta mudar ou controlar o comportamento dele compartilhando seus sentimentos negativos ou seus aborrecimentos. (Tudo bem em compartilhar sentimentos, mas não quando eles tentam manipular ou punir.)
3. Ela não reconhece o que ele faz por ela, mas reclama do que ele não faz.
4. Ela corrige o comportamento dele e lhe diz o que fazer, como se ele fosse uma criança.
5. Ela expressa sua desaprovação indiretamente, com perguntas retóricas do tipo "Como você pôde fazer isso?"
6. Quando ele toma decisões ou iniciativas ela o corrige ou critica. (GRAY, 1992, p. 86)

Há que se discutir se os amantes dão o “tipo de amor de que precisam e não o tipo de amor de que o sexo oposto precisa”. Como determinar empiricamente algo tão idiossincrático? Gray, no papel que lhe convém de “guru” do amor, generaliza (sobremaneira) as intimidades tornando universal o que pode ser um comportamento particular. As generalizações, fruto de observação apressada sobre o fenômeno analisado, infere equivocadamente produzindo preconceitos e sentimento de culpa, como no exemplo acima sobre os erros na relação amorosa o autor credita às mulheres. Para algumas mulheres, dependendo do contexto do relacionamento os erros podem ser certos.

“*Como evitar discussões*” defende que os homens devem aprender que agindo como se sempre estivessem com a razão, podem invalidar os sentimentos femininos. As mulheres, por sua vez, devem perceber como, sem saber, passam mensagens de desaprovação em vez de discordância, reforçando, desse modo, os sentimentos de defesa do homem. Para Gray (1992, p.92): “do mesmo modo que a comunicação é o elemento mais importante num relacionamento, discussões podem ser o elemento mais destrutivo”. Assim, impõe aos leitores o silêncio amoroso ou a paz nos diálogos entre os casais. Nesta ótica, as discussões são pensadas apenas negativamente, pois não trazem novas perspectivas para os amantes. Evitar o debate e a reflexão sobre a relação, inviabiliza as intempéries conjugais. Ler livros de auto-ajuda é muito mais cômodo e agregador para estimular o amor no relacionamento que se dispor a discutir se ainda há vontade de continuidade entre as partes.

Marcando pontos com o sexo oposto evidencia como homens e mulheres pensam de maneiras diferentes os placares, a pontuação do amor. Os homens são convidados a entender que para as “venusianas” qualquer presente de amor marca tantos pontos quanto qualquer outro presente, independente do tamanho. Gray ressalta que em vez de se concentrarem em um grande presente os homens são lembrados de que pequenas manifestações de amor são tão importantes quanto as grandes. “Quando uma mulher faz contagem de pontos, não importa o quanto um presente de amor seja grande ou pequeno, ele marca um ponto; cada presente tem valor igual” Gray (1992, p.108).

O autor lista 101 maneiras dos homens marcarem pontos com as mulheres. Entre elas merecem destaque:

1. Ao chegar em casa, encontre-a antes de fazer qualquer outra coisa e dê-lhe um abraço.
 2. Faça-lhe perguntas específicas sobre o dia dela que indiquem que você sabe o que ela estava planejando fazer (ex.: "Como foi sua consulta com o médico?").
 3. Tente ouvir e fazer perguntas.
 4. Resista à tentação de resolver os problemas dela – em vez disso demonstre empatia.
 5. Dê-lhe vinte minutos de atenção não solicitada (não leia o jornal ou se distraia com qualquer outra coisa durante esse tempo).
- (GRAY, 1992, p. 109, 110)

As mulheres, no entanto, aprenderão a redirecionar as energias para formas de marcar pontos com os homens, dando-lhes o que querem. O autor destaca algumas ações das mulheres que podem valer pontos na relação:

1. Ele comete um erro e ela não diz "Eu te falei" ou oferece conselho.
2. Ele a desaponta e ela não o pune.
3. Ele se perde enquanto dirige e ela não superestima o fato.
4. Ele se perde e ela vê o lado bom da situação dizendo "Nós nunca teríamos visto esse lindo pôr-do-sol se tivéssemos tomado o caminho certo".
5. Ele se esquece de comprar alguma coisa e ela diz "Tudo bem. Você compra da próxima vez que sair?" (GRAY, 1992, p. 120)

O relacionamento transforma-se numa grande competição, onde homens e mulheres devem marcar pontos para manterem-se firmes e fortes no campeonato das emoções. Os indivíduos que se dispõem a esse tipo de “maratona” do amor, certamente estão num grau de necessidade amorosa – carência de Eros – que aceitam acriticamente tais recomendações.

Em *Como comunicar sentimentos difíceis*, Gray demonstra as formas de se comunicar um com o outro durante tempos difíceis. As maneiras diferentes de homens e mulheres ocultarem sentimentos são discutidas junto com a importância de compartilhar tais sentimentos. A técnica da carta de amor é recomendada para expressar sentimentos negativos ao parceiro, como uma forma de descobrir o amor maior e o perdão. “Quer você compartilhe seus sentimentos na sua carta ou simplesmente escreva uma carta para se sentir melhor, escrever seus sentimentos é uma ferramenta essencial” Gray (1992, p. 125).

Como pedir apoio e receber discute porque as mulheres (venusianas) têm maiores dificuldades para pedir ajuda e porque os homens (marcianos) resistem aos pedidos. Gray

(1992, p. 146) afirma que “as mulheres cometem o erro de julgar que não têm que pedir apoio. Como elas intuitivamente sentem as necessidades das outras e dão o que puderem, elas erroneamente esperam que os homens façam o mesmo”.

O autor sugere três passos para que as mulheres possam aprender a pedir e receber o apoio que deseja: “ (1) Pedir corretamente o que já está recebendo; (2) Tentar pedir mais (mesmo quando se sabe que ele pode dizer não); (3) Tentar pedir mais asseveradamente” Gray (1992, p. 147).

Mantendo viva a magia do amor, último capítulo, o autor apresenta as quatro estações do amor. Gray discute, segundo convicções realistas próprias, como o amor muda e como a compreensão pode ajudar os leitores a transpor obstáculos do relacionamento: 1) primavera, comparada à paixão; 2) o verão, que se dá quando os parceiros percebem que o outro não é tão perfeito quanto se imaginava; 3) o outono, momento de se colher e experimentar um amor mais amadurecido; 4) o inverno, momento de experimentar a própria dor.

Segundo Gray (1992), em cada capítulo do livro, os leitores descobrirão novos segredos para criar relacionamentos amorosos e duradouros. Cada nova descoberta aumentará as habilidades para terem relacionamentos satisfatórios. De maneira irrefutável, o autor injeta fetichistamente no imaginário do público-consumidor a fórmula para se entender, para entender o outro e obliterar qualquer tipo de dificuldade no relacionamento amoroso.

4.3. O Lugar da Cultura no Debate Sobre as Diferenças Entre Mulheres e Homens

Segundo Laraia (2001), o conceito de cultura no mundo moderno, a partir do final do século XVIII, tem origem no termo germânico *Kultur* (vem de Kultus—cultivar a terra) utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade. Na França, no mesmo período, a palavra que se refere à cultura é *Civilization*, relacionada às realizações materiais de um povo. Laraia afirma que o primeiro antropólogo a conceituar cultura neste contexto de modernidade foi o inglês Edward Tylor (1832-1917) que entendia Cultura (*Culture*) como “o todo mais complexo” que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Outros pensadores são fundamentais para ampliar o referido conceito e delimitar as correntes antropológicas em torno deste estudo. Franz Boas, antropólogo alemão, contribui com a ideia de relativismo cultural que defende a validade e a riqueza de se observar sistemas culturais, não partindo dos conceitos ocidentais-modernos de moral e ética. Esta perspectiva entende que existe uma incompatibilidade fundamental entre os sistemas de valores de diferentes culturas e também que não há critérios objetivos que permitam classificar e hierarquizar as culturas entre superiores e inferiores, pois devem ser vistas como igualmente aptas a preencher as necessidades de seus integrantes.

Segundo Cucho (1999, p. 45), para Boas “cada cultura representa uma totalidade singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade”. Boas se ocupa em exaltar a dignidade de cada cultura, o respeito e a tolerância em relação a culturas diferentes.

Bronislaw Malinowski, antropólogo polonês (1884/1942), dedica-se ao estudo das sociedades "primitivas" imbuído do objetivo de compreender a visão de mundo do “nativo”. Para Malinowski, as necessidades biológicas (primárias) determinavam a existência de outras necessidades: as culturais (secundárias). A cultura seria uma totalidade complexa e, para compreendê-la, o antropólogo deve se fixar na descrição e compreensão das instituições que compõem essa totalidade. Malinowski faz parte da chamada Escola Funcionalista²⁶.

Clifford Geertz (1926/2006), antropólogo norte-americano, em *A Interpretação das Culturas*, assevera:

O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (1973, p.15).

²⁶ . Corrente de pensamento da antropologia que valoriza o estudo das culturas sob o ponto de vista da função, ou seja, ressalta a funcionalidade de cada unidade da cultura no contexto cultural global. (Vôo Panorâmico da “Aventura Antropológica”, cit. p. 15).

Com a proposta de uma antropologia interpretativa²⁷, Geertz retoma a discussão sobre o estatuto da dimensão simbólica no pensamento social. A cultura vista como uma teia de significados que o homem teceu, contribui para crescente visibilidade dos processos criativos pelos quais os objetos culturais são inventados e tratados como significativos.

Lévi-Strauss, (1908/2009), antropólogo e filósofo francês, fundador da antropologia estruturalista²⁸ 24. Compreende a cultura como sistemas estruturais. Essa abordagem tem relação com a ideia das estruturas mentais inconscientes, no seu entendimento, presentes nas elaborações culturais: instituições, arte, linguagem, mito, parentesco:

Cultura é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, lei costumes e vários outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (LEVI-STRAUSS, apud MELLO 1986, p. 397).

De acordo com a antropologia moderna, são essas as principais concepções de cultura e todas elas estão carregadas de ideologias, pois representam uma determinada escola dentro da antropologia. Cada conceito apresenta um olhar possível para o estudo da sociedade, dos valores, comportamentos dos grupos humanos. José Luiz dos Santos em *O Que é Cultura?* Sintetiza os conceitos de cultura discutidos:

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo, se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como, por exemplo, se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. (SANTOS, 2006, p. 45/46)

²⁷. Entende a cultura como um texto na qual o ser humano está imerso e todos os elementos da cultura analisada devem ser entendidos, portanto, à luz desta textualidade, imanente à realidade cultural. (Vôo Panorâmico da “Aventura Antropológica”, cit. p. 16).

²⁸. Corrente de pensamento que buscou elementos na Linguística que, para Lévi-Strauss, havia – enquanto ciência – feito avanços significativos no desenvolvimento de um pensamento propriamente objetivo. (Vôo Panorâmico da “Aventura Antropológica”, cit. p. 16).

A cultura é o elemento *sine qua non* para a construção da história, sociabilidade e *ethos* da espécie.

Sobre a importância da cultura para discutir as diferenças entre mulheres e homens nos livros (em análise) de auto-ajuda é visível – na perspectiva dos autores – a defesa das diferenças a partir de uma concepção de caráter apenas biológico. Os autores desconhecem por completo o contexto cultural, o ambiente das relações e construções de valores. Óbvio que existem diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas não se deve desvincular nenhum ser humano da realidade e da respectiva cultura.

Sobre a relação entre os elementos cultural e biológico, Paiva (2004, apud Berger & Luckmann, 1985) ressalta:

O homem quando posto no mundo, ainda está para se desenvolver biologicamente; e que, a possibilidade de tornar-se humano está na dependência de dois ambientes: um ambiente natural particular e um ambiente humano de ordem cultural e social específica. Eles estão chamando atenção para a impossibilidade do homem se desenvolver no isolamento.

Negar as diferenças culturais e supervalorizar o *status* biológico sugere-se regra em tais publicações. Santana (2008) afirma que *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* é uma obra em que a diferença é mais diretamente atribuída a características fisiológicas e a um possível passado da humanidade. Para os autores, naquele período da história, os papéis de homens e mulheres começam a se naturalizar.

Para Santana, ao analisar o sexismo nos livros de auto-ajuda, o que tais obras apresentam é uma suposta positividade da diferença: “Não é difícil notar aí um discurso que incentiva acima de tudo a relação monogâmica e heterossexual e propõe uma cristalização e aceitação dos papéis de gênero” (2008, p.01). Deste modo, é preciso pensar que as diferenças biológicas entre os sexos não determinam as desigualdades entre eles.

Nesse sentido, vejamos como Gray (1992), em *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*, afirma a diferença entre os sexos:

Entendendo como homens e mulheres são completamente diferentes, você vai aprender novas maneiras de lidar com sucesso, ouvir e apoiar o sexo oposto. Você aprenderá como criar o amor que você merece. [...] Quando você se lembrar de que seu parceiro é tão diferente de você quanto uma pessoa de outro planeta, você poderá então relaxar e

cooperar com as diferenças em vez de resistir ou tentar mudá-las. (GRAY, 1992, p. 15).

O discurso do livro transforma homens e mulheres em seres de outro planeta e analisa as diferenças como um problema— embora os autores não admitam essa possibilidade—para os relacionamentos, tendo que escreverem manuais para ensinar os leitores a manter um casamento, um namoro com tantas diferenças.

Para Vicente (2006), ao se entender o gênero como a relação entre os sexos que assegura um significado para os conceitos de homem e mulher, pode-se concordar com Torrão Filho (2005 apud Scott, J. W. *A Origem das Mulheres*, p. 89) que o gênero “transforma seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres sociais”. Por tanto, as diferenças são salutares para ambos e cada cultura tem uma maneira de se relacionar com esse contexto.

Para o casal Alan e Bárbara Pease (2001, p.15), autores do livro *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, “Essa compreensão ampliada das nossas diferenças ajuda a resolver muito da frustração em lidar e tentar entender o sexo oposto. Desentendimentos podem então ser rapidamente dissipados ou evitados”. Torna-se evidente a preocupação em resolver os problemas das diferenças entre homens e mulheres.

Identificando as dificuldades de entendimento entre homens e mulheres e respectivas diferenças de gênero e sexo, os livros de auto-ajuda são guias na compreensão das diferenças e impõem aos leitores a ideia de que compreender que homens e mulheres são diferentes é um novo paradigma científico; a grande novidade do momento, mas, paralelamente a esse tipo de afirmação, retomam, no discurso e nos exemplos, conceitos que remetem a mulher a um antigo papel de desigualdade e inferioridade social, já que ao sugerir que a mulher não incomode o parceiro, insinua que as falas, preocupações ou ocupações femininas são menos importantes do que as masculinas e que ela deve aguardar a “hora” de ser chamada, de se pronunciar e até de se aproximar dele.

A citação do livro *Por que homens fazem sexo e mulheres fazem amor?* demonstra exatamente essa tendência conservadora em relação à mulher: “Essa diferença básica entre os sexos é uma frequente fonte de problemas. A mulher tenta conversar com o homem justamente na hora em que ele está lendo o jornal ou navegando pelos canais” (Bárbara e Pease, 2000, p. 54).

Lowndes, em *Como fazer qualquer pessoa se apaixonar por você*, também ensina aos “discípulos”, que denomina de “Caçadores”, a se relacionarem e conhecerem as diferenças da sua “Caça”:

Para evitar assustar a presa antes de abatê-la, os caçadores compenetrados aprendem todos os hábitos e características do cervo, do alce e do porco do mato. Da mesma forma, compenetrados, Caçadores e Caçadoras do amor precisam ser bem versados nas diferenças entre os sexos se quiserem “abater” sua Caça. (LOWNDES, 1999, p.28)

A ideia é conhecer muito bem as diferenças para que os “Caçadores” possam “abater” a presa e dominar a relação. Assim, ao que sugere, não se discute o amor, a conquista prazerosa e recíproca de carinhos e sentimentos. O que está em jogo é o controle da caça que ameaça a individualidade do caçador. Deste modo, para que um seja feliz, carece-se formatar o outro segundo desejos próprios. A relação amorosa nesta perspectiva da auto-ajuda é uma espécie de conversão do *OUTRO* no próprio *EU*. No final das contas, o caçador relaciona-se consigo mesmo.

Os autores dessas obras equivocam-se por entender que muitas das características do masculino e do feminino não são determinadas apenas pelos fatores biológicos; mas influenciadas, também, pela classe social, pela cultura, pela educação, bem como por características individuais de personalidade: “Nem todos os homens são agressivos, objetivos, seguros de si etc., da mesma forma que nem todas mulheres são inseguras, pouco agressivas e sem objetividade” (Araujo, 2005, p. 46).

Para Santana, esses livros remetem um passado ideal onde homens e mulheres conviviam “harmoniosamente”. Isso se dá por intermédio da evocação da horda primordial – tempos pré-históricos – onde homens eram caçadores e mulheres ficavam com o grupo, de modo a haver delimitação de funções. Assim, gerou-se a especialização dos organismos de homens e mulheres de modo a constituírem biologicamente diferentes.

O fato é que não se pode pensar as relações humanas fora da cultura. Por isso Laraia (2001) questiona que desde a Antiguidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre os homens, a partir das variações dos ambientes físicos. Para ele, tanto o determinismo geográfico quanto o determinismo biológico foram incapazes de resolver o dilema, pois o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado chamado de “endoculturação”, ou seja, um homem e uma mulher agem diferentemente não em função dos respectivos hormônios, mas em decorrência de uma

educação diferenciada. Para Laraia, a cultura se desenvolveu a partir da possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o aparato biológico. Embora nenhum indivíduo conheça totalmente o próprio sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro dele. Em suma, a coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence:

Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos (CUCHE, 1999, p.45)

A cultura, portanto, serve de lente através da qual o homem vê o mundo e interfere nele. A partir do ambiente cultural de determinada sociedade pode-se entender as diferenças entre homens e mulheres. Elas podem se modificar se os valores sociais passarem por transformação (estado que sugere, talvez, um questionamento: o que está na base das transformações sociais?).

A transição do século XX para o século XXI trouxe mudanças significativas no âmbito político, tecnológico e principalmente cultural. O olhar sobre o homem e a mulher é outro, as mulheres estão mais inseridas nos espaços políticos, econômicos, de trabalho e muitos preconceitos foram superados, embora exista ainda uma estrutura cultural machista que se sustenta e impõe limites na relação homem/mulher. Resquício de um passado patriarcal que investia nas diferenças físico-biológicas para justificar a inferioridade feminina e a superioridade masculina.

As diferenças biológicas entre homens e mulheres não impedem a mulher de desempenhar papéis que outrora se caracterizava apenas como atividade masculina. Os problemas estão no âmbito da mentalidade, do mundo moral criado, das regras, dos comportamentos padronizados para cada gênero. Nesse sentido, o estudo da cultura assume importância vital para refletir sobre os relacionamentos entre gêneros. Discutir as diferenças entre mulheres e homens nos livros de auto-ajuda, focalizando prioritariamente fatores de ordem biológica, incorre num equívoco científico pôr impor um discurso superficial e epistemologicamente insustentável. O interesse deste capítulo foi – sobremaneira – evidenciar essas contradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros de auto-ajuda promovem um desligamento da realidade concreta, aventando a emergência de uma instância iluminada pelo pensamento positivo, místico, sagrado, pelo afeto, sucesso e pela certeza da felicidade. O indivíduo consome sem questionamento e reflexão.

O poder evocado nos títulos constrói uma imagem de realização fantástica e mágica, que reclama pouco investimento a não ser a leitura. Com frequência, ouvimos afirmações e interpretações baseadas nos livros de auto-ajuda como se fossem citações de grandes especialistas no assunto. O poder anestésico do discurso das obras de aconselhamento substitui os cientistas e os clássicos – autores reconhecidos historicamente no campo filosófico, epistemológico, literário e até no campo religioso.

Não precisamos mais de ciência, de análise crítica da realidade, vivemos um momento da história da humanidade em que os oráculos, a “bolinha de cristal” e o raciocínio indutivo são ferramentas mais eficazes para responder aos problemas do nosso tempo?

Todo esse processo de mudanças que excita a análise sobre o discurso defendido pelos livros de auto-ajuda como elemento construtor de um tipo de sociabilidade amorosa no século XXI, nos apresenta a possibilidade de perceber a capacidade desse conteúdo que mobiliza milhões de consumidores para as livrarias, sebos, feira de livros, internet, mercados, entre outros pontos de venda, que vão em busca desses modelos.

Nesse sentido é interessante observar que abrimos mão da possibilidade de construir nossas próprias histórias em nome de modelos, coisa pronta, fabricada para consumo. Corremos o risco de anular nossa existência, no sentido sartreano da palavra, para saborear a superficialidade dessas argumentações cheias de experiências pontuais que são generalizadas como verdadeiras cartilhas para a felicidade amorosa.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz, **O Discurso da Dominação Masculina**, Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil), (s/d).

AQUINO, Francisca Luciana de. **Mulheres “Gaieiras”: Fofoca e Infidelidade Conjugal Nas Redes De Vizinhança Em Nova Guanabara-Pe**. *Dissertação (Mestrado)* – Departamento de Antropologia– Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2007.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferenças e Igualdade nas Relações de Gênero: Revisitando o Debate**. *Psic. Clin*, Rio de Janeiro, v.17, nº2, p.41–52, 2005.

ARAÚJO, M. G. C. **Histórias de Amor no Cordel e Psicoterapia**. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia –Universidade de São Paulo (USP), 1992.

BARROS, José D’Assunção. **O Amor Cortês – Quatro Ensaios Historiográficos Sobre os Trovadores Medievais**. Vassouras: Lesc, 2002.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. 15^a. ed, Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2000.

_____, **Elementos de Semiologia**. Trad. Izidro Blikstein. São Paulo: Cutrix, 1964.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____, **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, **Globalização: as Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____, **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 34 ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

BRUNELLI, A. F. **“O Sucesso Está em Suas Mãos”: Análise do Discurso de Autoajuda**. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CALVET, Louis-Jean. **Roland Barthes. Uma Biografia.** Trad. Maria Ângela Villela da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993.

CESNIK, Fábio; BELTRAME, Priscila. **Globalização da Cultura.** Barueri, SP: Manole, 2005.

CHAGAS, Arnaldo Toni Sousa das. **A Ilusão da Auto-Ajuda.** Jornal A Razão, Santa Maria, 27 jul. 1996.

CHAGAS, A. **A Ilusão no Discurso da Auto-Ajuda e o Sintoma Social.** Ijuí. Ed. UNIJUÍ, 1999.

_____, **A Ilusão no Discurso da Auto-Ajuda e o Sintoma Social.** 2ª ed. Porto Alegre: Unijuí, 2001.

CHAVES, J. C. **Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade.** Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia– Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude Nem Favor: Estudos Sobre o Amor Romântico.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais.** Bauru: Edusc, 1999.

CUGINI, Paolo. **Identidade, Afetividade e a Mudanças Relacionais na Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman.** Feira de Santana, BA: [s.n], 2005.20 p.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2005.

DUBY, Georges, **As Damas do Século XII,** Lisboa: Editorial Teorema, 1996.

ESPINHEIRA, Gey. **O Declínio da Era Amorosa.** Salvador BA: [s.n], Curso Sociologia das Emoções, UFBA, 2006.18 p.

FIGUEIREDO, de Maria do Anjo Braacamp, Tradução. **Tristão e Isolda.** Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1994.

FLORES, Andréa Lúcia G. C. T. e AMORIM, Vera Christina de Oliveira. **Sexualidade na Gestação: Mitos e Tabus. Pesquisa Psicológica.** Revista Científica do Curso de Psicologia do CESMAC, Maceió - Alagoas – Brasil. Ano I, n  1, Julho de 2007.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Entre a Casa e a Rua... Memória Feminina das Festas Açorianas no Sul do Brasil.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 4, p. 117-142. 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional.** In: FAZENDA, Ivani. *Metodologia da Pesquisa Educacional.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 1977, p. 71-90.

_____, **O Enfoque da Dialética Materialista Histórica da Pesquisa Educacional** In: FAZENDA, Ivani (org.) *Metodologia da pesquisa educacional.* 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 71-90.

FROMM, Erich. **A Arte de Amar.** 3ª ed. Belo Horizonte: Ed.Itatiaia, 1964.

FROMM, Erich. **Sobre La Desobediencia Y Otros Ensayos.** Buenos Aires: Editorial Paidós, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Zahar. Rio de Janeiro, 1973.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades.** 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1993.

_____, **Identidade e Modernidade.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUEDES, Dilcio e ASSUNÇÃO, Larissa. **Relações Amorosas na Contemporaneidade e Indícios do Colapso do Amor Romântico (solidão cibernética?).** Revista Mal-Estar e Subjetividade. Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 396 - 425, set.2006.

GRAY, J. **Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____, **Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 10ª ed. São Paulo: DP&A, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico.** 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÁZARO, A. **Amor: Do Mito ao Mercado.** Petrópolis: Vozes, 1996.

LYNCH, Owen M. 1990: **The Mastram. Emocion and Person Among Mathura's Chaubes.** in: Owen M. Lynch (ed.), *Divine Passions. The Social Construction of Emotion in India*; S. 91-115. Delhi: Oxford University Press.

LIPOVETSKY, De Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade de Hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____, **A Era do Vazio: Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo.** Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

_____, **Metamorfoses da Cultural Liberal: Ética, Mídia e Empresa.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

LOLI, Rejane. **A Persuasão no Discurso de Auto-Ajuda: Uma Abordagem Sistêmico-funcional.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

LOWNDES, Leil, 2009. **Como Fazer Qualquer Pessoa Se Apaixonar Por Você.** São Paulo: Editora Record.2009.

MARTELLI, Carla Gandini Giani. **Autoajuda e o “Espírito De Nossa Época”.** Perspectivas, São Paulo, v. 38, p. 195-220, jul./dez. 2010.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelman.** 7a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural.** Petrópolis: Vozes. 1986.

MIRA, Maria Celeste. **O Masculino e o Feminino nas Narrativas da Cultura de Massas ou o Deslocamento do Olhar.** Cad. Pagu, Campinas, n.21, p. 13-38, 2003.

MORAES, Vera Lucia Albuquerque de. **Discurso e Amor: A Esfera da Intimidade e Suas Manifestações na Literatura.** Revista de Letras, v. 1/2, n. 27, jan/dez, 2005.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira: Das Origens Aos Nossos Dias.** São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, S. F. P e. **Discurso, Gênero e Argumentação na Auto-Ajuda de Shinyashiki.** Dissertação (Doutorado), Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

PAIVA, I. P. **Um Diálogo Sobre a Cultura e a Construção do Homem**. Holos, Ano 20, dezembro de 2004.

PEASE, Allan; PEASE, Bárbara. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças**. Tradução de Neuza M. Simões Capelo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PLATÃO. **Diálogos: O Banquete, Fédon, Sofista, Político**. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 4ªed., São Paulo, ed. Nova Cultural, 1987.

PLATÃO. **O Banquete**. Porto Alegre, L&PM, 2009.

RICARDINO, L. **Parabéns Pela Decisão de Ser Feliz: A Busca do Ser**. São Paulo: STS, 1997.

SANTANA, Patrícia Nardelli P. **Eu Não Sou de Vênus: Uma Análise do Sexismo em Livros de Auto-Ajuda**. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, Simpósio Temático 47 – Convenções Sociais, Marcadores de Diferença e Biotecnologias: Entre Permanências, Transformações e Debates Ético-Políticos, Florianópolis, de 25 a 28 de Agosto de 2008.

SANTOS, José Luiz dos. **O Que é Cultura**. São Paulo, Brasiliense. 2006.

SODRÉ, Muniz. **Best-Seller: A Literatura de Mercado**. São Paulo: Ática, 1985.

RIBEIRO, Lair. **O Sucesso Não Ocorre Por Acaso**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

RÖTTGER-RÖSSLER, Birgitt. **“Emoção e Cultura: Algumas Questões Básicas”**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v.7, n.20, pp.177 a 220. Agosto de 2008. (Tradução de Márcio da Cunha Vilar). ISSN 1676-8965

ROUGEMONT, Denis: **O Amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SMILES, Samuel. **Ajuda-te (Self-Help)**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1980.

TORRAO FILHO, Amilcar. **Uma Questão de Gênero: Onde o Masculino e o Feminino se Cruzam**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 24, p. 127-152, jan.-jun, 2005.

Tristão e Isolda, Lenda Medieval Celta de Amor. São Paulo: Martin Claret, 2006.

TURMINA, Adriana Cláudia. **Literatura de Autoajuda: Um Olhar Sobre as Relações de Trabalho.** CONTRAPONTO – Volume 9 n° 3 – pp. 94 - 109 - Itajaí, set/dez 2009.

VICENTE, Fabíola Níria. “**Será Que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?**” **Uma Discussão Sobre Como a Literatura de Auto-Ajuda Entende o Fenômeno da Infidelidade Conjugal.** Monografia (Graduação) – Curso de Graduação em Psicologia – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. **Vôo Panorâmico da “Aventura Antropológica”.** Teorias Antropológicas, São Paulo, 2009.

WEID, Olívia Von Der. **Perdoa-me Por Te Trair: Um Estudo Antropológico Sobre a Infidelidade Feminina.** Revista Habitus: Revista Eletrônica dos Alunos de Graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.49-59, 30 mar. 2004. Anual. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 05 de dezembro de 2011.